

Hilda Mara Lopes Araujo • Francisco Renato Lima  
Ronaldo Albano Matos • Francisca Marília Silva Mendes  
Armennia Vitória Araújo Santos • José Renato Sales da Silva  
[ORGANIZADORES]

# CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS

EDUCAÇÃO E LINGUAGEM EM INTERAÇÃO



cancioneiro

# CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS

HILDA MARA LOPES ARAUJO  
FRANCISCO RENATO LIMA  
RONALDO ALBANO MATOS  
FRANCISCA MARÍLIA SILVA MENDES  
ARMENNIA VITÓRIA ARAÚJO SANTOS  
JOSÉ RENATO SALES DA SILVA  
(ORGANIZADORES)

**Contação de histórias para crianças:  
educação e linguagem em interação**

cancioneiro

Copyright © 2024 by Hilda Mara Lopes Araujo, Francisco Renato Lima, Ronaldo Albano Matos, Francisca Marília Silva Mendes, Armennia Vitória Araújo Santos, José Renato Sales da Silva (organizadores)

Todos os direitos reservados.

*Editoração, projeto gráfico e diagramação*  
Ronyere Ferreira

*Capa*  
Lucas Rolim

*Revisão textual e normatização segundo a ABNT*  
Francisco Renato Lima

CANCIONEIRO

*Editora-chefe*  
Eva P. Bueno (St. Mary's University, Texas - EUA)

*Conselho editorial*  
Héctor Fernández L'Hoeste (Georgia State University, EUA)  
Johny Santana de Araújo (Universidade Federal do Piauí, Brasil)  
Josenildo de Jesus Pereira (Universidade Federal do Maranhão, Brasil)  
Kátia Rodrigues Paranhos (Universidade Federal de Uberlândia, Brasil)  
Márcio Douglas de Carvalho e Silva (Universidade Federal do Piauí, Brasil)  
Nancy Yohana Correa Serna (Universidad Nacional de Colombia, Colômbia)  
Talyta Marjorie Lira Sousa (Universidade Federal do Piauí, Brasil)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Contação de histórias para crianças: educação e linguagem em interação /  
Pedagogia-UFPI / Hilda Mara Lopes Araujo, Francisco Renato Lima, Ronaldo  
Albano Matos, Francisca Marília Silva Mendes, Armennia Vitória Araújo Santos,  
José Renato Sales da Silva (organizadores). – 1. ed. – Teresina: Cancioneiro, 2024.  
232 p.: il.

ISBN: 978-65-5380-221-6 (físico)

CDD: 370

---

Ficha catalográfica elaborada por Larissa Andrade, CRB 3/1179

EDITORA CANCIONEIRO  
Teresina - Piauí  
www.editoracancioneiro.com.br  
contato@editoracancioneiro.com.br

[...] contar histórias é lançar um raio de prata do plexo solar que vai envolvendo o narrador à plateia criando uma teia mágica, onde ambos se perdem de boa vontade pelas tênues tramas da narração.

(BUSATTO, Cléo. **Contar & encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 67)

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, insegurança, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em que as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

(ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2009. p. 14)



# SUMÁRIO

**APRESENTAÇÃO**  
**SOBRE OUVIR, CONTAR, RECONTAR,**  
**ENCONTRAR, REENCONTRAR E ENCANTAR**  
**IMAGINÁRIOS INFANTIS COM A CONTAÇÃO**  
**DE HISTÓRIAS..... 13**

*Hilda Mara Lopes Araujo*

*Francisco Renato Lima*

*Ronaldo Albano Matos*

*Francisca Marília Silva Mendes*

*Armennia Vitória Araújo Santos*

*José Renato Sales da Silva*

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O ESPÍRITO**  
**COOPERATIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:**  
**LINGUAGEM DIGITAL A SERVIÇO DA**  
**APRENDIZAGEM..... 23**

*Talita de Sousa Rodrigues*

*Cristiane Cunha Carvalho*

*Iracema Alves de Holanda*

*Keila Rejane Costa Reis Alves*

*Francisco Renato Lima*

*Hilda Mara Lopes Araujo*

*Ronaldo Matos Albano*

**TECNOLOGIAS DIGITAIS, MÚSICA E  
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: POSSIBILIDADES  
TEÓRICAS E PRÁTICAS..... 51**

*Matheus do Nascimento Silva*

*Tatiana de Jesus Sodré*

*Brenda Irene de Sousa Costa*

*Gabriel Nunes Lopes Ferreira*

*Gabriel de Oliveira Lima*

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS ONDAS  
DO RÁDIO: TRABALHANDO O RACISMO NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL..... 67**

*Talita de Sousa Rodrigues*

*Robisreyla Barros Oliveira*

*Liziane Kelly do Nascimento Soares Santiago*

*Juliana do Nascimento Santos*

*Francisco Renato Lima*

*Hilda Mara Lopes Araujo*

*Ronaldo Matos Albano*

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E INCLUSÃO  
SOCIAL: RELAÇÕES ENTRE O CONTAR E O  
INCLUIR POR MEIO DA ANIMAÇÃO EM VÍDEO  
“O PLANETA DO CABELO VOADOR”..... 91**

*Sara Alves Monteiro Pinto*

*Mikaely Havena Paulino de Figueredo*

*Geisa Cavalcante Castelo Branco*

*Fábio Soares da Costa*



**DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA  
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: COMO ENCANTAR  
AS CRIANÇAS?..... 111**

*Alice Alves Machado*

*Cláudia Maria Pinto Diniz*

*Elenice Maria de Souza Ferreira*

*Francelena dos Santos*

*Suyanne Cunha Bittencourt*

*Maria Lemos da Costa*

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO  
ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NOS ANOS  
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:  
UM OLHAR A PARTIR DA CULTURA  
AFRO-BRASILEIRA..... 127**

*Maria do Socorro Leal Lopes*

*Alexandra Alves da Costa*

*Eugenia Nogueira Barros*

*Paloma Brito Pinheiro*

*Pedro Victor Góis Maciel*

**‘O PATINHO FEIO’ ALÉM DAS APARÊNCIAS:  
DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A  
INCLUSÃO DO ALUNO SURDO..... 145**

*Francisca das Chagas Cardoso do Nascimento Santos*

*Armennia Vitoria Araújo Santos*

*Francisca Marília Silva Mendes*

*Josete Craveiro de Araújo*

*Lidiana Moraes Soares*

*Tarciane Maria Moraes de Araújo*

**RODAS DE HISTÓRIA COMO TÉCNICA  
DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA CONTAR  
HISTÓRIAS E PROMOVER A INCLUSÃO NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL..... 161**

*Geisa Cavalcante Castelo Branco*

*Francisca Marília Silva Mendes*

*Letícia Danielle Assunção Morais*

*José Renato Sales da Silva*

*Hilda Mara Lopes Araujo*

*Ronaldo Albano Matos*

**AS ÁREAS DE CONHECIMENTO E AS  
COMPETÊNCIAS DA BNCC PARA OS ANOS  
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:  
RELAÇÃO COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS  
E O ORIGAMI..... 179**

*Tâmia Letícia Hashiguchi*

*Maria José Almeida Mascarenhas*

*Ligeovânia de Moura Andrade*

*Lahélia Mariano da Silva*

*Antonia Tayana Clemente Viana*

*Wirla Risany Lima Carvalho*

**A CANTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO  
PROCESSO DE CONTAR HISTÓRIAS:  
MUSICALIDADE E APRENDIZAGEM LÚDICA  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL..... 201**

*Francisca Marília Silva Mendes*

*Geisa Cavalcante Castelo Branco*

*Letícia Danielle Assunção Moraes*

*Ronni Cássio da Silva Araújo*

*Hilda Mara Lopes Araujo*

*Ronaldo Albano Matos*

**PERFIL CIENTÍFICO DOS/AS**

**ORGANIZADORES/AS E AUTORES/AS..... 217**



# APRESENTAÇÃO

## **SOBRE OUVIR, CONTAR, RECONTAR, ENCONTRAR, REENCONTRAR E ENCANTAR IMAGINÁRIOS INFANTIS COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da *Bíblia*, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais... contados durante o dia – numa tarde de chuva, ou estando todos soltos na grama, num feriado ou domingo – ou num momento de aconchego, à noite, antes de dormir, a criança se preparando para um sono gostoso e reparador, e para um sonho rico, embalado por uma voz amada.

(ABRAMOVICH, 2009, p. 14)

O trajeto apresentado por Abramovich (2009), constitui o cenário ideal para a entrada da criança no mundo da contação de histórias, por meio das habilidades de linguagem, como a oralidade, a escuta, a leitura e a escrita. Questões como essas tematizam as reflexões apresentadas nesta obra, que reúne experiências formativas vivenciadas no âmbito do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia - Universidade Federal do Piauí (UFPI). O referido Programa tem como objetivo alcançar tanto os discentes dos cursos de graduação quanto a

comunidade externa à academia, por meio de ações que integram o ensino, a pesquisa e a extensão. Essas ações proporcionam aos participantes a oportunidade de envolvimento em atividades extracurriculares, visando não apenas complementar suas formações acadêmicas, mas também permitir a vivência de experiências que vão além das estruturas curriculares (BRASIL, 2006).

Ao longo dos últimos anos<sup>1</sup>, o PET/Pedagogia da UFPI tem se destacado pelos trabalhos desenvolvidos e pelo compromisso em elaborar projetos que promovam aos futuros educadores a integração teoria e prática. Além disso, o Programa incentiva a formação continuada, proporcionando aos discentes o contato com o ambiente acadêmico por meio de produções acadêmicas orais e escritas, a exemplo de artigos científicos em periódicos e anais de eventos, apresentações de trabalhos (comunicação oral e pôster em eventos científicos), palestras, oficinas, livros impressos e *e-books*, entre outras atividades que articulam ensino, pesquisa e extensão no processo de formação docente em que estão envolvidos.

Destacamos, nesse contexto, o projeto de extensão “Uma viagem ao mundo do faz de conta: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil”, fundamental para a elaboração deste livro. Esse projeto teve como propósito reconhecer a contação de histórias como uma ferramenta para estimular o interesse das crianças pela leitura,

---

1. Recentemente, Lima (2024, p. 47) fez um breve mapeamento da trajetória do Programa na Instituição e apontou que: “Na UFPI, em especial, a implementação do PET-Pedagogia ocorreu em 14 novembro de 2009, sob a responsabilidade da Profa. Dra. Carmesina Ribeiro Gurgel, que, à época, assumiu a função de ‘professora tutora’”. Mais à frente, prossegue afirmando “que, desde julho de 2012”, a Profa. Dra. Hilda Mara Lopes Araujo “assume a função de ‘professora tutora’ do PET-Pedagogia/UFPI dando continuidade à proposta firmada em 2009. Desde então, tem, com muita dedicação e empenho, contribuído para a formação de uma geração de ‘professores pesquisadores’.” (LIMA, 2024, p. 50).

combinando-a com ações socioeducativas realizadas em ambientes escolares e não escolares.

Assim, a presente obra, intitulada “**Contação de histórias para crianças: educação e linguagem em interação**”, apresenta uma coletânea de artigos produzidos a partir das vivências dos autores no referido projeto de extensão, desenvolvido pelo PET/Pedagogia da UFPI, ao longo do ano de 2022.

O livro aborda diversas perspectivas e abordagens da contação de histórias como ferramenta educativa, destacando sua importância para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Os capítulos apresentam reflexões sobre a diversidade étnico-racial, a inclusão social, as técnicas de contação de histórias, o uso de tecnologias digitais, a inclusão de alunos surdos, além da roda de histórias, do origami, entre outras, como estratégias didático-pedagógicas que podem auxiliar o ensino e aprendizagem na Educação Infantil.

Com base no exposto, apresentamos, a seguir, os dez capítulos que compõem esta obra.

O primeiro capítulo, intitulado “*A contação de histórias e o espírito cooperativo na Educação Infantil: linguagem digital a serviço da aprendizagem*”, ressalta a tradição ancestral de transmitir conhecimento por narrativas e sua relevância cultural e social ao longo da história, buscando analisar como os *podcasts* podem promover o espírito cooperativo entre crianças na Educação Infantil. Destaca-se ainda, o potencial desse gênero da esfera digital como uma ferramenta acessível e lúdica para engajar crianças em aprendizagem colaborativa, especialmente através da contação de histórias. Por fim, enfatiza-se a importância de promover valores, como cooperação e trabalho em equipe desde cedo, utilizando a contação de histórias como uma abordagem inclusiva e participativa no contexto da Educação Infantil.

No segundo texto da obra, denominado “*Tecnologias di-*

*gitais, música e contação de histórias: possibilidades teóricas e práticas*”, discute-se sobre a contação de histórias na Educação Infantil, considerando a infinidade de benefícios para o desenvolvimento e a aprendizagem do sujeito. Nesse cenário, situa-se o uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC's) como importantes ferramentas utilizadas no enfrentamento dos desafios vivenciados nas escolas, durante a pandemia da Covid-19, pois os professores tiveram que aprender a utilizar a tecnologia e seus devidos recursos para adaptar na hora da história. Nisso, a contação de histórias passou por uma mudança em seu modo de estudo e de aplicação, possibilitando, em meio às adversidades, novos modos de refletir e vivenciar a práxis docente, principalmente no que tange ao universo lúdico das narrativas. Desse modo, mesmo diante de um cenário desafiador, o ato de contar histórias é um espaço rico de possibilidades que afloram a imaginação infantil e, por conseguinte, auxilia no processo socioeducativo das crianças.

Em “*A contação de histórias nas ondas do rádio: trabalhando o racismo na Educação Infantil*”, o terceiro capítulo, os autores discutem sobre o uso do rádio como ferramenta educacional para abordar o tema do racismo na Educação Infantil, destacando a importância histórica e a capacidade de alcançar um amplo público, inclusive aqueles sem acesso à internet. Baseado em um projeto de formação de professores, o estudo analisa a contação de histórias como uma prática ancestral que estimula a imaginação, promove o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. A narrativa enfoca a experiência de contar a história “A cor de Coraline”, do autor Alexandre Rampazo, abordando questões de diversidade étnica e racial. A metodologia combina pesquisa bibliográfica com práticas de contação de histórias via rádio, explorando o potencial desse recurso para envolver os alunos de forma criativa e interativa. O texto destaca a importância de preparar os professores



para essa prática e reconhece o rádio como uma ferramenta acessível e democrática para promover a educação inclusiva e o respeito à diversidade desde a infância.

O quarto capítulo “*Contação de histórias e inclusão social: relações entre o contar e o incluir por meio da animação em vídeo “O planeta do cabelo voador”*” explora as potencialidades pedagógicas do vídeo animação como recurso para mediar a contação de histórias para crianças. Nesse universo, o texto traz como exemplo, uma obra literária de autoria de uma petiana, e que tematiza a questão étnico-racial, um tema transversal que deve perpassar toda a conjuntura de aprendizagem escolar, começando pela Educação Infantil e estendendo-se por todos os demais níveis e etapas do processo de escolarização. Ao apropriar-se desse recurso do mundo digital, midiático e virtual, a escola promove uma articulação entre ensino, aprendizagem e questões que promovam a inclusão escolar, um discurso que só se transforma em prática, se for assumido por todos os envolvidos na construção de um projeto educativo pautado no respeito às particularidades humanas, com foco na construção da cidadania.

O quinto capítulo, intitulado “*Diversidade étnico-racial na contação de histórias: como encantar as crianças?*”, discorre sobre a importância de compreender a união de diferentes povos e suas culturas em uma determinada sociedade. Os autores partem da premissa de que o acesso a essas culturas e suas diferentes formas de produção de existência, de identidade, bem como a compreensão de uma cultura não pode se sobrepor a outra, silenciar ou invadir, e sim possibilitar o respeito e o diálogo entre a comunidade e sociedade. Através da contação de história é possível promover reflexões que produzam aprendizagens de forma lúdica acerca da temática. Isso implica trabalhar conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, vislumbrando a compreensão conceptual e a construção de

atitudes, de valores e de princípios que fortaleçam o respeito ao outro em seu modo de ser e agir.

Em “*A contação de histórias como estratégia pedagógica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: um olhar a partir da cultura afro-brasileira*”, o sexto capítulo, os autores apresentam a contação de histórias como estratégia que possibilita o ensino e a aprendizagem dos alunos, promove a socialização, o desenvolvimento e a interação das crianças. Além disso, o texto aborda temas relevantes para a construção de uma reflexão crítica, dentre eles, a historicidade da cultura afro-brasileira. Assim, a contação de histórias aliada à prática pedagógica lúdica torna ainda mais rica a socialização no ambiente educativo, proporcionando o despertar da curiosidade e o pensamento crítico, a partir da comunicação, por isso, os professores devem explorar metodologias que permitem a participação efetiva dos alunos, tornando-os mais independentes e compreensivos acerca do mundo em que vivem e de como construir a autonomia com base na vivência nas práticas de leituras de histórias infantis.

O sétimo capítulo “*O patinho feio’ além das aparências: desafios e possibilidades para a inclusão do aluno surdo*”, aborda a importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no ambiente escolar. A partir dessa perspectiva, discorre sobre temáticas que abordam a inclusão, tanto para crianças surdas quanto para ouvintes e o relato de experiência durante o percurso do Projeto Contação de Histórias, do PET/Pedagogia - UFPI, em 2021, no formato remoto. A contação de história foi realizada por meio do uso da Libras, com a clássica história “O patinho feio”, que, em seu enredo, permite abordar a importância do respeito às diferenças, sendo fundamental discutir tal temática com as crianças, a fim de estimular o entendimento sobre as especificidades e as singularidades que caracterizam o lugar de cada sujeito no mundo. A história adaptada em

Libras, pelas professoras participantes do Projeto, foi utilizada de recursos visuais atrativos para auxiliar a compreensão das crianças durante a contação.

Em “*Rodas de história como técnica didático-pedagógica para contar histórias e promover a inclusão na Educação Infantil*”, oitavo capítulo da obra, é discutida a importância da contação de história para o bom desenvolvimento da leitura das crianças. Os autores pontuam que, a partir da contação, as crianças serão cada vez mais atraídas pelo mundo da leitura, de uma forma mais leve e descontraída. Nas rodas de história, a criança consegue ampliar sua imaginação, seu vocabulário e também auxilia na sua capacidade de interpretar textos. Assim, essa técnica é prazerosa, interativa e trabalha todos os sentidos da criança, como: tato, audição, visão e através da imaginação, o paladar e o olfato, contribuindo assim, para a interação entre professor-aluno. Ao escolher uma história para a sala de aula, o professor precisa pensar na realidade em que as crianças se encontram, para que instigue as participações e as capacite no momento das comunicações orais.

O nono capítulo, denominado “*As áreas de conhecimento e as competências da BNCC para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental: relação com a contação de histórias e o origami*”, os autores abordam a relação entre a contação de histórias, o origami e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. São destacadas as áreas de conhecimento da BNCC e suas competências, relacionando-as com as possibilidades pedagógicas do origami e da contação de histórias. O texto ressalta a importância do planejamento detalhado e da preparação do professor para garantir a eficiência dessas práticas na sala de aula, destacando a experiência positiva do desenvolvimento de um projeto de extensão nesse contexto, com foco na qualificação da aprendizagem.

O último capítulo da obra, intitula-se “*A cantação de histórias no processo de contar histórias: musicalidade e aprendizagem lúdica na Educação infantil*” e aborda a relevância da técnica cantação de história, demonstrando seu potencial no trabalho com a contação de história de uma forma mais dinâmica e lúdica. Essa adaptação, por meio das diversas possibilidades, auxilia no desenvolvimento da criança, ajuda no pique, no socioemocional e na concentração dos pequenos, que ativam a função das linguagens artísticas, contribuindo também, na oralidade, na convivência social e na criticidade. A utilização dessa técnica auxilia no entendimento da criança sobre as histórias de forma lúdica, percebendo os diferentes tipos de barulhos sonoros e seus efeitos de sentidos. A música quando é cantada para a criança, chama sua atenção, desperta o interesse e motiva a participar da história, sendo, portanto, uma técnica bastante rica para a ampliação das relações interpessoais entre os pequenos e com o meio social.

Diante dessa síntese das temáticas que compõem a obra, reiteramos nosso compromisso em buscar enriquecer os debates teóricos e práticos relacionados à contação de histórias, reconhecendo seu potencial para estimular a imaginação, fomentar a empatia e desenvolver habilidades linguísticas e cognitivas, ao mesmo tempo em que ajuda a fortalecer os laços afetivos entre contadores e ouvintes. Cada capítulo deste livro oferece uma oportunidade única de explorar o vasto universo da contação de histórias, ressaltando sua importância crucial no desenvolvimento infantil, por meio de práticas educativas e de linguagem, em um movimento de interação, tal como postulamos no subtítulo. Esperamos assim, que esse trabalho contribua para essa finalidade. Que possamos continuar adiante, compartilhando o poder transformador das histórias e deixando um legado de sabedoria e de inspiração em nosso caminho.

Finalizamos, ressaltando que o presente livro foi elaborado pelo PET/Pedagogia - UFPI, um programa que conta com o apoio fundamental do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), órgão federal responsável pela implementação de políticas educacionais, advindas do Ministério da Educação (MEC). Internamente, contamos com o respaldo do Centro de Ciências da Educação (CCE/UFPI) e da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREXC/UFPI).

Nesse sentido, expressamos nossa gratidão a todos os órgãos institucionais envolvidos e a todos(as) os(as) colaboradores(as) desse projeto!

Por fim, reforçamos o convite à leitura com as palavras de Bussato (2003, p. 58-59):

Contar histórias pode ser fermento para o imaginário. Elas nascem no coração e, poeticamente circulando, se espalham por todos os sentidos, devaneando, gatiando, até chegar ao imaginário. O coração é o grande aliado da imaginação nesse processo de produção de imagens significativas. Com o coração, a gente sente e vê internas as imagens que nos fazem bem.

Que assim seja, sempre!

Uma boa, produtiva e feliz aventura pela experiência da leitura!

Teresina (PI), 10 de maio de 2024

Os/as organizadores/as:

*Hilda Mara Lopes Araujo*

*Francisco Renato Lima*

*Ronaldo Albano Matos*

*Francisca Marília Silva Mendes*

*Armennia Vitória Araújo Santos*

*José Renato Sales da Silva*

## Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Programa de Educação Tutorial (PET)**: Manual de Orientações Básicas. Brasília: MEC; SES, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/PET/pet\\_manual\\_basico.pdf](http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/PET/pet_manual_basico.pdf). Acesso em: 25 mar. 2024.

BUSATTO, Cléo. **Contar & encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

LIMA, Francisco Renato. A formação, a pesquisa e o ensino entre as margens da experiência pessoal e acadêmica: construindo-se ‘professor pesquisador’ por meio da escrita científica. *In*: ARAUJO, Hilda Mara Lopes; LIMA, Francisco Renato; LEMOS, Julie Ane de Araújo; GOMES, Aislla Maria de Almeida (Orgs.). **Formar e educar pela pesquisa**: experiências do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia-UFPI. Teresina: Cancioneiro, 2024. p. 19-60.

# A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O ESPÍRITO COOPERATIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LINGUAGEM DIGITAL A SERVIÇO DA APRENDIZAGEM

*Talita de Sousa Rodrigues*  
*Cristiane Cunha Carvalho*  
*Iracema Alves de Holanda*  
*Keila Rejane Costa Reis Alves*  
*Francisco Renato Lima*  
*Hilda Mara Lopes Araujo*  
*Ronaldo Matos Albano*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde a Antiguidade, a arte de contar histórias é um meio utilizado para propagar o conhecimento de uma geração para outra, é uma forma de transmissão cultural de tradições. Conforme Benjamin (1994), os navegantes, os camponeses e os comerciantes eram conscienciosos preservadores da história e da arte e, por seu caráter inamovível, os camponeses conheciam a fundo as histórias do local em que residiam, ao passo que os comerciantes e os navegantes propagavam os conhecimentos de além-mar, promovendo a interação entre o que era local e o que era distante.

(LAUDARES; GOULART, 2019, p. 116)

O pensamento clássico de Benjamin (1994), replicado nas vozes de Laudares e Goulart (2019), na epígrafe, explicita a

força e a resistência da narrativa e da contação de histórias como exercícios humanos que caracterizam o lastro cultural e ideológico das gerações ao longo da história<sup>1</sup> e simbolizam as interações humanas no meio social. Partindo dessa prerrogativa, a reflexão apresentada neste capítulo aborda a relevância e as múltiplas possibilidades da técnica da contação de histórias por meio do *podcast* como instrumento/recurso didático-pedagógico utilizado pelos professores em sala de aula virtual em tempos de pandemia.

Diante desse contexto, tem-se como objetivo geral analisar a importância do *podcast* como ferramenta para discutir o espírito cooperativo com crianças pequenas na etapa da Educação Infantil e, como objetivos específicos, buscou-se identificar as habilidades desenvolvidas na criança através da escuta da contação de histórias no *podcast* e compreender como a contação de histórias pode ser uma importante aliada do professor e do aluno no processo de ensino e aprendizagem.

Isso posto, o presente estudo aborda o resultado de vivências e experiências adquiridas no âmbito de um projeto de extensão que visou a formação de professores, denominado: “Uma viagem ao mundo do faz de conta: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil”, que ocorreu durante o ano de 2021. O projeto teve como objetivo reconhecer a contação de histórias como fer-

---

1. Uma vez que o texto trata sobre contação de ‘histórias’ e aqui, refere-se à ‘história’ em outra acepção, mas ambas, com ‘h’ minúsculo, recorre-se a Barros (2022, p. 16, nota de rodapé), a fim de tentar esclarecer a questão: “Escrevo a palavra História com “H” maiúsculo quando quero me referir à História no sentido de “historiografia” (ou seja, a História como gênero literário ou científico, como relato ou discurso que discorre sobre o passado). E **emprego a palavra história em minúsculas quando desejo me referir à história que se estende ao longo do tempo como um infindável campo de acontecimentos e processos que já aconteceram até hoje**. A História é o que os historiadores já escreveram ou pensaram sobre a história. E a **história é tudo o que já aconteceu**. Neste sentido, **a História estuda a história**”. (grifos nossos)



ramenta para estimular, junto à criança, o gosto pela leitura, aliando-se a ações socioeducativas realizadas em espaços escolares e não escolares, bem como desenvolver subprojetos envolvendo a contação de histórias em escolas públicas e/ou outros espaços educativos que oferecem Educação Infantil. Os temas abordados foram: a formação e a prática docente na Educação Infantil, a contação de histórias no contexto da Educação Infantil: reflexões teórico-práticas na pesquisa científica, a função da música na sociedade e seu papel na contação de histórias, sonorização na contação de histórias, história cantada, o papel do brinquedo no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil: considerações a partir de Vygotsky, Educação Infantil e o desenvolvimento da criança: reflexões sobre o ensino da leitura na escola e uso das tecnologias na contação de histórias.

O curso de formação de professores acima citado é uma iniciativa do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia - Universidade Federal do Piauí (UFPI). O Programa tem suas ações destinadas ao contexto da graduação, comprometido com três vertentes principais: ensino, pesquisa e extensão. Sua proposta visa o aprimoramento do estudante de graduação presencial no ambiente universitário e está vinculado institucionalmente à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PRECX-UFPI), órgão institucional que busca atuar sobre a formação inicial, a partir do desenvolvimento de ações coletivas, de caráter interdisciplinar, objetivando a formação de um cidadão com ampla visão de mundo e com responsabilidade social.

A contação de histórias é um poderoso estímulo para a imaginação das crianças, além de ser uma opção lúdica de aprendizagem. Sendo assim, uma importante aliada na Educação Infantil por também auxiliar no desenvolvimento físico, social, cognitivo e socioemocional das crianças. Através das

histórias infantis, as crianças despertam valores e múltiplas emoções, como alegria, medo, angústia, coragem, perseverança, cooperação, entre outros.

De encontro a essa contextualização, a contação de histórias através do *podcast* veio para somar, sobretudo hodiernamente, quando as crianças vivenciam diariamente o uso de telas e o contato com o mundo virtual. Nessa perspectiva, é importante enfatizar que o uso do *podcast* está cada vez mais presente na vida dos brasileiros, então, por que não usar essa ferramenta a favor da educação e do desenvolvimento socioafetivo da criança? Tendo em vista que o *podcast*, basicamente, é um conteúdo em áudio que pode ser ouvido de qualquer lugar e a qualquer hora, precisando apenas de acesso à internet, por meio do celular ou do computador.

Examinando de forma empírica todas as informações vivenciadas no decorrer do Projeto aqui supramencionado, um grupo de estudantes desenvolveu uma contação de histórias em formato de *podcast* com a narrativa: *O beija-flor e o elefante*, de autoria desconhecida, mas que trata de temáticas relevantes para o desenvolvimento da criança, em especial, no que diz respeito à questão do desenvolvimento do espírito cooperativo, temática tão importante a ser trabalhada em sala de aula, a fim promover a interação entre os pares.

Assim sendo, a importância da discussão justifica-se pelo fato de que a contação de histórias por meio do *podcast* e as reflexões trazidas pela história *O beija-flor e o elefante* são extremamente relevantes para o desenvolvimento da criança no contexto da Educação Infantil, uma vez que oportunizam a discussão sobre a cooperação e o trabalho em equipe, de forma lúdica e eficaz, com um instrumento que já é de conhecimento da criança.

## CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA DO ESTUDO

Metodologicamente, a reflexão proposta neste estudo foi desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica, tomando como base, dados disponíveis em fontes digitais e impressas. Segundo Gil (2002, p. 44), esse procedimento técnico de pesquisa pode ser realizado “exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”. Em face disso, o pesquisador tem acesso a várias reflexões e análises da temática desejada e possui a oportunidade de criar definições e discussões, a partir do diálogo que estabelece com a visão dos autores estudados.

Em se tratando de abordagem, constitui-se de um estudo qualitativo, que permite uma imersão contextual entre os pesquisadores e o tema, a partir da leitura propiciada pela pesquisa bibliográfica, pois “embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação” e, assim, propõe “a indagação e construção da realidade” (MINAYO, 2013, p. 16).

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória, visto que busca explorar as características específicas e as correlações possíveis em torno do objeto de estudo, tomando como referência, as leituras feitas sobre o tema, daí, o fato de que “boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas” (GIL, 2002, p. 44).

Nesse processo, para construir o *podcast*, utilizou-se as plataformas digitais *WhatsApp* e *Google Meet* na fase de planejamento para organização do pensamento em grupo. Optou-se por seguir a seguinte linha de raciocínio: adaptação da história, leitura silenciosa, leitura oral, escolha de personagens, atividades de comunicabilidade, gravação, edição, publicação e audição. Logo após, realizou-se a apresentação formal do *podcast* na Rádio PET - Pedagogia, no ‘Quadro Contar e Encantar’, seguida da publicação do material em mídias de *streaming*.

## CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: SOBRE A RELEVÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A contação de história é uma prática pedagógica muito usada na Educação Infantil, visto que desenvolve a oralidade e a escrita dos sujeitos da aprendizagem, além de estimular a imaginação e a autonomia, proporcionando que a criança vivencie diversas emoções e compartilhe momentos e experiências indispensáveis no processo de aprendizagem. Na fase da Educação Infantil a criança descobre o mundo que a cerca e observa, com cuidado e curiosidade, tudo o que está a sua volta. Por isso, a rodas de leituras, por exemplo, devem ser atividades permanentes nas salas de aula da Educação Infantil, como parte essencial do fazer pedagógico, desde o planejamento até a execução das atividades, pois são fundamentais para desenvolver o hábito de ouvir, contar e recontar histórias. Trata-se de uma atividade bastante prazerosa e divertida, que transforma o espaço da sala de aula em um ambiente mais construtivo e de compartilhamento de experiências vivenciadas em momentos diversos, como, por exemplo, no retorno às aulas, após as férias, quando as crianças param para ouvir umas às outras e viajam pelo mundo da imaginação. Nesse contexto, Kaercher (2001, p. 81) afirma que:

O ato de ouvir e contar histórias está, quase sempre, presente nas nossas vidas: desde que nascemos, aprendemos por meios das experiências concretas das quais participamos, mas também através daquelas experiências das quais tomamos conhecimento através do que os outros contam. Todos temos necessidade de contar aquilo que vivenciamos, sentimos, pensamos e sonhamos. Dessa necessidade humana surgiu a literatura: do desejo de ouvir e contar para através dessa prática, compartilhar.

Sob essa ótica, pode-se relacionar o postulado da autora com o fato de que, na Educação Infantil, a prática de contação de histórias é fundamental no que tange ao desenvolvimento psicomotor e exploração de habilidades cognitivas de oralidade, leitura, escrita, entre outras. Ademais, como diz Shedlock (2004, p. 20), a narração de histórias orais poder ser “a primeira forma consciente de comunicação literária” que o sujeito experiencia.

Dessa forma, a maneira como as histórias são contadas também colabora para despertar o interesse e a atenção dos ouvintes. Deve-se fazer uma preparação para iniciar a história na roda de conversa, podendo ser feita a escolha do livro e, em seguida, sua apresentação. A entonação da voz e os gestos corporais contribuem bastante para o contador obter sucesso em sua prática, convidando o ouvinte a imaginar os sinais e os personagens presentes no enredo. A mesma história pode ser contada de diversas maneiras, cada uma delas tem seu valor educativo. Além disso, é importante abrir espaços para que as crianças participem, façam comentários e deem opiniões, a fim de interagirem umas com as outras sobre o que acabaram de ouvir. A escolha também pode ser uma sugestão da criança que, por algum motivo, gosta de ouvir determinada história e transmitir algum sentimento ou revelar uma emoção.

De acordo com Souza e Bernardino (2011, p. 240), ao discutirem sobre a contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental:

Na interação com as histórias a criança desperta emoções como se a vivenciasse e este sentimento pela imaginação exercita a capacidade de resolução de problemas que enfrentam no seu dia a dia. Além disso, essa interação estimulou o desenho, a música, o pensar, o teatro, o brincar, o manuseio de livros, o escrever e a vontade de ouvir novamente.

Dessa forma, o uso de recursos dramáticos e cenográficos pode dar ainda mais liberdade para o contador. Além disso, as tecnologias modernas, advindas do mundo midiático, digital e virtual, facilitam a contação de histórias. O *podcast*, por exemplo, é um recurso de áudio ou vídeo por meio do qual podem ser realizadas simples gravações individuais ou de diversas pessoas sobre o mesmo assunto, sendo assim, uma ferramenta de grande importância para a prática de contação de histórias nos dias atuais, possibilitando a participação social e o desenvolvimento dos sujeitos da interação, tal como apontado por Lenharo e Cristovão (2016).

Portanto, a contação de história na Educação Infantil deve ser uma prática estimulada e valorizada diariamente pelos professores, por meio de estratégias que despertem a atenção e o interesse das crianças. Ouvir e contar histórias é uma atividade prazerosa que desenvolve a aprendizagem e contribui bastante para o processo de formação do sujeito, oportunizando a manifestação de sentimentos, emoções e compreensão do mundo.

## **PODCAST COMO TÉCNICA PARA CONTAR HISTÓRIAS: SOBRE O USO DIGITAL DA LINGUAGEM**

O *podcast* é uma ferramenta digital inspirada nos programas de rádio e que atua na transmissão de fala, músicas e historinhas em arquivos de multimídia, através da internet. Sua autoria é atribuída ao jornalista e radialista britânico Bem Hammersley, em uma entrevista intitulada “Audible Revolution”, veiculada no Jornal *The Guardian*, em 12 de fevereiro de 2004, porém, nesse primeiro momento, o termo não se referia ao formato de transmissão de informação em tempo real pela

internet, fato que só aconteceu tempos depois (ROSSETTO, 2022). No Brasil, dentre os *podcasts* pioneiros, destaca-se o mês de outubro de 2004, com a intenção de explicar e testar esse tipo de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC).

Seu surgimento tem uma relação com o rádio tradicionalmente conhecido, recurso que hoje assume uma nova configuração, chamado de ‘rádio contemporâneo’ ou ‘rádio expandido’, pois “extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais, portais de música. A escuta se dá [...] em telefones celulares, tocadores multimídia, computadores, notebooks, tablets; pode ocorrer ao vivo ou sob demanda” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 13-14), conforme os propósitos comunicativos e os interesses de consumo dos espectadores/leitores/ouvintes.

Nesse movimento de novos formatos de circulação de dados sonoros, o *podcast* pode ser tido como uma espécie de ‘rádio expandido’. Conforme Kischinhevsky (2016, p. 68), ele constitui uma “modalidade de radiofonia sob demanda, assíncrona, que vai além da oferta de conteúdos em websites de emissoras”. Ou seja, os *podcasts* são programas de áudio sob demanda, que o ouvinte pode escutá-los na hora que quiser, ao contrário dos programas de rádio tradicionais. Eles podem ser baixados da internet ou reproduzidos em serviços de *streaming*, que é a transmissão contínua através da internet. São organizados em uma série de episódios, que podem tratar de diversos temas, desde política, entretenimento, esportes, entre outros.

Ao considerá-lo como um novo formato de como a linguagem circula socialmente, o *podcast* pode ser entendido à luz da teoria dos gêneros<sup>2</sup>, a partir de Bakhtin (2011, p. 262),

---

2. Neste texto, assume-se a ideia defendida por Costa (2009, p. 19-20), quando aponta que “a dimensão textual se subordina à dimensão discursiva produzi-

quando destaca que “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos *relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (grifos do autor). Em perspectiva complementar, Marcuschi (2010a, p. 23) acrescenta: “os gêneros textuais são frutos de complexas relações entre um **meio**, um **uso** e a **linguagem**. No presente caso [no qual se aplica ao *podcast*], o meio eletrônico oferece peculiaridades específicas para usos sociais, culturais e comunicativos” (grifos do autor). Esse aspecto é consequência do fato de que os gêneros textuais constituem “entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. [...] Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” em estreita relação com as “inovações tecnológicas” (MARCUSCHI, 2010b, p. 19), frutos da cultura do digital, do midiático e do virtual.

Uchôa (2010, p. 93), em uma leitura que concebe essa perspectiva dialógica, responsiva, interacionista e sociodiscursiva, com base em Bakhtin e Marcuschi, trata especificamente do ‘gênero *podcast* educacional’, a partir da descrição do conteúdo temático, do estilo e da construção composicional. O autor defende que:

---

da/construída na *interação verbal*, realidade fundamental da língua” (grifo do autor). Essa orientação encampa o diálogo teórico entre a Teoria dos Gêneros do Discurso de Bakhtin (2011) e a Teoria dos Gêneros Textuais de Bronckart (2012), sendo que esta confirma a primeira. Assim, a opção, neste texto, por ‘gêneros textual-discursivos’, quando for o caso, até porque, segundo Silva (1999, p. 98), “a rigor, Marcuschi opera com a mesma noção de gênero empregada na obra de Bakhtin”. Ambos concebem gêneros como formas de uso da língua, logo, “essa diferença é somente de ordem terminológica, e não conceitual”. Recentemente, Bezerra (2022, p. 27) refere-se à questão como “uma das querelas teóricas, como diria o *Magister* Marcuschi” e, citando-o, pontua: “os gêneros podem ser ditos *textuais* quando referidos a “aspectos constitutivos de natureza empírica” (Marcuschi, 2000:9)” e “também, podem ser rotulados como *discursivos*, uma vez que sempre se realizam em alguma situação discursiva (Marcuschi, 2000)” (BEZERRA, 2022, p. 28, grifos do autor) [Obra citada por Bezerra (2022): MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: o que são e como se constituem. Recife: UFPE, 2000. Texto inédito. Mimeo].



[...] é possível defini-lo como um gênero digital que se materializa na modalidade oral e que está sendo socialmente construído pela linguagem com padrões de organização identificáveis dentro de um continuum de escrita e oralidade com configurações perceptíveis pelo imbricamento de gêneros primários e secundários. Ao cunhar essa definição parto do princípio de que o *podcast educacional* é um gênero do discurso com tipos de enunciados que engendra atividades comunicativas capazes de abranger diversas composições temáticas, possui um estilo predominantemente informal com típico das interações orais e uma estrutura composicional que segue uma sequência linear com princípio, desenvolvimento e conclusão, devido ao seu propósito pedagógico.

Já Lenharo e Cristovão (2016, p. 311), embora adotando a mesma base teórica - Bakhtin e Marcuschi -, se posicionam de maneira radicalmente diferente:

Uma vez que os *podcasts* têm variadas funções, como consequência, eles abarcam vários tipos de gêneros, assim como são responsáveis por sua circulação. O *podcast* seria, então, apenas um suporte, que contém os gêneros, ou uma mídia, que os veicula e difunde? Bonini (2011)<sup>3</sup> retoma alguns autores da área e outros conceitos relativos a gêneros e estabelece a distinção entre hipergênero, suporte<sup>4</sup> e mídia. Levando em conta a discussão levantada pelo autor, concluímos que o *podcast* pode ser classificado como uma tecnologia cuja função é mediar a interação linguageira; o gênero, por sua vez, é a unidade linguageira em si; e o suporte, por fim, é o componente material da mídia, respon-

---

3. Referência citada por Lenharo e Cristovão (2016): BONINI, Adair. Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011.

4. Marcuschi (2003, p. 09) defende que “todo gênero tem um suporte, mas a distinção entre ambos nem sempre é simples e a identificação do suporte exige cuidado”, visto que o suporte não determina o gênero. É o contrário: o gênero é que necessita de um suporte adequado para o alcance de seu propósito comunicativo.

sável por concretizá-la em um arquivo de MP3, por exemplo. [...] Tomando como base os conceitos supracitados, consideramos *podcast* uma mídia, e não um gênero. Já o arquivo de formato MP3 é o suporte, ou seja, o elemento concreto que permite a existência de uma mídia.

Embora esse imbróglgio entre os dois trabalhos, a leitura que se faz neste estudo, assume um tom mais conciliatório e convergente quanto às visões analisadas. Acredita-se que o *podcast*, quer seja um “gênero” como pretende Uchôa (2010), quer seja uma “mídia”, como pretendem Lenharo e Cristovão (2016), de todo modo, constitui, em face dessa maleabilidade específica que a linguagem possibilita, quanto ao meio e ao uso (MARCUSCHI, 2010a). Trata-se de uma técnica ou recurso digital articulável ao fazer didático-pedagógico em sala de aula na contação de histórias no contexto da Educação Infantil. Portanto, contribui para a melhoria da prática pedagógica e, conseqüentemente, para a promoção da aprendizagem das crianças.

O *podcast* é um recurso tecnológico aberto e prático, permitindo que o professor e o aluno insiram seu material ou conteúdo e baixem para ser ouvido depois, em qualquer lugar e ainda pode ser escutado quantas vezes desejar, tendo sido bastante oportuno, por exemplo, para o cenário de pandemia da Covid-19, uma vez que o meio social exigiu mudanças e inovações na atividade de ministrar aulas e, em especial, na arte da contação de histórias, em que o professor/contador de histórias precisou se apropriar das tecnologias do mundo digital, midiático e virtual, a fim de desenvolver estratégias eficazes de ensino e aprendizagem.

Diante dos desafios impostos por esse cenário e na perspectiva de inovação em diferentes espaços, Weschenfelder e Burlamaque (2008, p. 136), ao relatarem a experiência de um

grupo de contadores de histórias, denominado ‘Bando de Letras’, composto por acadêmicos da Universidade de Passo Fundo (UPF), afirmam o seguinte:

Sabem os componentes do Bando de letras que os tempos agora são outros, com aviões a jato, foguetes interplanetários, trem-bala, navios de propulsão nuclear, telefones celulares, televisão a cabo e digital, fax, arranha-céus, computadores, internet, *e-books* e infinitos outros recursos tecnológicos. Apesar desses avanços, no entanto, a voz da narrativa presencial do Bando de Letras não perdeu sua importância, tanto que cada vez mais suas histórias continuam sendo contadas nas emissoras de rádio e televisão, nas salas de aulas, nos leitos de hospitais, nas bibliotecas, nas praças da cidade, nas livrarias, nos sindicatos, nas igrejas e nas ONGs<sup>5</sup>.

Dessa forma, entende-se que a sociedade segue as transformações históricas e o contador de histórias ainda se mantém vivo, desafiando as novas tecnologias e apropriando-se delas, trazendo novos suportes para concretizar uma arte muito antiga e inovadora, assim como fizeram o grupo mencionado por Weschenfelder e Burlamaque (2008) e os professores em sala de aula de Educação Infantil, aliando a contação de histórias a recursos digitais, como o *podcast*.

A fim de atestar e justificar a pertinência da relação proposta neste estudo, traz-se duas considerações específicas. A primeira, a partir de Lima (2019, p. 20), ao discutir sobre uma

5. Tradução nossa, do espanhol. No original: “Los componentes del Bando de Letras saben que los tiempos ahora son otros: jet aviones, cohetes interplanetarios, trenes rapidísimos, barcos de propulsión nuclear, teléfonos celulares, televisión a cabo y digital, fax, rascacielos, ordenadores, internet, *e-books* e infinitos otros recursos tecnológicos. A pesar de esos avances, con todo, la voz de la narrativa presencial del Bando de Letras no perdió su importancia, de tal modo que, cada vez más, sus historias continúan siendo contadas en las emisoras de radio y televisión, en las aulas, en los lechos de los hospitales, en las bibliotecas, en las plazas del pueblo, en las librerías, en los sindicatos, en las iglesias y en las ONGs”.

composição sonora no processo de contação de histórias de literatura infantil por meio de *podcast*. A autora ressalta que:

O uso da tecnologia *podcast* como suporte para a contação de história promove a curiosidade das crianças. Esta inquietação por sua vez irá promover diversos questionamentos relacionados ao contexto por ela ouvido, como também outro modo de compreender aquilo que antes era conhecido apenas em papel, logo, a criança aumenta sua compreensão do mundo que a cerca por ter sido exposta aos novos modos de como recebemos a informação. Dessa maneira, é possível a percepção de que a contação de histórias infantis com o *podcast* pode contribuir com vários aspectos relacionados ao desenvolvimento da criança, entre eles, aguçar a criticidade do educando, pois ela terá a possibilidade, dependendo da forma como a mediação ocorrer, de questionar aquilo que ouve sendo plenamente capaz de formular e resolver problemas através de argumentos bem consolidados que são criados a partir de sua compreensão, podendo assim defender seu ponto de vista.

A segunda, a partir de Silva (2020, p. 257), quando busca, com base na relação entre contação de histórias e *podcast*, estabelecer um contato entre tradição e modernidade em prol da literatura infantil e da formação de leitores. A autora considera que:

[...] com o avanço das tecnologias em prol da comunicação e com o surgimento de novos gêneros discursivos, suportes e mídias digitais, faz-se necessário utilizar todo esse arcabouço midiático a serviço desse encontro entre a criança e a literatura infantil. Para tanto, os propagadores desse viés literário podem e devem fazer uso de ferramentas digitais que disseminem a cultura literária entre as crianças e contribuam para o seu processo de formação social. Por conseguinte, o *podcast* configura-se como um aliado a todo esse processo. Por meio dessa mídia digital, a literatura infantil ganha novo espaço e a con-

tação de histórias pode ser revisitada e torna-se possível. Uma prática que remota ao início da humanidade incorporada por uma nova roupagem, corroborando as concepções marcuschianas e bakhtinianas: eventos textuais e práticas sociais que não se constituem inovações absolutas, mas revisitações de antigas práticas, ou seja, a transmutação e a assimilação de uma forma textual por outra já existente gerando uma “nova” forma discursiva em uma perspectiva verdadeira nova de atuação.

Outro potencial didático-pedagógico do *podcast*, como ferramenta digital, é a alternativa para desenvolver a escuta e a oralidade no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil. Ferreira (1995) afirma que através da estimulação dos sentidos, pode-se aumentar o interesse e a atenção, diminuir o tempo de formação, facilitar a troca de ideias, facilitar a atividade do formador, facilitar a retenção da memória e ainda incorporar a novidade de saber ouvir, estimulando a imaginação, além de proporcionar, de certa forma, um descanso para visão, devido aos excessos das telas.

Por meio da contação de histórias, as crianças dão asas à imaginação e à criatividade, desenvolvendo a criticidade e a argumentatividade. Nesse contexto, é possível trabalhar pedagogicamente, questões de valores de vida, ajudando na formação das crianças desde cedo. E, para agregar entusiasmo, ludicidade e dinamismo ao processo de ensino e aprendizagem, surgem as tecnologias digitais, em especial, o *podcast*, uma ferramenta digital que pode assumir um caráter educativo, influenciando diretamente na apropriação de conteúdos pelos alunos e contribuindo para uma aprendizagem mais eficaz e acessível, propiciando, inclusive, condições para o desenvolvimento do espírito cooperativo, conforme explora-se a seguir.

## ESPÍRITO COOPERATIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A sociedade atual apresenta-se cada vez mais competitiva e individualista, preferindo, a qualquer custo, levar vantagem e criar a ideia de que as pessoas precisam ser melhores que os outros em tudo que fazem. É muito desanimador ver esse perfil nas crianças, sobretudo, pois, diante do cenário referido, esse é um perfil que já vem traçado do ambiente familiar, em que os pequenos terminam estereotipando essa desvantagem como um valor importante e necessário.

Urgentemente, precisa-se trabalhar nas crianças o espírito cooperativo, pois é durante a infância que o ser humano aprende valores importantes para a vida. Nesse contexto, Garcia e Matos Junior (s.d., p. 01), no texto: *Vivendo a Cooperação na Escola!*, revelam que:

Para que ocorra uma boa convivência em sociedade, todos nós precisamos exercitar mais as habilidades de relacionamentos, resgatando valores morais já quase esquecidos, como: paciência, tolerância, compreensão. Na escola, como em todos os setores da sociedade, nosso desafio para a convivência pacífica resulta numa luta diária e constante para contornarmos os problemas de relacionamento. Precisamos resgatar comportamentos e atitudes menos competitivas, experimentando incorporar no dia a dia novos meios de agir, de maneira mais solidária e cooperativa.

A visão dos autores corrobora a necessidade de que haja o respeito mútuo e uma boa convivência na família, na escola ou em qualquer ambiente social. No contexto da Educação Infantil, em particular, é necessário que as relações entre os pares sejam mais harmônicas, amigáveis e solidárias, de modo que o espírito da cooperação seja construído como alicerce no desenvolvimento da formação da criança. Esse as-

pecto, inclusive, é pontuado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), quando aponta para as competências gerais da Educação Básica:

**Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação**, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 10, grifos nossos)

E, especificamente ao tratar dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para a Educação Infantil, localiza-se no ‘Campo de experiências: “o eu, o outro e o nós”’, voltado para ‘crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)’, na fase da pré-escola, o seguinte objetivo: “(E103EO03) Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e **cooperação**” (BRASIL, 2018, p. 45, grifos nossos).

Consoante às orientações teóricas e curriculares, em relação ao espírito cooperativo na Educação Infantil, nota-se a real necessidade dessa atitude de valor, pois a todo instante, se presencia entre as crianças, atitudes e comportamentos conflitantes no ambiente escolar, manifestadas, por exemplo, por meio de agressões verbais, físicas, entre outras. Logo, a urgência de investir em práticas pedagógicas que favoreçam relações de cooperação. E, de fato, estimular a criança a viver de forma colaborativa e cooperativa não chega a ser uma das tarefas mais difíceis no trabalho do professor. Por exemplo, inserir pequenas atitudes na rotina de sala de aula já pode fazer a diferença na formação cidadã e, conseqüentemente, na sociedade.

Atitudes como: a) emprestar algo para o amigo da sala, pode ser um gesto tão simples, mas emprestar é a grande essência da economia colaborativa e demonstra que a criança

teve empatia e que ela foi capaz de compreender a necessidade do outro; b) ajudar nas dificuldades de aprendizagem do colega: é notável que alguns alunos têm dificuldades e habilidades diferentes e, nessa possibilidade, com cooperatividade, aprendem com outros colegas de sala e eles se tornam autônomos e melhoram o rendimento escolar daqueles que apresentam *déficit* de aprendizagem; c) manter a sala organizada e limpa: mesmo com pouca idade, a criança já possui capacidade motora suficiente para desempenhar uma série de atividades como começar a organizar seu próprio material escolar, brinquedos educativos, livros paradidáticos e outros itens. Portanto, participar dessa dinâmica é importante porque só assim, o pequeno percebe como as atividades envolvem esforço e obtenção de resultados. Assim, a organização e a aprendizagem concomitantes norteiam o cooperativismo nas relações entre o 'eu' e o 'outro'.

Feitosa (2016, p. 09-10), seguindo a perspectiva da teoria Sociocultural de Vygotsky, pensa a aprendizagem cooperativa e colaborativa nos seguintes termos:

A metodologia da Aprendizagem Cooperativa possui sua estrutura no desenvolvimento do trabalho em equipe realizado pelos aprendizes para alcançar objetivos comuns, geralmente o trabalho é desenvolvido a partir da divisão de tarefas, etapa em que cada integrante é responsável por uma parte das atividades propostas para resolver um problema, contudo, todos trabalham juntos e são responsáveis pela aprendizagem de todos. [...] Nesta abordagem, o professor tem a função de mediar a aprendizagem, organizar atividades, realizar intervenções a partir das observações e distribuir tarefas. [...] A Aprendizagem Colaborativa abrange uma metodologia em que o conhecimento é consequência de uma concordância entre participantes de uma equipe, que sabe dialogar, trocar informações e desenvolver conclusões através de um consenso. Ela pode ser conside-



rada uma estratégia de ensino que motiva o aluno a participar durante todo processo de aprendizagem, que se torna mais funcional e eficaz, mas também pode ser considerada uma convergência de abordagens educacionais que, ao mesmo tempo, são denominadas de aprendizagem cooperativa ou aprendizagem em pequeno grupo.

Nota-se assim, que a aprendizagem com o espírito cooperativo na sala de aula de Educação Infantil deve contar com o apoio de métodos e de estratégias didáticas para que se possa alcançar os objetivos escolares, valorizando valores cidadãos que devem nortear a vida em sociedade e serem colocados em prática em todo lugar, independentemente da idade.

Diante disso, faz-se necessário explorar textos em sala de aula da Educação Infantil, que ajudem a conscientizar as crianças sobre o espírito cooperativo na sua rotina escolar, familiar, entre outros espaços, pois é durante a infância que o ser humano aprende valores importantes para a vida, tornando-os cidadãos em um mundo mais justo, inclusivo e fraterno.

Nesse cenário, conforme se discutiu nos tópicos anteriores, é necessário a articulação de técnicas e recursos diversos, a exemplo da contação de histórias por meio de *podcast*. Dentre essas histórias narradas, estão as fábulas, um gênero textual que possui uma valência bastante positiva na formação de ensinamentos para a vida em sociedade e para a cidadania. Por isso, quando levado até a criança, encontra no sujeito em tenra idade, um “terreno fértil para a construção de valores e a aprendizagem das primeiras letras e adquirir lições para a vida” (LIMA, 2018, p. 191), graças ao seu sentido moralizante, desencadeador de aprendizagens.

## CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM PODCAST: O CASO DA FÁBULA *O BEIJA-FLORE E O ELEFANTE*

A fábula *O beija-flor e o elefante*<sup>6</sup> foi a história escolhida para ser trabalhada no ‘Quadro Contar e Encantar’, do Projeto Contação de História, promovido pelo PET-Pedagogia/UFPI, usando a técnica do *Podcast*. A fábula é uma narrativa em que os animais são os principais personagens e possuem características humanas, como: a ganância, a preguiça, a inveja, a sabedoria, o egoísmo, a coragem, a determinação etc. Por meio dessas características, os personagens se movimentam e a história vai ganhando sentido e construindo ensinamentos.

Na fábula referida, os animais ensinam a entender que, apesar das dificuldades e dos desafios, é possível vencer determinadas situações e obstáculos encontrados pelo caminho. O objetivo das fábulas é sempre passar uma mensagem ou ensinamento. Nessa perspectiva, na narrativa em foco, os animais maiores achavam que o beija-flor, por ser muito pequeno, não seria capaz de apagar um fogo que estava acabando com a floresta, o lugar em que os animais moravam. Mas, o beija-flor acreditava que estava fazendo sua parte e incentivou os outros animais a ajudá-lo, com seu esforço e perseverança. Com isso, fez o impossível acontecer, conseguiu convencer todos os animais da floresta a cooperar com a causa e, juntos, conseguiram apagar o incêndio e salvaram a floresta. Veja-se uma síntese do ensinamento de tal texto:

Essa fábula “O BEIJA-FLORE E O ELEFANTE” nos ensina que sempre podemos fazer a diferença! O seu modelo de atitude, arrastando outros com seu exemplo, fazendo o melhor possível

---

6. Texto integral, de autoria desconhecida, como historicamente é típico do gênero. O texto foi postado no *Blog da Prof.<sup>a</sup> Cris Arrais*, em 24 de agosto de 2020. Disponível em: <https://crisarraais.blogspot.com/2020/08/fabula-o-beija-flor-e-o-elefante.html>. Acesso em: 20 dez. 2022.

com perseverança, persistência e fé. Serve como parada para uma boa reflexão na floresta onde vivemos! Em que os valores éticos estão se perdendo na sociedade como um todo, estamos incertos onde vai parar tanta violência e tantos outros descabros! Precisamos de muitos beija-flores! Beija-flores que não desistam na primeira dificuldade, mesmo diante de inúmeros maus exemplos e que reforcem com grandes atitudes suas qualidades, resistindo bravamente, sendo exemplos a serem seguidos, podendo através do seu agir atrair tantos outros, formando um verdadeiro exército na transformação de um mundo melhor, mais justo e repleto de oportunidades. Façamos assim a nossa parte!<sup>7</sup>

Levando para os dias atuais, a fábula citada ensina que fazer a diferença representa bons exemplos, mostra que, apesar de ser seres irracionais, os animais deram um exemplo de solidariedade. Para eles, tudo já estava perdido, a única solução era ir embora e recomeçar a vida em outro lugar, porém, a perseverança e a determinação do beija-flor e a cooperação dos animais conseguiu salvar a floresta, demonstrando assim, a força do trabalho coletivo.

A partir desse espírito de engajamento, acredita-se que o modo como essa fábula foi trabalhada no projeto de contação de histórias por meio do gênero *podcast* poderá ser bastante significativo para a aprendizagem na Educação Infantil. Sem dúvidas, a aliança entre a tradição das narrativas clássicas e as ferramentas digitais é um caminho alternativo para atrair a atenção das crianças para uma aprendizagem mediada por recursos digitais e virtuais. Essa síntese da experiência reforça o resultado apontado por Silva (2020, p. 258), com quem concorda-se.

---

7. Reflexão que também pode ser atribuída à profa. Cris Arrais, pois está apresentada após a fábula, no blog mencionado na nota de rodapé anterior. Disponível em: <https://crisarrais.blogspot.com/2020/08/fabula-o-beija-flor-e-o-elefante.html>. Acesso em: 20 dez. 2022.

O triângulo constituído por contação de histórias, literatura infantil e podcast torna-se super relevante para ressignificar uma antiga prática de interação social da humanidade que contribui para a formação do indivíduo, seja no âmbito coletivo e/ou no individual. Isso influencia sua atuação enquanto ser humano e enquanto cidadão. O *podcast* aparece, então, como uma revitalização atual para a contação de histórias e para a difusão da literatura infantil. Deve e pode ser utilizado no ambiente escolar e no ambiente familiar.

Portanto, a partir do caso aqui ilustrado, a determinação do beija-flor serve como reflexão para o mundo atual, em que o egoísmo e a ganância estão tomando conta da sociedade. É preciso ter a coragem do beija-flor, que não desistiu na primeira dificuldade, sendo um exemplo a ser seguido e transformando o mundo com boas atitudes. Nesse processo, desenvolver estratégias pedagógicas de contar essa história por meio do *podcast* pode ser um caminho produtivo para desenvolver a aprendizagem e o espírito de cooperação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abordou o espírito cooperativo e a contação de histórias através do *podcast*. A proposta inicial foi apresentar a experiência de um grupo de estudantes ao trabalhar o *podcast* como instrumento de contação de histórias, assim como, a importância do gênero textual fábula para desenvolver o espírito cooperativo nas crianças. A discussão se mostrou relevante em razão de que a contação de histórias por meio do *podcast* e as reflexões trazidas pela história *O beija-flor e o elefante* são significativas para o desenvolvimento da aprendizagem da criança na Educação Infantil, por oportunizar a discussão sobre a cooperação e o trabalho em equipe, de forma lúdica e eficaz, com foco na formação de valores morais e na cidadania.

Quanto ao objetivo geral, analisar a importância do *podcast* como ferramenta para discutir o espírito cooperativo com crianças pequenas na etapa da Educação Infantil e, quanto aos objetivos específicos, que foram identificar as habilidades desenvolvidas na criança através da escuta da contação de histórias no *podcast* e compreender como a contação de histórias pode ser uma importante aliada do professor e do aluno no processo de ensino e aprendizagem, acredita-se que, foi possível, sim, alcançá-los, através das reflexões aqui apresentadas.

Portanto, a contação de histórias continuou, e continua sendo um importante aliado do professor, em tempos de pandemia, sobretudo. Diante desse desafio, o *podcast* facilitou esse processo, fazendo com que as histórias estivessem presentes nos lares das crianças, ajudando a despertar a imaginação, aguçar a criatividade e transmitir ensinamentos preciosos para a vida.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARROS, José D'Assunção. História e Historiografia: todas as interações possíveis. In: BARROS, José D'Assunção (Org.). **A Historiografia como fonte histórica**. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 15-77.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BEZERRA, Benedito Gomes. **O gênero como ele é (e como não é)**. São Paulo: Parábola, 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília: MEC; CONSED; UNDIME, 2018. Disponível em: [http://base-nacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://base-nacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 20 dez. 2023.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2012.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FEITOSA, Maria Cristina Rodrigues. **Aprendizagem cooperativa e colaborativa na língua estrangeira**: uso das estratégias de aprendizagem. 2016. 42 f. Trabalho de Curso de Curso (Mestrado Profissional de Ensino em Línguas Estrangeiras Modernas) - Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

FERREIRA, Fernando Tavares. **As novas tecnologias(da) na (in) formação**: a informática e os audiovisuais na criação e na execução de apresentações. Porto: Porto Editora, 1995.

GARCIA, Euci Vieira Torres; MATOS JUNIOR, Moacir Ávila de. **Vivendo a cooperação na escola!** [S.l.] [S.d], p. 01-11. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1561-8.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HAMMERSLEY, Ben. Audible revolution. **The Guardian**, London, 12 feb. 2004. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2004/feb/12/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. E por falar em literatura... *In*: CRAIDY, Carmen Maria; KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva (Orgs.). **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 81-88.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LAUDARES, Ellen Maira de Alcântara; GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Narrativas digitais: a palpitante forma de contar histórias. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v. 37, n. 75, p. 115-135, 2019.

LIMA, Antonia Reis Ferreira. **Literatura infantil**: composição sonora de histórias infantis em *podcast*. 2019. 43 f. Monografia (Especialização em Linguagens e Educação a Distância) - Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

LIMA, Francisco Renato. Gênero textual e letramentos para a cidadania: o caso da fábula e seus ensinamentos. **Revista Brasileira de Assuntos Interdisciplinares - REBAI**, Pedreiras, v. 2, n. 2, p. 183-197, ago./dez., 2018.

LENHARO, Rayane Isadora; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. *Podcast*, participação social e desenvolvimento. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 32, n. 01, p. 307-335, jan.-mar., 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLCV: Língua, Linguística e Literatura**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-40, out., 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dclv/article/view/7434/4503>; <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dclv/article/view/7435/4504>. Acesso em: 20 dez. 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentidos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010a. p. 15-80.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola, 2010b. p. 19-38.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 09-29.

ROSSETTO, Andrei. Revisitando a história do *podcast*. **Cast News**. Publicado em: 13 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.castnews.com.br/revisitando-a-historia-do-podcast/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SHEDLOCK, Marie Louise. Da introdução da arte do contador de histórias. *In*: GIRARDELO, Gilka (Org.). **Baús e chaves da narração de histórias**. 2. ed. Florianópolis: SESC/SC, 2004. p. 20-38.



SILVA, Jane Quintiliano G. Gênero discursivo e tipo textual. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 87-106, 1999.

SILVA, Andréia Paula da. Contação de histórias e *podcast*: tradição e modernidade em prol da literatura infantil e da formação de leitores. *Revista Humanidades e Inovação*, Palmas, v. 7, n. 22, p. 249-260, 2020.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. *Educere et Educare: Revista de Educação*, Cascavel, v. 6, n. 12, p. 235-249, jul./dez., 2011.

UCHÔA, José Mauro Souza. **O gênero *podcast* educacional**: descrição do conteúdo temático, estilo e construção composicional. 2010. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Linguagem e Identidade) - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2010.

WESCHENFELDER, Eládio Vilmar; BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. Bando de Letras: ni campesinos, ni marineros. *In*: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; RETTENMAIER, Miguel (Orgs.). **Lectura de los espacios & espacios de lectura**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2008. p. 131-142.



# TECNOLOGIAS DIGITAIS, MÚSICA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: POSSIBILIDADES TEÓRICAS E PRÁTICAS

*Matheus do Nascimento Silva*

*Tatiana de Jesus Sodré*

*Brenda Irene de Sousa Costa*

*Gabriel Nunes Lopes Ferreira*

*Gabriel de Oliveira Lima*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A contação de histórias sempre esteve presente entre nós. Desde os primórdios, a contação era usada como um momento de comunhão, no repasse, para a preservação de culturas, valores e nas trocas de experiências. Desse modo, observamos a grande valia que as histórias tiveram no processo da evolução humana e, atualmente, não é diferente. O uso da contação de histórias para crianças revela uma infinidade de benefícios para o seu desenvolvimento e aprendizagem enquanto sujeito. Dentre essas vantagens, podemos citar como um grande aliado no processo cognitivo, trabalhando a memória e a atenção, além disso, essa prática pedagógica desenvolve nas crianças a associação com suas próprias vivências, isto é, elas assimilam situações contadas, com momentos que aconteceram em suas vidas e esse processo de identificação se torna crucial para lidar com as emoções e os conflitos.

O ato de contar histórias na Educação Infantil ajuda também a despertar o lado lúdico, uma importante característica para o desenvolvimento da criatividade e do senso crítico, permitindo assim, que o educando construa sua aprendizagem, além de favorecer a ampliação do seu vocabulário. Vale ressaltar que essa forma lúdica contribui para o desenvolvimento no hábito da leitura e, conseqüentemente, amplia a imaginação da criança, possibilitando novas formas de interpretação para a criação de novas histórias (MARTINS, 2019).

Diante desse cenário de benefícios, desenvolvemos o Projeto contação de história pelo Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia - Universidade Federal do Piauí (UFPI), consistindo em aulas teóricas e práticas. Com a pandemia ocasionada pela Covid-19, o Projeto passou por várias reformulações, seguindo atualmente de maneira remota. Paralelo a isso, várias escolas encontraram dificuldades para continuar mantendo uma educação de qualidade e as tecnologias digitais foram cruciais para lidar com essa nova realidade. Desde 2020, as escolas de Educação Infantil adotaram esse modelo, que, de certa forma, faz com que os professores utilizem a criatividade nas aulas, tendo em vista que as tecnologias trazem inúmeros recursos valiosos para a contação de história, instigando as crianças, com o uso do fundo de tela, animações, transições, músicas e efeitos sonoros para a identificação dos sons. Tal estudo apresenta grande relevância, ao abordar possibilidades teóricas e práticas em torno das tecnologias, da música e da contação de histórias para um aperfeiçoamento da prática docente.

Assim, a forma como acontece a contação de histórias também mudou, considerando que as crianças e o contador não estavam em um mesmo local de troca de experiências, sendo possível realizar a contação de histórias somente por via remota. Nesse sentido, muda o local de aprendizagem,

como também, a forma como os contadores(a) e alunos(as) tinham de se relacionar. Segundo Kenski (2004, p. 67), “estudantes e professores tornam-se desincorporados nas escolas virtuais. Suas presenças precisam ser recuperadas por meio de novas linguagens, que os representem e os identifiquem para todos os demais”.

Depreendemos, da fala de Kenski (2004), que a escola precisa se reinventar nesse novo espaço e novo método educacional, como também, os contadores de histórias que precisam buscar essa atualização da sua prática.

Diante do exposto, objetivamos compreender o Projeto Contação de História, no âmbito do PET, o uso das tecnologias digitais, o envolvimento na contação de histórias, na música e nas possibilidades teóricas e práticas da utilização das tecnologias nesse processo.

Para chegar a esse objetivo abordaremos autores, como: Albano (2018), Martins (2019), Reys (2011), Santos (2020), Kenski (2004), Merriam e Merriam (1964), Vygotsky (1991a, 1991b, 2001), essenciais para fundamentar teoricamente as temáticas que serão abordadas, além das experiências adquiridas pelo projeto de extensão desenvolvido pelo PET/Pedagogia-UFPI.

## **PROJETO CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

Com o intuito de proporcionar cada vez mais conhecimentos teóricos-metodológicos no âmbito da formação docente e continuada, o PET/Pedagogia-UFPI desenvolveu o projeto de extensão, abordando a contação de histórias. Inicialmente, o mesmo acontecia de forma presencial (com os primeiros seis meses de aula teórica e posteriormente, de aulas práticas, que se desenvolviam através de parcerias com algumas escolas públicas e ambientes não escolares, possibilitando a contação de

histórias para alunos da Educação Infantil). Contudo, com o advento da Covid-19, o projeto sofreu algumas adaptações. A principal delas foi a utilização do meio remoto, tanto para as aulas teóricas quanto para as práticas - retirando do espaço escolar os contos organizados pelos participantes e os apresentando de forma *on-line*.

Assim, o uso da tecnologia foi essencial para a continuidade do projeto, pois através das ferramentas tecnológicas disponíveis, petianos, discentes e professores se reinventaram, a fim de adaptar a contação de histórias com o uso de aplicativos, a exemplo do *picsart*, *canva*, *inshot*, dentre outros.

Com o referido Projeto, foi possível perceber as contribuições no desenvolvimento e na solidificação das habilidades e competências, assim como o aperfeiçoamento da formação inicial e continuada dos estudantes de Pedagogia da UFPI e os profissionais que atuam na Educação Básica. Nesse sentido, foi oportunizado o aprimoramento das questões relacionadas a futura profissão do ser professor, compreendendo que o conjunto das experiências vivenciadas pelos discentes no Projeto Contação de Histórias constituem-se de aproximações quanto à apreensão dos papéis, dos valores e das normas inerentes à profissão do professor.

## **TECNOLOGIAS DIGITAIS E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

O surgimento da pandemia da Covid-19 afetou a sociedade em todos os aspectos constitutivos, na política, na economia, na saúde, na cultura e na educação em todo o mundo. No que se refere à educação, professores e alunos tiveram de se reinventar no atual contexto, uma vez que as aulas presenciais foram suspensas e as escolas fechadas. Na tentativa de continuar o ensino, escolas e professores adotaram o uso das

Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC's) para mediar as aulas, em formato remoto. Contudo, a realidade é que as escolas, professores e alunos enfrentam desafios em relação ao uso dessas tecnologias, tais como a necessidade de adaptação, condições financeiras que envolvem as questões de vulnerabilidade socioeconômica, dentre outras.

Dessa forma, fica evidente que as tecnologias não foram, em um primeiro momento, a melhor alternativa para mediar as aulas do Projeto Contação de Histórias, no entanto, foi a única maneira de conseguir manter o contato com os discentes do curso de Pedagogia, os quais passaram a assistir às aulas por meio de plataformas digitais, a exemplo do *Google Meet*, do *Zoom* e de outras disponíveis para estudos.

Nesse sentido, Santos (2020) em seu livro: “A cruel pedagogia do vírus” aponta que poderíamos estar melhor preparados no enfrentamento da Covid-19 se o debate político não tivesse tirado de suas discussões a parcela mais humilde da população, que é desvalorizada segundo ele e, por vezes, discriminada pelo alto escalão da política. Santos (2020) afirma ainda, que os menos valorizados, sempre estão por baixo, sem que haja possibilidade de melhora e as pessoas que possuem pouca condição financeira não se encaixam nos padrões que a sociedade exige, sendo que nem todos têm a mesma condição.

O livro em questão, também relata que a quarentena é discriminatória, quando expressa que qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros e impossível para um vasto grupo de cuidadores, cuja missão é tornar possível a quarentena ao conjunto da população. Nesse aspecto, Santos (2020) denomina essa parte da população como a que está no “sul” da quarentena, não localizando uma orientação geográfica, mas as pessoas que enfrentam a pandemia e a quarentena de maneira mais difícil.

Nesse sentido, é possível observar o regresso que a pandemia da Covid-19 trouxe em todos os aspectos, dentre eles, a educação. Santos (2020) afirma ainda, que há um regresso tanto no Estado quanto na comunidade, que se encaminha para a privatização dos bens sociais coletivos, tais como a saúde, a educação, a água canalizada, a eletricidade, os serviços de correios, de telecomunicações e de segurança social. Esse cenário, portanto, foi apenas a manifestação mais visível da prioridade dada a mercantilização da vida coletiva.

É importante destacar que aprender sobre tecnologia e sua utilidade foi relevante, considerando o isolamento social e a forma como professores e alunos se encontravam em casa confinados, sendo o único meio viável para prosseguir nos estudos o acesso à plataforma *on-line*. Entender a tecnologia e o seu uso é necessário para que haja um trabalho simultâneo, que favoreça ambas as partes. Apesar de existirem grandes dificuldades, é perceptível que discentes de Pedagogia e professores conseguiram participar das aulas dos projetos, utilizando aplicativos e facilitando a aprendizagem de alunos que tinham acesso a essas plataformas digitais.

As NTIC's são importantes na construção do conhecimento. Conforme afirma Prado (2005, p. 26), “a reconstrução da prática requer a sua compreensão e a articulação de novos referenciais pedagógicos que envolvem os conhecimentos das especificidades das tecnologias, entre outras competências necessárias na sociedade atual”. Kenski (2004, p. 31), por sua vez, expressa que:

[...] as tecnologias transformam o modo como compreendemos e representamos o tempo e o espaço à nossa volta. Sem nos darmos conta, o mundo tecnológico invade nossa vida e nos ajuda a viver com as necessidades e exigências da atualidade. *Internet* e serviços eletrônicos redimensionam nossa disponibilidade temporal e nosso deslocamento espacial.



Portanto, percebemos que diversos desafios foram impostos no cenário da educação nesse tempo de pandemia, o qual pegou todos de surpresa (professor e aluno) no tocante ao desenvolvimento das atividades educacionais relacionadas ao PET/Pedagogia-UFPI. No entanto, essas dificuldades foram enfrentadas e o projeto contação de histórias aconteceu da melhor maneira possível.

## CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E MÚSICA

A música e a contação de histórias são áreas que podem ter direcionamentos diferentes, mas podem se complementar, ao serem pensadas dentro da perspectiva formativa/educacional. Apesar disso, não são muitos os estudos que pensam sobre essa relação dentro de uma visão de formação integral dos indivíduos. Reys (2011), por exemplo, aborda as possibilidades de ensinar música através da sonorização de histórias. Importante ressaltar que a autora traz alternativas de ensinar música utilizando a sonorização de histórias. Nas palavras da autora:

As histórias representam um meio eficiente de se trabalhar conteúdos musicais como percepção, caráter expressivo e forma, o uso da voz e o manuseio de instrumentos, a partir de atividades consideradas prioritárias no processo de desenvolvimento musical dos alunos. Assim, atividades de composição, apreciação e execução podem estar articuladas em um processo lúdico, no qual a experiência musical favorece a compreensão de conceitos específicos. (REYS, 2011, p. 70)

Bergman e Torres (2009) *apud* Reys (2011) também discutem sobre a sonorização de histórias a partir da interdisciplinaridade, relacionando a música e a literatura. Essa relação é fundamental e foi um dos pilares do projeto desenvolvido

pelo PET/Pedagogia-UFPI, trazendo diversos professores de áreas diferentes que se interligavam pela temática principal: a contação de histórias.

Para Reys (2011, p. 72), “a escolha de uma atividade como a sonorização de histórias na aula de música ou na disciplina de língua portuguesa, por exemplo, pode transformar uma simples canção ou uma simples leitura em uma experiência significativa”. Assim, percebemos a importância da interligação entre a contação e a música, além de como essa relação pode ser de grande relevância dentro do processo formativo.

Oliveira (2019), em sua pesquisa desenvolvida com professores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, corrobora a visão dos autores citados anteriormente. Para a autora:

Os sons estão presentes na vida das crianças muito antes de seus nascimentos. Ainda no útero ouvem o som do coração da mãe batendo e essa batida tem o poder de acalmar ou mesmo de agitar a criança. O som do coração, a primeira música que ouvimos. Sob o ritmo do coração, a criança tem acesso aos primeiros sons do mundo. (2019, p. 15)

[...]

Se a música é considerada como linguagem, pode ser aprendida e, portanto, a infância é uma fase em que o aprendizado da linguagem musical se torna mais importante, pois possibilita o desenvolvimento de outras tantas linguagens [...]. (2019, p. 16)

[...]

Fato é que a música é, sem dúvida, uma manifestação artística e cultural que faz parte da evolução humana e que está presente em toda parte do mundo. É capaz de transmitir sentimentos, desejos, comunicar, desenvolver atitudes e habilidades. (2019, p. 16)

[...]

Então, a música está presente no cotidiano da Educação Infantil, em todos os momentos da rotina escolar, seja para organizar

a fila, iniciar uma atividade de contação de histórias, lancha, lavar as mãos, contar. (2019, p. 32)

Depreende-se, segundo a leitura da autora que, assim como na contação de histórias, a música e a escuta estão totalmente conectadas. Esse pode ser um dos indícios de que é possível criar uma integração entre a educação musical e a contação de histórias. A música e a contação de histórias são artes, e ambas podem ser usadas como recursos para sua execução. Ou seja, é possível utilizar a música durante a contação de histórias, assim como é possível contar uma história através de uma música. A contação de histórias, nesse contexto, passa a ser utilizada como ferramenta pedagógico-musical, e ela pode ser usada de diversas maneiras. Dependendo do livro escolhido pelo educador, pode-se pensar em diversos elementos musicais que se adequem à história. Vários pontos podem ser trabalhados como a atenção, as associações, a memória, o repertório, a análise crítica, a exploração sonora, a sonorização, a entonação vocal, a criação, entre muitos outros (OLIVEIRA, 2019).

Para isso, é fundamental destacar a importância da formação através de projetos na graduação ou, até mesmo, discussões durante as disciplinas, seguida de formação continuada, que possibilite reflexão crítica e embasamento teórico para a prática interdisciplinar nessas áreas. Brito (2003, p. 35), ao discorrer sobre crianças, sons e música na Educação Infantil, afirma que:

Trazer a música para o nosso ambiente de trabalho exige, prioritariamente, uma formação musical pessoal e também atenção e disposição para ouvir e observar o modo como bebês e crianças percebem e se expressam musicalmente em cada fase de seu desenvolvimento, sempre com o apoio de pesquisas e estudos teóricos que fundamentem o trabalho.

Assim, compreendemos mais sobre a relação entre música e contação de histórias e a necessidade de propostas formativas, como a do Projeto Contação de Histórias, desenvolvido pelo PET/Pedagogia-UFPI para a formação de pedagogas e pedagogos mais conscientes e ativos na formação cultural das crianças. Na próxima etapa será explicitado mais sobre as atividades do projeto, dialogando com as tecnologias em uma perspectiva teórica e prática.

## **POSSIBILIDADES TEÓRICAS E PRÁTICAS DA UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS**

O Projeto Contação de Histórias do PET/Pedagogia-UFPI foi marcado pela curiosidade dos discentes a respeito da temática proposta, porém, houve uma surpresa, tendo em vista que no universo, que é o ato de contar, existem diversas temáticas que não são consideradas por quem não tem prática ou não explorou de forma mais profunda essa área. Um grande exemplo disso foi o primeiro tema abordado pelo curso, intitulado: “A formação e prática docente na Educação Infantil”. Trata-se de assunto muito relevante, visto que a práxis docente influencia muito na contação de histórias, principalmente quando a mesma tem o objetivo de ser uma ferramenta de intervenção socioeducativa. Notamos, desse modo, que é essencial constantes análises, planejamentos e pesquisas, a fim de ser assegurado um currículo que adote uma boa formação docente e, assim, propicie excelentes práticas de ensino.

Através de uma pesquisa do Prof. Dr. Ronaldo Albano, desenvolvida para sua tese de doutorado e intitulada como: “Interação Educador - Crianças na hora da leitura: um estudo em creches públicas na cidade de João Pessoa - PB” (ALBANO, 2018), cujo referencial teórico está assentado sob a

perspectiva de desenvolvimento infantil de Vygotsky (1991a; 1991b; 2001), observamos que o estudo traz diversos questionamentos gerados a partir de onde, como e quais recursos os professores utilizam para apresentar as narrativas às crianças. Além disso, o estudo aponta que a falta de planejamento e organização ocasiona um prejuízo significativo no uso das narrativas como ferramenta educativa. Nesse contexto, não adianta o docente possuir os melhores instrumentos que possibilitem uma boa intervenção socioeducativa, se o profissional da docência não tem domínio e /ou uma técnica adequada, e se não dá espaço para a criança ser ouvida. Outro aspecto essencial no universo dos contos é a música, que, muitas vezes, é desvalorizada curricularmente, embora configure um instrumento lúdico que estimula a memória, a imaginação, a atenção e muitos outros elementos substanciais, contribuindo significativamente para o processo educativo das crianças.

Além disso, uma parte bastante relevante do projeto foi o terceiro módulo, intitulado: “A função da música na sociedade e seu papel na contação de histórias”, ministrado pelo Prof. Dr. Gabriel Nunes, com o intuito de ter um momento de conversa sobre música, arte e contação de histórias. Para uma articulação qualitativa entre música e contação de história na Educação Infantil, Ponso (2011, p. 23) recomenda que “o primeiro momento da contação de história precisa ser interessante, utilizando efeitos sonoros, sons de instrumentos ou a participação das crianças realizando sons onomatopáicos, cantando ou criando ambientes sonoros”.

Nessa etapa teórica foi enfatizado a importância de compreender o papel da música e da arte no nosso cotidiano. Para fundamentar sua explicação, foram citados os autores Alan Merriam e Valerie Merriam (1964), que trazem em seus estudos as funções da música, como ela está presente na nossa

sociedade e como reflete na nossa vida. Várias funções foram abordadas como, por exemplo, a função de expressão emocional, como entretenimento, como comunicação, como ritual religioso, estabilidade da cultura, entre outras.

No contexto sonoro, nas aulas do Projeto, aprendemos com a Profa. Liliane, conceitos acerca da sonoplastia e da paisagem sonora, facilitando assim, a compreensão a respeito da sonorização na hora da história. Ademais, aprendemos a utilizar vários objetos para produzir sons e áudios de animais, a fim de incrementar ainda mais nossas histórias. Além da sonorização e da musicalidade, o projeto enfatizou outras vertentes que raramente recebem a devida atenção, como no caso do brinquedo e as brincadeiras que, através da ludicidade, refletem suas influências e contribuições no processo de desenvolvimento infantil.

Com o advento da pandemia várias atividades precisaram se adaptar e a contação de histórias não foi diferente. Abruptamente, os professores tiveram que aprender a utilizar a tecnologia e seus devidos recursos adaptados na hora de contar a história. Em uma das aulas do Projeto, foram apresentadas várias formas de uso de aplicativos e sites que podem auxiliar nesse novo cenário e assim, dar um maior suporte a esses docentes que tentam superar as dificuldades em atrair a atenção e interesse das crianças através das aulas *on-line*.

Dessa forma, a utilização das tecnologias se torna muito útil, pois os professores e contadores de história podem pensar sobre novas formas de utilizar as ferramentas digitais que estão disponíveis para uso quando o contador está contando a história, deixando-a mais interativa e instigando mais as crianças que estão do outro lado da tela, experimentando a magia, a imaginação e a comunicação das histórias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, compreendemos com base na pesquisa realizada e no estudo aprofundado a partir dos teóricos que abordam a temática, que a contação de histórias é uma grande ferramenta educacional, a qual passou por uma mudança em seu modo de estudo e aplicação, possibilitando, em meio às adversidades, novos modos de refletir e vivenciar a práxis docente, principalmente no que tange ao universo lúdico das narrativas.

Conseguimos perceber que, apesar de um cenário diferente, o ato de contar ainda pode ser um espaço bastante rico de possibilidades que afloram a imaginação infantil, ainda mais, com a ajuda das tecnologias digitais, que oferecem inúmeros recursos trabalhando a criatividade do docente e permitindo, em simultâneo, a interação com o discente e assim, contribuindo tanto no processo socioeducativo das crianças para uma aprendizagem mais dinamizada como também, na formação do trabalho docente com recursos diferenciados que instigam os alunos e trabalham o desenvolvimento cognitivo de forma integral.

## REFERÊNCIAS

ALBANO, Ronaldo Matos. **Interação educador-crianças na hora da leitura**: um estudo em creches públicas na cidade de João Pessoa - PB. 2018. 240 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

BRITO, Teca Alencar. **Criança, sons e música**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2004.

MARTINS, Maria de Nazareth Fernandes. **Prática pedagógica da Educação Infantil mediada pelo brincar**: de estratégia de ensino à atividade guia do desenvolvimento integral a criança. 2019. 312 f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

MERRIAM, Alan P.; MERRIAM, Valerie. **The anthropology of music**. Northwestern University Press, 1964.

OLIVEIRA, Célia Marina Fernandes Pinto. **A música na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental**: explorando as dimensões da oralidade e escrita. 2019. 60 f. Monografia (Especialização em Alfabetização e Letramento) - Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. **Integração de mídias e a reconstrução da prática pedagógica**. 2005. Disponível em: [www.tvebrasil.com.br/salto](http://www.tvebrasil.com.br/salto). Acesso em: 22 mar. 2022.

PONSO, Caroline Cao. **Música em diálogo**: ações interdisciplinares na Educação Infantil. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

REYS, Maria Cristiane Deltregia. Era uma vez... Entre sons, músicas e histórias. **Música na Educação Básica**, Londrina, v. 3, n. 3, p. 68-83, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus (Pandemia Capital)**. São Paulo: Boitempo, 2020.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.



São Paulo: Martins Fontes, 1991a.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem.**  
São Paulo: Martins Fontes, 1991b.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Psicologia pedagógica.** São  
Paulo: Martins Fontes, 2001.



# A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS ONDAS DO RÁDIO: TRABALHANDO O RACISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Talita de Sousa Rodrigues*  
*Robisreyla Barros Oliveira*  
*Liziane Kelly do Nascimento Soares Santiago*  
*Juliana do Nascimento Santos*  
*Francisco Renato Lima*  
*Hilda Mara Lopes Araujo*  
*Ronaldo Matos Albano*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Inicia-se este texto, enfatizando que além de buscar atender a um objetivo de pesquisa, delimitado mais adiante, busca-se também, uma forma de valorizar um recurso comunicativo e interacional que, durante muitos anos, fez parte da rotina da população mundial, o rádio, mas no processo de desenvolvimento tecnológico e digital decorrente da globalização, acabou sendo substituído por outros recursos (como a televisão e a internet), tornando-se então, desconhecido por algumas pessoas (nativos digitais) ou, até esquecido por outros (imigrantes digitais). Assim, a fim de evocar sua importância na história da formação cultural, recorre-se a um poema de Bertolt Brecht, escrito no período em que amargou o exílio em Svendborg, na Dinamarca (1933-1939), com a ascensão do Partido Nacional Socialista ao poder na Alemanha (1933) e

que teve no rádio um companheiro, de luta política e criação literária, que nunca o abandonou:

### **Ao pequeno aparelho de rádio**

Você, pequena caixa que trouxe comigo  
Cuidando para que suas válvulas não quebrassem  
Ao correr do barco ao trem, do trem ao abrigo  
Para ouvir o que meus inimigos falassem

Junto ao meu leito, para minha dor atroz  
No fim da noite, de manhã bem cedo  
Lembrando as suas vitórias e o meu medo:  
Prometa jamais perder a voz!  
(BRECHT, 2000, p. 272)

É, como se vê, o rádio, pela versatilidade e mobilidade que possui, nunca te abandona! Onde as ondas hertzianas chegarem, ele estará lá, com você, levando notícias, entretenimento e diversão! Por meio de suas ondas sonoras, muitas emoções e experiências são evocadas!

Feita essa digressão<sup>1</sup>, volta-se então, ao prometido: apresentar o objetivo do estudo, a saber: analisar a importância do rádio como ferramenta na contação de histórias para discutir o racismo com crianças na etapa da Educação infantil. Mormente, compreende-se a relevância da contação de histórias

---

1. Embora existam críticas a ideia de fazer uma ‘digressão’ em textos acadêmico-científicos, frutos ainda de um paradigma estruturalista e cartesiano historicamente insaturado no campo das ciências humanas e sociais, opta-se pelo uso do termo, no sentido de que trata Andrade (2006, p. 99-100), entendendo-a como uma “estratégia discursiva” e ao empregá-la “a interação recebe uma espécie de reorientação de seu sentido, revelando algo que está no horizonte do campo de percepção do locutor”. Assim, **“a digressão pode ser caracterizada como uma porção textual que não se acha diretamente relacionada com o segmento precedente nem com o que lhe segue; entretanto, não é acidental e tampouco cria uma ruptura da coerência, na medida em que é fruto de relações de relevância tópica”** (grifos nossos). É, portanto, com essa valência positiva que se utiliza o termo.

como o primeiro meio para a mediação de conhecimentos, instigar a curiosidade e a imaginação das crianças na Educação Infantil e, acolhendo a realidade atual em que as crianças estão cada vez mais inseridas nos espaços tecnológicos, é que o presente estudo discorre sobre o rádio como ferramenta para a contação de histórias. Ademais, considera-se que durante o ato de ouvir histórias pelas ondas sonoras, a criança desperta a sensibilidade, a emoção e o autoconhecimento e, assim, tem seu caráter e personalidade formados, através da identificação com as histórias retratadas, dentre elas, as que assumem um tom crítico e social, a exemplo da temática do racismo, pauta fundamental na luta pelos direitos humanos.

A discussão proposta neste capítulo surgiu a partir das vivências em um curso de formação de professores, no formato de projeto de extensão, denominado: “Uma viagem ao mundo do faz de conta: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil”, que ocorreu durante o ano de 2021, com o objetivo de reconhecer a contação de histórias como ferramenta para estimular na criança o gosto pela leitura, aliando-se com ações socioeducativas, realizadas em espaços escolares e não escolares, bem como desenvolver sub-projetos envolvendo a contação de história em escolas públicas e/ou outros espaços educativos que oferecem a Educação Infantil. Dentre os temas abordados, estava o uso de tecnologias na contação de histórias, a exemplo do rádio.

O projeto de contação de histórias mencionado constitui parte das ações do Programa de Educação Tutorial (PET)/ Pedagogia - Universidade Federal do Piauí (UFPI). Esse Programa tem como objetivo contribuir com a qualificação do ser humano na sociedade, de forma ética, criativa e cidadã, bem como atender às necessidades formativas dos discentes, ao ampliar e aprofundar os conhecimentos, possibilitando a construção do pensamento crítico e autônomo.

A essencialidade da contação de histórias na Educação Infantil está nas habilidades desenvolvidas no aprendizado na infância, como, por exemplo, a reflexão sobre valores morais e sociais, o desenvolvimento do pensamento crítico, a ludicidade e o gosto pela leitura. A contação de histórias, desse modo, precipuamente analisada de maneira educativa, além do proveito criativo, ajuda o aluno a entender o mundo a sua volta e a refletir sobre o desconhecido.

Nessa perspectiva, utilizou-se do rádio como meio para contar histórias no âmbito do projeto de extensão: “Uma viagem ao mundo do faz de conta: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil”. A história contada foi *A cor de Coraline*, narrativa delineada a partir do seguinte pedido de Pedrinho (amigo de Coraline): “Coraline, me empresta o lápis cor de pele?”. Fato que leva a personagem central a se questionar sobre que “cor de pele” é essa que seu amigo está falando. A história retrata as muitas cores e belezas encontradas na pluralidade de cores étnicas das pessoas, sendo assim, um conspícuo enredo para refletir a respeito da temática do racismo na Educação Infantil, com foco no respeito às questões raciais e às diferenças junto às crianças desde os primeiros anos de escolarização.

## **CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA DO ESTUDO**

O estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e cunho exploratório (GIL, 2019; LÜDKE; ANDRÉ, 2014; MINAYO, 2013). Essa articulação de métodos e procedimentos metodológicos possibilita o caráter científico da atividade de pesquisa que, segundo Gil (2019, p. 25), pode ser definida como “o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. Seu objetivo é descobrir respostas para problemas median-

te o emprego de procedimentos científicos” que garantam a credibilidade junto aos pares no campo de estudo em que se insere, nesse caso, o educacional.

Para a contação de história narrada, *A cor de Coraline*, via rádio, utilizou-se as plataformas digitais *WhatsApp* e *Google Meet* na fase de planejamento, a fim de organizar o pensamento em grupo. Em seguida, nas gravações, optou-se por gravar previamente a sonoplastia para ser apresentada na Rádio PET - Pedagogia, no ‘Quadro Contar e Encantar’.

Esse trajeto permitiu um levantamento e uma aproximação crítica, contextual, situada e, relativamente subjetiva com referenciais atinentes ao tema, de modo a dialogar com tais leituras e tentar contribuir com o desenvolvimento dos estudos na área. Esse movimento ancora-se em uma das reflexões que Campos (2009, p. 281-282) traz para a pergunta: ‘Para que serve a pesquisa em educação?’, em texto de título homônimo:

A atitude suposta na pesquisa, ou seja, o impulso por conhecer e conhecer dentro dos parâmetros de uma racionalidade moderna, faz parte da cultura da sociedade contemporânea. [...] Seus resultados constituem elementos importantes a serem levados em conta nas decisões, mas não são os únicos e nem podem ser incorporados sem mediações. Em lugar de um confronto entre esses dois modos de conhecer e agir, seria mais interessante a possibilidade de um diálogo aberto, que nem sempre vai produzir consensos, mas que teria o potencial de contribuir para avanços, tanto na prática pedagógica como na própria pesquisa.

É o que se espera, portanto, fazer, por meio deste estudo, ao articular aspectos teóricos construídos a partir de crenças e de concepções que revelam o modo como os sujeitos veem e agem socialmente, mobilizando saberes e experiências diversas em seus discursos e práticas.

## CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: ASPECTOS SOCIOCULTURAIS

A contação de histórias é considerada uma das maneiras lúdicas mais antigas de repassar conhecimentos e estimular a imaginação. Segundo Schermack (2012, p. 01), “a contação de histórias é uma das mais antigas artes ligadas à essência humana. No passado, ela expressava e corporificava o mundo simbólico pelo uso das palavras e dos gestos para um conjunto de ouvintes da família ou da aldeia”. Essa visão encampa o pensamento seminal de Benjamin (1994), sobre o papel do narrador, como aquele que busca preservar a história e a arte, como parte do processo de transmissão cultural de saberes e de tradições ao longo do tempo.

Trata-se então, de uma prática que se estende desde muito tempo entre os grupos familiares, auxiliando inclusive, no desenvolvimento e na manutenção dos valores culturais de geração para geração. Desse modo, mais do que prazerosa, a contação de histórias proporciona uma ampla compreensão do mundo e agrega na construção cognitiva, cultural, socioemocional, ética, estética e afetiva do sujeito. Na visão poético-filosófica de Estés (1994, p. 30):

As histórias são bálsamos medicinais. [...] Elas têm uma força! Não exigem que se faça nada, que se seja nada, que se aja de nenhum modo – basta que prestemos atenção. A cura para qualquer dano ou para resgatar algum impulso psíquico perdido está nas histórias. Elas suscitam interesse, tristeza, perguntas, anseios e compreensões [...]. Nas histórias estão incrustadas instruções que nos orientam a respeito da complexidade da vida.

Deve-se considerar ainda, que a contação de histórias é, sem dúvidas, uma das atividades mais animadas e divertidas, o que reforça seu valor dentro do espaço da sala de aula de



Educação Infantil, como relevante aliada no processo educativo. Ela assume um lugar de suma importância para o estímulo à leitura, o desenvolvimento da oralidade e o aprendizado da escrita. Busatto (2003, p. 20) ressalta que “através da voz dos contadores de histórias, até o dia em que antropólogos, folcloristas, historiadores, literatos, linguistas e outros entusiastas do imaginário popular saíram a campo para coletar e registrar estes contos, fosse através da escrita ou outras tecnologias” que vão surgindo no curso da evolução social.

Nesse processo, a articulação entre o corpo e a voz possibilita a ampliação do imaginário e dos sentidos. Dessa forma, a contação de histórias permite o acesso às diferentes linguagens e maneiras de contar algo, dando abertura para trabalhar a oralidade, desenvolver o cognitivo, aguçar e ativar a imaginação, favorecendo o criar e recriar. Na Educação Infantil, a criança se apropria de um mundo mágico, cheio de fantasias, com possibilidades de viajar pelo universo do encantamento, a partir do estímulo de múltiplas linguagens. Além disso, a contação de história traz a ludicidade e a leveza dentro de um momento pedagógico específico de ensino e aprendizagem, no qual “emissor e receptor são envolvidos pela atmosfera de cumplicidade” (BUSATTO, 2006, p. 96-97). No espaço dialógico da sala de aula, professores e alunos assumem, de maneira mútua, esses papéis de ‘emissores’ e ‘receptores’, que se encontram interligados pela relação responsiva e horizontal que caracteriza a interação entre eles.

Partindo da análise do contexto escolar da Educação Infantil, a assimilação das diversas linguagens com a contação de histórias considera as experiências pessoais das crianças, a colaboração na fala e na forma de como elas percebem e valorizam as histórias, bem como, a contribuição para construção do imaginário. Desse modo, o(a) professor(a), como contador de histórias, estimula o desenvolvimento da linguagem

da criança. Para tanto, os profissionais da educação devem ter preparação, a fim de executar essa prática com êxito. De acordo com Sisto (2004, p. 82):

Fazer nascer uma história não é uma tarefa fácil ou simples. E depende tanto de quem conta quanto de quem ouve. E todo “nascimento” deve vir cercado de cuidados: o local (que deve ser apropriado); o momento (que deve ser “exato”); os gestos e movimentos (que exigem uma enorme precisão!); as palavras (que vão “desenhando” um mundo novo), a voz (que deve convidar à proximidade, ao querer estar e ao querer ficar!). Afinal, trazer qualquer coisa ao mundo é sim um enorme ato de responsabilidade.

Na Educação Infantil, a contação de histórias tem um papel indispensável na formação das crianças, sobretudo nos âmbitos social e cultural, objetivando o desenvolvimento das competências e habilidades dentro do contexto social e escolar. Além de ser um momento prazeroso e interativo, tanto para quem conta quanto para quem ouve, o narrar histórias desperta inúmeras possibilidades para o desenvolvimento da linguagem, a construção da identidade social e cultural da criança. Nesse processo, as possibilidades de interação facultadas pela linguagem do rádio constituem mecanismo primordial para contar histórias.

## **O RÁDIO COMO TÉCNICA PARA CONTAR HISTÓRIAS: POSSIBILIDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS EM SALA DE AULA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Em um momento em que a tecnologia digital tem sido decisiva para manter as pessoas conectadas, o rádio permanece tornando a conexão mais acessível e democrática, já que no

Brasil ainda existem quase 50 milhões de pessoas sem acesso à internet. Nessa perspectiva, em alguns estados do país, muitas Secretarias de Educação recorreram ao rádio para compartilhar suas sessões virtuais de contação de histórias, para além das redes sociais. Trata-se de projetos, como “Contos Radiofônicos”, “Na onda do Rádio”, dentre outros, que seguiram durante a pandemia do Covid-19 ocupando um tempinho na programação das emissoras das cidades.

Desde que chegou ao Brasil, na década de 1920, o rádio tem como característica espalhar informações, entreter os ouvintes e promover a interação das pessoas que participam da comunidade. Dentro do âmbito educativo, possibilita experiências que promovem o crescimento do sujeito enquanto ser social, permitindo que ele interaja com as diversas áreas do conhecimento ao mesmo tempo, fazendo as conexões necessárias. Dessa forma, o rádio ajuda os alunos a crescerem como cidadãos na medida em que os auxilia a romper com os preconceitos e a aceitar as diferenças de pensamentos, ideias e valores.

Um olhar para o passado permite descobrir que, no cenário brasileiro, durante a Ditadura Militar, foi criado o Conselho Nacional de Telecomunicações (CONTEL) como “aparelho repressor”, através do Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967. Este conselho fixava a qualidade, o horário a ser transmitido e a duração dos programas. Os veículos de comunicação eram obrigados a transmitir programas educativos durante cinco horas semanais em todas as emissoras comerciais (PIMENTEL, 1999). Era o início do Projeto Minerva, que tinha por objetivo “transmitir, através do rádio, os programas educativos e culturais, aperfeiçoando o homem dentro da sua própria comunidade e permitindo o seu desenvolvimento individual e coletivo” (PIMENTEL, 1999, p. 63). O gerenciamento das atividades do sistema de ensino à distância ficou

sob a responsabilidade do Programa Nacional de Teleducação (PRONTEL), fundado em fevereiro de 1972. Por esse ângulo, pode-se perceber que:

[...] o rádio tem servido historicamente à educação, mas parece ter atendido com eficiência as concepções mais conservadoras, como o processo centrado no professor-emissor, na transmissão de conteúdos estagnados e na avaliação que cobrava do aluno a memorização de aspectos pontuais do conteúdo ensinado. Porém, o sistema educacional brasileiro sofreu reformas importantes nos anos 1990 e esse quadro traz novas exigências para o rádio na educação, que devem ser transpostas do papel às práticas educativas – formar ouvintes críticos, cidadãos conscientes, pessoas com sensibilidade estética, ética etc. (ANDRELO, 2013, p. 180)

Diante desses fatos históricos, observa-se que o rádio foi e continua sendo um veículo de comunicação muito importante e útil para a sociedade e para toda comunidade escolar, no que se refere a transmissão de conhecimentos. Esse fato histórico justifica as ações desenvolvidas recentemente, no contexto da pandemia da Covid-19, de buscar o rádio como uma porta de escape para tentar fazer os conteúdos chegarem até os alunos e minimizar os prejuízos na aprendizagem. Desse modo, o uso do rádio como técnica de ensino ajudou a diminuir a defasagem escolar e, por consequência, a evasão e o fracasso escolar.

O objetivo maior é conseguir chegar ao público que não tem acesso à internet. É costumeiro achar que todo mundo tem, mas não é bem assim (PILL, 2020; OLIVEIRA, 2020), fato que é possível constatar em todas as faixas etárias, desde crianças até idosos, por razões diversas. Muitas pessoas têm cancelado o serviço de internet por conta dos problemas financeiros ocasionados pela pandemia. Nisso, o rádio é um meio de mais fácil acesso e de menor custo econômico, chegando a lugares que a internet não chega.

A partir das mudanças sociais ocorridas a partir do final do século passado, como referido por Andrelo (2013), há então, conforme a autora, que se pensar em uma nova reconfiguração social desse veículo comunicativo, aliado aos modelos educacionais vigentes e o modo como as práticas de linguagem circulam socialmente. Nesse sentido,

[...] ao defender o papel educativo do rádio, é importante salientar que ele não é como os outros instrumentos pedagógicos com que a educação, historicamente, tem lidado. Trata-se de uma tecnologia marcada por características próprias e por um uso social específico: entretenimento, com pequenos espaços para informação; oralidade; instantaneidade, já que a mensagem precisa ser ouvida no momento da emissão; além de uma recepção marginal da mensagem, uma vez que o produto radiofônico disputa a atenção da audiência com várias outras atividades. Soma-se a isso o fato de o veículo de comunicação divulgar mensagens diversas, de forma fragmentada, em tempo reduzido e intercalando informações e peças publicitárias. (ANDRELO, 2013, p. 180)

A autora aponta para as características que particularizam a linguagem radiofônica e como elas podem ser utilizadas em benefício dos processos educativos na escola. O rádio pode motivar a imaginação, pois coloca a mente do ouvinte em desenvolvimento, fazendo com que ele possa criar imagens a partir daquilo que é ouvido. Quando se faz a união da oralidade com alguma percussão ou outra instrumentação, isso torna a experiência ainda mais deliciosa, tanto para a criança quanto para o adulto. É o se permitir ouvir, imaginar e criar, a partir daquilo que não existe. Nos primórdios do rádio, essa conexão com a imaginação era estabelecida pelas radionovelas, que convidavam os ouvintes a criarem suas próprias imagens para a narrativa. Por exemplo, as gerações oriundas da primeira metade do século passado, contam das radionovelas, da emo-

ção que elas conseguiam causar no ouvinte. Não era possível saber/visualizar como a personagem estava vestida, se movimentava, mas era possível, por meio da imaginação, construir a sua imagem, a partir do efeito interacional construído. Essa é a grande magia do rádio. Se você conseguir mostrar esse diferencial que o rádio possui, que é algo que todos podem ouvir, torna-se um trabalho incrível, para explorar temas sociais, como o racismo. Talvez, por conta disso, nesse período complexo em que se viveu e vive (pandemia e pós-pandemia), marcado por tantas tensões ideológicas, friezas de sentimentos e desrespeito à diversidade humana, seja ainda mais preciso reforçar e valorizar o respeito ao outro, como forma de sobrevivência digna e respeitosa do homem.

Está claro que contar história é um poderoso instrumento para transmitir conhecimentos e conquistar as crianças, despertar o prazer pela leitura, estimular a criatividade e desenvolver a linguagem (oral e escrita). É um passaporte para despertar o senso crítico e, principalmente, para fazer sonhar. As histórias têm a função de transmitir conhecimento, educar, instruir, preparar e promover a inclusão social. Do ponto de vista interacional, ancorado em uma perspectiva de linguagem, a relação que o rádio possibilita pode ser assim definida:

[...] não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. (ORLANDI, 2015, p. 19)

Ou seja, não há uma lógica vertical e de mera passividade entre quem fala e quem escuta, pois a linguagem é um mecanismo fundamental de interação humana e que, mesmo não estando próximos fisicamente, os sujeitos, por meio da lin-

guagem, manifestam seus afetos e suas emoções (DIDI-HUBERMAN, 2016; MARCUSCHI, 1999), permitindo que os sujeitos interajam. Não se tem, portanto, a linguagem como ‘expressão do pensamento’ ou ‘instrumento de comunicação’ (GERALDI, 2012; TRAVAGLIA, 2009), mas como ‘mecanismo de interação’, conforme a concepção clássica de Bakhtin (2009, p. 127):

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica e isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (grifos do autor)

Essas reflexões encaminham possibilidades de pensar a linguagem do rádio como estímulo do desenvolvimento da criança, principalmente no despertar da imaginação, uma vez que que isso ocorre tanto ao assistir quanto ao ouvir e reproduzir uma história. O contador (professor) transfere para o público (crianças da Educação Infantil) todas as possibilidades gestuais e de expressão para demonstrar aquilo que é contado, utiliza-se do desenvolvimento do imaginário para ajudar a quem presencia a construção imaginária. Segundo Abramovich (2009, p. 14), “é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!”.

O rádio é uma ferramenta essencial no processo de ensino e aprendizagem, pois permite trabalhar e explorar diferentes percepções. Com o auxílio do rádio, desenvolve-se a oralidade, a ampliação do vocabulário, a percepção lógica, a auditiva e a rítmica, além de despertar a atenção e a concentração. Também possibilita que a criança saiba ouvir, reter informações para, posteriormente, refletir e socializar com os colegas.

Tudo isso, contribui para a necessidade do que Baltar (208, p. 568-569), chama de um letramento radiofônico na escola. Para o autor:

A implantação de uma **mídia radiofônica** no ambiente discursivo escolar funciona como contraponto ao discurso escolar tradicional, alicerçado em transmissão de conteúdos assépticos e em relações assimétricas de poder, em que predominam, na maior parte do tempo destinado à ensinagem, a voz do professor e da escola. Além disso, a implantação da mídia radiofônica escolar pode também funcionar como um contraponto ao discurso midiático convencional, construindo pontes para a compreensão do ambiente discursivo midiático, estabelecendo uma relação interdiscursiva escola-mídia e contribuindo, assim, para novos gêneros da mídia e da escola e, por conseguinte, para uma nova escola e uma nova mídia. (grifo do autor)

A partir da visão do autor, é possível situar o rádio em uma margem radicalmente distante de quando ele era utilizado como “aparelho repressor” (PIMENTEL, 1999), a serviço de interesses comerciais e ideológicos divergentes das necessidades educativas do século XXI. Hoje, aliado a uma concepção de educação e de linguagem que evocam a transformação social e a criticidade dos sujeitos, suas funcionalidades operam, junto à atividade de contação de histórias, como uma maneira de cultivar valores, como solidariedade, amizade e, sobretudo, respeito e empatia às diferenças diversas que compõem o rico painel da diversidade brasileira.

Nesse contexto, o rádio assume verdadeiramente, uma função educativa, tanto que aparece citado em vários momentos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), podendo ser utilizado em níveis de ensino diversos da Educação Básica, dentre eles, na Educação Infantil, conforme o recorte deste estudo. Na concepção assumida pelo discursivo



so oficial, o rádio constitui um mediador de diversas práticas de linguagem, como, por exemplo, na contação de histórias aliando a temas de grande relevância social, como racismo, discussão que deve permear o currículo escolar desde as primeiras vivências da criança na escola.

## RACISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O conceito de racismo surgiu no século XVIII, a partir da discriminação social baseada na falsa ideia de que as pessoas são divididas em raças e que umas são superiores às outras, do ponto de vista biológico, justificando a dominação do branco europeu sobre os povos de outros continentes, construindo um *apartheid* entre brancos e negros. Além dele, há outros tipos de preconceitos, como a homofobia e a xenofobia, ou comportamentos violentos, como o *bullying*, relacionados ao preconceito racial e que violam os direitos das pessoas no mundo inteiro. Em síntese, o racismo resulta de um contexto de vulnerabilidades sociais históricas, oriundas do período criminoso de escravidão e que, ainda hoje, sua estrutura “se solidifica como construção ideológica de conjunturas históricas, na qual os interesses materiais das classes dominantes encontraram uma justificativa científica para a importação de europeus e a inferioridade da maioria dos brasileiros” (MADEIRA; GOMES, 2018, p. 467).

No Brasil, o racismo é previsto na Lei n. 7.716/1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor (BRASIL, 1989). É inafiançável e não prescreve, de modo que, quem o comete pode ser condenado a anos de prisão. Embora esse aparato legal, a prática ainda não reverbera a teoria, ou seja, o ‘dito’ no texto baseado nos princípios constitucionais. Assim, sua persistência ainda se impõe como uma questão estruturante das relações sociais.

O racismo opera estruturalmente na formação social capitalista. Estrategicamente funciona como mecanismo definidor de lugares sociais. Com a atual ofensiva do conservadorismo, as antigas desigualdades advindas do período colonial escravista são reeditadas e têm resultado em profundas violações de direitos humanos, as quais dilaceram e despotencializam essas populações. (MADEIRA; GOMES, 2018, p. 477)

Recortando esse contexto mais amplo para os espaços que envolvem diretamente o desenvolvimento infantil, o racismo provoca um impacto ainda maior, quando se percebe no ambiente escolar de Educação Infantil, o tratamento desigual recebido por crianças de pele negra, ao serem tratadas de maneira diferente em relação às crianças de pele branca. É perceptível ainda, nas brincadeiras, em que o racismo aparece quando as crianças negras são as empregadas domésticas ou quando as crianças brancas temem ou não gostam de dar as mãos para as negras. Assim, o racismo, na infância, sobrevém diretamente sobre seus aspectos físicos, seu corpo. Nesse sentido, Cavalleiro (2001, p. 145) alerta para o fato de que:

Um olhar superficial sobre o cotidiano escolar dá margem à compreensão de uma relação harmoniosa entre adultos e crianças; negros, brancos. Entretanto, esse aspecto positivo torna-se contraditório à medida que não são encontrados no espaço de convivência das crianças cartazes, fotos ou livros infantis que expressam a existência de crianças não-brancas na sociedade brasileira. Dessa maneira, o espaço escolar reproduz o modelo de beleza branca/europeia predominante nos meios de comunicação e na vida social. A ocorrência desses acontecimentos também na escola parece confirmar às crianças uma superioridade do modelo humano branco.

De muitas formas, de modo sutil, discreto e mascarado, o racismo é construído entre as crianças. Outras vezes, isso

ocorre de maneira bastante velada e explícita. Essa conduta, não apenas viola os direitos humanos, mas é maléfica no sentido tanto de desrespeitar a diversidade no espaço social e escolar, quanto para a (de)formação de caráter na fase da infância. Não é senso comum insistir que ‘nenhuma criança nasce racista, mas torna-se racista’. Ou seja, são as relações sociais construídas em diferentes espaços que podem causar esse malefício. Por isso, a escola tem papel fundamental nesse processo, ajudando a potencializar discursos e práticas de respeito e de valorização à dignidade humana em suas particularidades.

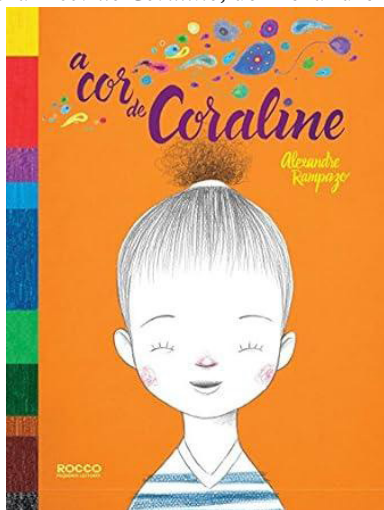
Desse modo, práticas didático-pedagógicas mais assertivas, nesse sentido, devem ser adotadas desde a chegada da criança ao espaço escolar, pois na Educação Infantil o racismo aparece de maneira diferente do que no Ensino Fundamental. Percebe-se que no Ensino Fundamental o desempenho escolar mais baixo é de crianças negras e, na Educação Infantil, o racismo aparece nas relações afetivas e corporais, tanto entre as crianças quanto nas relações entre os adultos, bem como, nas brincadeiras espontâneas.

Em face de tais questões é preciso adotar, de maneira intencional e articulada ao projeto educativo da escola, ações que atuem diretamente contra qualquer manifestação do racismo ou outra conduta que viole os princípios constitucionais que garantem o respeito ao ser humano. Uma das formas profícuas para que isso ocorra, logo na Educação Infantil, é por meio da literatura infantil, como bem apontou Lima (2018), ao tematizar questões que desmitificam as feições que o racismo manifesta e mascara nos espaços escolares. A exemplo disso, tem-se a obra *A cor de Coraline*, com um enredo que promove reflexões e mudanças de comportamentos, na perspectiva de construir relações mais éticas e cidadãos socialmente.

## A CONTAÇÃO DA HISTÓRIA *A COR DE CORALINE* E A ABORDAGEM DO RACISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL PELAS ONDAS DO RÁDIO

O livro *A cor de Coraline*, escrito e ilustrado por Alexandre Rampazo (2017), recebeu o Selo Seleção Cátedra 10 Unesco de leitura (2017), finalista do Prêmio Jabuti (2018) na categoria Infantil e Juvenil, traz uma reflexão bastante pertinente sobre a consciência racial. A narrativa inicia a partir de um questionamento entre a personagem Coraline e seu amigo Pedrinho. Na história, o colega pede emprestado o lápis cor de pele, e ela logo se pergunta: “Que cor será essa, sendo que cada um tem uma cor?” No decorrer da trama, a personagem leva o leitor a entender que o termo “cor de pele” é bem antiquado e preconceituoso, pois é comumente destinado a pintar peles brancas, demonstrando assim, um ato de racismo velado, ainda enraizado na sociedade.

Imagem 1: A obra *A cor de Coraline*, de Alexandre Rampazo (2017)



Fonte: Arquivo dos autores (2021)

O enredo descrito por Rampazo fala sobre o preconceito e as diferenças raciais com o uso de personagens e lápis de diferentes cores, como forma de ilustrar essa triste realidade preconceituosa presente no universo infantil. Por isso, a contação dessa história se torna uma importante ferramenta pedagógica para promover o interesse da criança pelo tema de forma lúdica, interessante e pedagogicamente pensada para a formação cidadã. Desse modo, não se pode negar o efeito que faz essa narrativa traz dentro do contexto de identidade cultural.

As reflexões presentes no livro são muito pertinentes. No decorrer da narrativa, o autor consegue alcançar seus objetivos, de forma agradável e usando uma linguagem adequada para o leitor mirim. Foi por essas e tantas outras alegações que a obra foi escolhida para ser apresentada no 'Quadro Contar e Encantar', da Rádio PET - Pedagogia, na forma de contação de histórias, via rádio, utilizando-se desse recurso como forma de alcançar o máximo possível de crianças que frequentam a Educação Infantil.

Assim, acredita-se que essa prática de contação de histórias contribuiu para uma qualificação no processo de ensino e aprendizagem, bem como no processo de inclusão, ao abordar o tema racismo. A história, contada com uma intencionalidade formativa, a partir de estratégias variadas, como leitura coletiva, desenhos, ilustrações, dramatização com fantoches, histórias em sequências, músicas, enfim, em múltiplos formatos e configurações de linguagem, aproxima a criança do tema e desenvolve uma consciência cidadã, de forma prazerosa e lúdica, ensinando assim, atitudes cidadãs.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o objetivo de analisar a importância do rádio como ferramenta na contação de histórias para discutir o racis-

mo com crianças na etapa da Educação infantil, este estudo buscou refletir sobre a relação entre a contação de histórias e o desenvolvimento da criança, tendo em vista, os inúmeros benefícios presentes no ato de ouvir histórias narradas, principalmente no rádio, enfatizando o desenvolvimento da linguagem, a construção da identidade social na infância e a quebra de tabus enraizados de maneira preconceituosa e velada na infância.

Foi possível compreender que o rádio é uma ferramenta de fácil acesso, pois a maioria das famílias brasileiras possui algum tipo desse aparelho em casa, contrariamente à internet que nem todos têm acesso. O rádio tornou-se, diante disso, um importante aliado para a educação, sendo utilizado como meio para contar histórias e transmitir conhecimentos. Além de ser uma ferramenta que estimula a imaginação, pois com a ausência de imagens, os ouvintes desenvolvem a imaginação e a criatividade, criando representações a partir do que ouvem.

Portanto, as histórias contadas no rádio têm a função de desenvolver o imaginário, transmitir conhecimentos, educar, instruir, preparar e promover a inclusão. O exemplo da história *A cor de Coraline* exemplifica bem a discussão teórica empreendida, pois no enredo da narrativa, a temática do racismo é debatida em torno de um questionamento sobre “um lápis cor de pele”. Uma visão preconceituosa e estereotipada, afinal, existe cor de lápis possível para pintar a diversidade e a pluralidade de cores étnicas das pessoas?

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. A di-

gressão como estratégia discursiva na produção de textos orais e escritos. *In*: PRETI, Dino (Org.). **Fala e escrita em questão**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2006. p. 99-128.

ANDRELO, Roseane. O potencial educativo da linguagem radiofônica. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, v. 8, n. 1, p. 176-197, jan./abr., 2013.

BALTAR, Marcos. Letramento radiofônico na escola. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão (SC), v. 8, n. 3, p. 563-580, set./dez., 2008.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BRASIL. **Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989**. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Brasília (DF): Presidência da República, 1989. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7716.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm). Acesso em: 20 set. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio**. Brasília: MEC; CONSED; UNDIME, 2018. Disponível em: [http://base-nacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://base-nacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 20 dez. 2023.

BRECHT, Bertold. Ao pequeno aparelho de rádio. *In*: BRECHT, Bertold. **Poemas**. 1913-1956. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 270.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos grandes segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. Petrópolis: Vozes, 2006.

CAMPOS, Maria Malta. Para que serve a pesquisa em educação? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 136, p. 269-283, jan./abr., 2009.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. *In*: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001. p. 141-160.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Editora 34, 2016.

ESTÊS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Trad. Wal-dea Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. *In*: GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto em sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2012. p. 39-46.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

LIMA, Francisco Renato. Literatura infantil e negritude: fei-



ções de um enredo e de uma trama em ‘O cabelo de Lelé’, de Valéria Belém. **Saberes e Sabores Educacionais**, Itapiranga, v. 5, p. 69-86, 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2014.

MADEIRA, Zelma; GOMES, Daiane Daine de Oliveira. Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 133, p. 463-479, set./dez., 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Cognição e produção textual: processos de referenciação**. Conferência no II Congresso Nacional da ABRALIN. UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, 1999. (mimeo).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 09-29.

OLIVEIRA, Elida. Quase 40% dos alunos de escolas públicas não têm computador ou tablet em casa. **Portal G1, Educação**. Publicado em: 09 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/09/quase-40percent-dos-alunos-deescolas-publicas-nao-tem-computador-ou-tablet-em-casa-aponta-estudo.ghtml>. Acesso em: 20 dez. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PILL, Débora. Educação na pandemia de priorizar reflexão e

cidadania, dizem *experts*. **Ecoa Uol**. São Paulo. Publicado em: 13 jun. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/06/13/educacao-na-pandemiadeve-priorizar-reflexao-e-cidadania-dizem-experts.htm>. Acesso em: 20 dez. 2022.

PIMENTEL, Fábio Prado. **O rádio educativo no Brasil: uma visão histórica**. Rio de Janeiro: Soarmed, 1999.

RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

SCHERMACK, Keila de Quadros. A contação de histórias como arte performática na era digital: convivência em mundos de encantamento. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LEITURA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, III; FÓRUM LATINO-AMERICANO DE PESQUISADORES DE LEITURA, II., Porto Alegre, 2012. **Anais...** Porto Alegre: Editoração Eletrônica Luís Fernando Kalife Júnior, 2012. p. 01-15. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/III-CILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S10/keilaschermack.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SISTO, Celso. O misterioso momento: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê). In: GIRARDELO, Gilka (Org.). **Baús e chaves da narração de histórias**. 2. ed. Florianópolis: SESC-SC, 2004. p. 82-93.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

# CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E INCLUSÃO SOCIAL: RELAÇÕES ENTRE O CONTAR E O INCLUIR POR MEIO DA ANIMAÇÃO EM VÍDEO “O PLANETA DO CABELO VOADOR”

*Sara Alves Monteiro Pinto*  
*Mikaely Havena Paulino de Figueredo*  
*Geisa Cavalcante Castelo Branco*  
*Fábio Soares da Costa*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Assistir, ouvir e imaginar histórias nos remete a uma magia e a um encantamento próprios da infância em momentos de lazer e de prazer. Não obstante, contadas, também são apropriadas por aqueles que as enunciam ludicamente, sobretudo, constituindo-se em espaço significativo de aprendizagens múltiplas. Este texto se trata de um relato de experiências construídas e vividas dentro do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), especificamente, no desenvolvimento do Projeto Contação de Histórias, através da técnica de animação em vídeo.

Motivados pelo estudo das possíveis e diferentes formas de contar histórias, um grupo de petianas (estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPI, selecionadas e integrantes do PET/Pedagogia-UFPI) e um professor orientador passaram a estudar e produzir formas diversas de contar his-

tórias infantis, sejam estas já escritas e circulantes no universo escolar infantil, sejam novas e autorais histórias, como é o caso do objeto deste relato – a história “O planeta do cabelo voador”, de autoria da petiana Sara Alves Monteiro.

Em meio a tantas possibilidades de se contar histórias que possam gerar a construção de novos conhecimentos ou contribuir para a discussão e reflexão de questões importantes com as quais nossa sociedade tem se deparado, resolvemos lançar mão de uma discussão necessária e urgente na Educação Básica: trata-se da instauração de novas percepções sobre as relações étnico-raciais na escola, já na Educação Infantil, alicerçada pela Lei 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96 (BRASIL, 1996), e incluiu no currículo oficial das redes de ensino a obrigatoriedade da presença da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” (BRASIL, 2003). Assim, construir um trabalho de contação de histórias por meio de vídeo animação com uma abordagem étnico-racial que pudesse ser um momento educativo para as crianças da Educação Infantil foi nosso intento.

A temática eleita para o desenvolvimento de um vídeo animação com o propósito de contar uma história infantil surgiu de discussões acadêmicas que consideraram nosso cotidiano atual. Um cotidiano imerso em problemáticas que envolvem as questões étnico-raciais, sobretudo, aquelas que resultam em episódios característicos de preconceito e discriminação racial. Além disso, o que vemos em circulação em nossa sociedade e, conseqüentemente, na escola, são histórias construídas a partir de personagens, quase sempre, de etnia branca, olhos claros, cabelos lisos, em uma aproximação inequívoca de um padrão eurocêntrico, o que tem invisibilizado histórias com personagens negras.

Neste contexto, uma problemática serviu para orientar e construir os instrumentos de contação de história na forma de

vídeo animação: como a contação de histórias que abordem questões étnico-raciais na Educação Infantil pode contribuir para ressignificações do modo como as crianças negras são tratadas no espaço escolar, desconstruindo estereótipos e preconceitos através dessas histórias?

Foi assim que o objetivo geral desse estudo se constituiu em apresentar as experiências vividas e as aprendizagens construídas ao longo da produção e apresentação da história: “O planeta do cabelo voador”, na forma de vídeo animação, dentro das atividades do Projeto Contação de Histórias, desenvolvido pelo PET/Pedagogia-UFPI.

## **INCLUSÃO E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS: RELAÇÕES NECESSÁRIAS PARA A EDUCAÇÃO NAS INFÂNCIAS**

Inicialmente, a inclusão pode ser compreendida como o ato de incluir. Todos os cidadãos devem ter oportunidades e os meios necessários para poder participar de atividades cotidianas de convivência, tendo a compreensão e o reconhecimento das diferenças de forma saudável. Na educação, a inclusão se refere à compreensão das crianças em suas especificidades, com objetivo de incluir esses aprendentes na educação escolar e, da mesma forma, garantir o acesso, permanência e condições de aprendizagem com uma educação de qualidade e acessível.

Para dar conta do objetivo deste relato de experiências, que aborda a inclusão orientada por reflexões sobre as relações étnico-raciais na escola é que, inicialmente, trazemos o pensamento de Silva e Souza (2008, p. 169) que contextualizam e descrevem que “no Brasil, as culturas indígena e negra foram as que mais sofreram os processos de discriminação inerentes à lógica da homogeneização cultural, pois foram vistas pela

cultura europeia como inferiores e como ameaça à identidade nacional”. Dessa forma, é notório que a discriminação ainda circulante socialmente tem se dado pelas contribuições históricas das culturas e dos pensamentos que foram enraizados há muito tempo. Um conjunto de ideias e pensamentos alienantes que fizeram com que a comunidade de negros e indígenas no Brasil fossem vítimas dos sistemas políticos e de poder, erigidos historicamente.

Apesar dos avanços políticos, legais e sociais do combate ao racismo e à discriminação social no Brasil, ainda temos muito a avançar nessa direção. A existência de direitos assegurados por lei voltados à proteção da dignidade e cidadania de negros e indígenas, sendo algumas atitudes consideradas crime de racismo tem trazido certa proteção, no entanto, percebemos que existe uma condição estrutural e velada que precisa ser combatida, inclusive, com educação.

Silva e Souza (2008, p. 185) enfatizam que a educação ainda é fragilizada e que “[...] é necessária uma política educacional que aceite a diversidade, em todos os campos, não como um problema, mas como uma riqueza”. Temos que valorizar essa diversidade, dado que existe uma grande bagagem de saberes, conhecimentos, culturas que estão acomodadas e que não são ensinadas nas escolas. Por isso, o currículo escolar poderia ser reconfigurado no sentido de protagonizar mais as discussões étnico-raciais. Com isso, os estudantes passariam a entender e respeitar essa pluralidade, passariam não só conhecer, mas reconstruir essa compreensão. É o que Silva e Souza (2008, p. 189) explicam: “respeitar a diversidade étnico-racial e cultural não é simplesmente reconhecê-la: é necessário informar e formar as futuras gerações de cidadãos para a convivência e a tolerância com as diferenças”.

Outro fator que observamos em relação a este tema é a prática do *bullying*. Práticas que intimidam e agredem pessoas,

tanto verbal quanto fisicamente nas escolas têm sido cada vez mais relacionadas a processos discriminatórios e racistas. A prática deliberada do *bullying*, recorrente e que humilha a vítima, ainda é presente no cotidiano escolar. Por isso, é um dos fatores que vem sendo discutidos nas escolas para encontrar uma solução, pois o *bullying* nas escolas públicas e privadas gera consequências psicológicas nas crianças e jovens vítimas.

Em razão do exposto é evidente o poder da educação como intervenção para a diminuição do racismo, exclusão, discriminação, preconceito e a violência verbal e psicológica. Por isso, Silva e Souza (2008, p. 169) explanam que devemos:

[...] pensar a necessidade de desenvolvimento de políticas educacionais que permitam aos indígenas e aos negros uma interação mais simétrica com a sociedade brasileira em seu conjunto, bem como programas curriculares que levem em conta as características étnico-raciais e culturais dessas populações.

Ademais, é preciso que o grupo gestor da escola, em conjunto com funcionários, professores e família, possam, juntos e de forma democrática, buscar construir e propor a implementação de políticas públicas que possam contribuir na construção de uma escola em que o respeito, a inclusão de classes sociais, de gêneros, de etnias e de deficiências seja uma realidade cada vez mais normalizada. Uma escola que favoreça as relações de inclusão e igualdade.

Outra abordagem relevante que Silva e Souza (2008, p. 170) trazem é que “[...] a diversidade entre os indivíduos é uma condição da natureza humana e está presente na abordagem pedagógica”. Neste contexto, defendemos que discutir questões relacionadas à inclusão na Educação Infantil, sobretudo, na relação com questões étnico-raciais é necessário, principalmente para a construção de uma nova realidade social em que cidadãos exerçam sua cidadania, que entendamos a sociedade

de uma forma mais reflexiva e que compreendamos a diversidade como uma riqueza, assim desenvolvendo respeito e admiração pelas diferenças.

## CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO CONTEXTO SOCIAL

A contação de história é um processo narrativo com relatos de forma organizada, intencional e que transmite uma informação. Para que exista uma contação de história é preciso um emissor, que narra o relato da história; e um ou mais receptores, que são os ouvintes que recebem a mensagem. É notável a relevância da contação de história nas práticas da Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, como um processo que deve ocorrer de maneira lúdica e como um meio de transmitir conhecimentos, estimular a imaginação, propiciando o desenvolvimento cognitivo, socioemocional e físico das crianças.

Segundo Souza e Bernardino (2012, p. 237):

A contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil e ensino fundamental. A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil.

A prática de contação de história foi sempre utilizada com uma finalidade e um objetivo, por isso, de modo geral, podemos encontrá-la em vários lugares, gerações e povos antigos e hodiernamente na sociedade, ela, com certeza, é cultura, transferência e conservação de valores, costumes e saberes, que são passados de geração a geração. Também, dependendo do contexto, pode ser usada como um passatempo, principalmente nos interiores distantes e em tempos antigos era usada para



passar o tempo, quando a família se reunia para contar histórias e aproveitavam para relatar acontecimentos, experiências vividas, lendas etc. Assim, sempre há uma intencionalidade na história, de acordo com a realidade, sendo uma forma de demonstrar sabedoria, culturas vividas ou como resolver um determinado assunto ligando ao momento atual.

Nessa perspectiva, a contação de história é vista e utilizada pela população de forma social para educar e orientar um determinado grupo ou pessoa. Essa estratégia também é usada para construir cultura, pois exerce influência nas tomadas de decisões e é constantemente empregada com uma intencionalidade, seja organizar ou aconselhar a situações cotidianas e proporcionar o entendimento de mundo ao contexto atual, além de unir pessoas como inclusão social.

Melo *et al.* (2020, p. 16) concluíram que a contação de história é “[...]uma significativa estratégia de mediação e uma verdadeira fonte de estímulos ao crescimento cultural e ao processo formativo do ser humano, além de ser favorável a construção de vínculos afetivos e sociais”. Na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é perceptível o estímulo que a contação de história proporciona as crianças, pois elas fazem reflexões, ligando ao seu cotidiano, além de contribuir no entendimento de mundo, com a interpretação de sentimentos e do enredo que a história traz.

Uma relação que a contação de história faz é com o meio social, atuando, assim, como uma ação de inclusão. Na prática do professor, ao contar e dramatizar a história, desperta na criança um entendimento sobre várias questões atuais, como a empatia, respeito, compreensão, entendimento emocional do outro e do eu, da diversidade, entre outros aspectos relevantes.

Nessa perspectiva, Maria e Valente (2013) *apud* Paz (2018, p. 39) fazem relação com a nossa prática pedagógica e dizem que “[...] repensar a nossa prática pedagógica com o intuito de

abordar temas que mereçam atenção e conseqüentemente trabalhá-los de forma que possam servir como fonte de estudo e conscientização”. O uso de diferentes repertórios de histórias favorece ainda mais a criança a aprender e a produzir aprendizagens variadas, ampliando sua capacidade de interagir em diversos meios e pessoas.

Enquanto prática educativa no contexto social, uma conceituação pertinente é destacada por Costa e Ferreira (2010) *apud* Melo *et al.* (2020). Entendem que, para Vigosky, a criança é um ser que necessita socializar-se com as pessoas e outras crianças. Essa interação proporciona o desenvolvimento social, de modo biológico e cultural, no entanto, a criança, na maioria das vezes, frequenta um ambiente que não colabora nessa interação e nas trocas, pois os adultos inferiorizam a criança em sua totalidade, e, com certeza, essa interação na escola ou na creche traz um diferencial, auxiliando na compreensão social e na criação de uma cultura de respeito ao outro, de aprender com o outro, entender como se comporta, como se comunica, entre outros aspectos.

Dessa forma, a contação de história para as crianças é uma técnica importante para a formação de seres humanos, pois provoca os sujeitos a pensar, compreender e se expressar, atendendo a um princípio básico da educação: contribuir para a formação de um cidadão crítico e ativo em sociedade, que saiba agir com senso crítico e ser agente de mudança.

## **A ANIMAÇÃO COMO TÉCNICA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA**

A palavra animação, no seu sentido etimológico, diz muito a seu respeito. Significa ato ou efeito de animar, dar vida, infundir ânimo, valor e energia. Possui origem na palavra latina *anima*, que significa princípio vital, sopro, alma.

Ao lermos o seu significado é possível imaginarmos uma própria animação, a partir da sua origem etimológica, pois não à toa, as palavras ‘imaginação’ e ‘criação’ rimam, e mesmo que não seja uma poesia propriamente dita, com versos e rimas, uma depende da outra para que a animação em vídeo possa acontecer (MAGALHÃES, 2015).

Nessa brincadeira, com a ajuda de recursos tecnológicos, as animações podem levar os aprendentes ao mundo da magia e do encanto, sem ignorar os valores e as problematizações cotidianas que nos fazem apresentar as crianças de forma leve e divertida, para que elas entendam e deem início a uma nova história a ser contada futuramente.

A arte da animação se comparada ao cinema é tão antiga quanto. Há fontes que indicam que no início do século XX, ela já fazia parte do contexto. Entretanto, o primeiro desenho animado mais próximo do que conhecemos hoje só foi inventado mais tarde, em 1892. O francês Émile Reynaud criou o que é chamado de praxinoscópio, ou seja, um sistema de animação de 12 imagens e filmes que poderiam conter entre 500 e 600 imagens. Essas cenas eram projetadas em um anteparo, algo similar ao projetor que temos hoje em dia. Com o passar do tempo, os recursos tecnológicos foram se modernizando, o que possibilitou chegarmos às animações que conhecemos atualmente. Uma longa evolução aconteceu no século XX e a tecnologia assertivamente foi uma das grandes responsáveis pelas mudanças (BNDES, 1994).

A técnica animação em vídeo consiste, basicamente, em um processo de criar histórias infantis para que sejam adaptadas na perspectiva do vídeo; abordando temáticas culturais, sociais e étnicas, elaboradas de acordo com a visão que se deseja trabalhar junto à criança. Essa técnica mescla texto e imagens, a fim de tornar-se mais acessível para todos os públicos; além de possibilitar meios que tornam a aprendizagem mais

prazerosa e significativa, adequando-se ao contexto tecnológico e multifuncional em que as crianças estão inseridas hodiernamente. Além disso, no que diz respeito a função educativa, a animação em vídeo contribui para o processo de ensino e aprendizagem (PARANÁ, 2010).

## **ASPECTOS METODOLÓGICOS: A ORGANIZAÇÃO PARA PRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DA TÉCNICA EM ANIMAÇÃO**

Participaram das atividades de produção e de apresentação do vídeo animação “O planeta dos cabelos voadores”, as petianas Sara Alves Monteiro Pinto, Mikaely Havena Paulino de Figueredo e Geisa Cavalcante Castelo Branco, orientadas pelo Professor Fábio Soares da Costa. Nosso grupo realizou, durante os meses de agosto a novembro de 2021, reuniões quinzenais que objetivavam a discussão e produção de histórias infantis, assim como de vídeo-animações dessas histórias.

Decidimos que as vídeo-animações seriam realizadas a partir de histórias autorais. Assim, a petiana Sara Alves Monteiro Pinto criou o roteiro da história e coordenou a produção do vídeo animação com as demais petianas. O processo de criação envolveu a escrita do roteiro e a criação de cenas ilustrativas para fundamentar a animação, que foi produzida utilizando o programa de edição de vídeos Canva®.

Todo o processo de construção, reuniões e trabalho aconteceu de forma remota, mediada por Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Notadamente, o desenvolvimento das atividades mediadas por TICs atendeu às expectativas de todos os envolvidos. Para algumas petianas foi o que motivou a inscrição, pois a distância geográfica seria impeditiva de participação. As expectativas foram superadas, inclusive ampliando a concepção de como transversalizar a educação, as

tecnologias, aproximando pessoas e compartilhando conhecimentos. Apesar do modelo remoto limitar algumas atividades, o esforço e a dedicação do grupo possibilitaram uma culminância significativa do Projeto.

Metodologicamente, este é um relato de experiências, que se caracteriza como a apresentação de uma experiência vivida, tendo como fundamentação um aporte teórico – neste caso, as questões de inclusão e as relações étnico-raciais protagonizadas por meio da contação de histórias por vídeo animação.

O relato de experiência é uma importante tecnologia de produção de conhecimento científico, especialmente para as ciências que priorizam a complexidade humana analisada na perspectiva da pós-modernidade. Dessa forma, o relato é uma produção documental fundada em um trabalho de linguagem e de narrativas em que os relatores são participantes do contexto da vida real em estudo, pois a significação da experiência da realidade concreta provoca a emergência de novas significações sobre essa realidade. Enfim, o relato de experiência é um texto que deve garantir “[...] em certa medida, as proposições a serem evidenciadas, o referencial teórico, a descrição do contexto, a discussão e as considerações finais” (DALTRO; FARIA, 2019, p. 235).

## **AS EXPERIÊNCIAS DE PRODUÇÃO E CONTAÇÃO DA HISTÓRIA “O PLANETA DO CABELO VOADOR” EM ANIMAÇÃO DE VÍDEO**

Meu nome é Sara Alves Monteiro Pinto, atualmente tenho 21 anos. Tive o privilégio de fazer parte do projeto de extensão “Contação de Histórias”, desenvolvido pelo PET/Pedagogia-UFPI no ano de 2021, oportunidade que possibilitou muitas aprendizagens acerca da metodologia da contação de histórias infantis, bem como pude usufruir das experiências contadas

pelos professores da respectiva instituição de ensino. Essa experiência faz parte de um projeto de extensão que escolhi fazer parte. Nele, inseri-me no grupo que trabalharia a técnica da animação de história, que é um método bastante utilizado na atualidade. Por se constituir como uma tecnologia que se aproxima do público infantil, deixando-os curiosos e fascinados com os desenhos animados, fiquei motivada a participar.

Confesso que no início tive dificuldade em encontrar uma plataforma que me oferecesse as funções necessárias para a produção do vídeo animação: funções fáceis e gratuitas, pois muitas delas são limitadas, quando não pagas pelos usuários. Sendo assim, optei pelo *software* Canva®, por acreditar ser a melhor plataforma gratuita de criação da história infantil que havia escrito, além de oferecer muitas funções gratuitas. De acordo com a definição dada pela empresa, a plataforma Canva permite aos usuários criar gráficos de mídia social, apresentações, infográficos, pôsteres e outros conteúdos visuais. Ela também se encontra disponível de forma *online* e em dispositivos móveis, além de integrar milhões de imagens, fontes, modelos e ilustrações.

Durante as reuniões, decidimos criar uma história que pudesse discutir questões relacionadas ao preconceito, ao racismo, a invisibilidade das questões étnico-raciais na educação e logo pensamos em criar uma história de uma garota que tivesse vivido essas questões e que pudesse oferecer uma possibilidade de reflexão para os espectadores da história. Assim, resolvemos criar e contar a história “O planeta do cabelo voador”.

Quando desenvolvi o enredo da história, optei por construir algo que trouxesse à tona a realidade que muitas crianças passaram e/ou ainda passam em suas infâncias. Assim, elas poderiam se identificar e se sentir acolhidas. Sabemos que a inclusão social é o melhor meio de ensinar sobre a diversidade

que existe em nossa sociedade. Dentro dessa realidade, vemos uma diversidade de pessoas que são excluídas socialmente, quer seja por questões relacionadas à etnia/raça, quer seja por questões de gênero, de deficiência, ou outro fator.

Este contexto foi o principal motivador para compreendermos tamanha importância seria a inserção de temas como estes em histórias infantis a serem contadas por meio de animações de vídeo, pois assim, as crianças poderiam aprender, de forma lúdica, como lidar com as questões de exclusão social, preconceito e discriminação relacionadas às questões étnico-raciais na escola e em toda a sociedade.

“O planeta do cabelo voador” foi o tema que mais me chamou atenção, deixando-me demasiadamente empolgada para o desenvolvimento do enredo, pois sabemos o quanto é importante uma criança negra se sentir inserida nos demais contextos sociais que se encontra, haja vista a discriminação para com essa minoria, devido a suas características físicas. Assim, trouxe a protagonista chamada Isabela, mais conhecida como Bela, a estrela principal da animação, que tem exatamente o perfil de uma criança negra: cor de pele preta, cabelos cacheados bem fechados e volumosos.

Sabemos também, que as crianças são reflexo de muitos ensinamentos desenvolvidos no ambiente escolar e familiar. Portanto, muitos pensamentos negativos acerca das minorias acabam sendo transferidos para essas crianças, como, por exemplo, achar que a única forma de beleza são aquelas pessoas que têm padrão de pessoas brancas e com cabelos lisos. E isso pode enraizar nos pequeninos, gerando preconceito com relação ao que é diferente desse padrão. Por ser a criança muito influenciável com relação ao meio que se encontra, é importante que os professores aproveitem essa etapa da vida para ensinar sobre temas de suma importância, como: inclusão social, direitos humanos, a questão da ética, moral, entre outros.

Assim, quis provocar a atenção dos leitores infantis, quanto à importância de incluir socialmente as pessoas que se encontram excluídas, pois desenvolver a empatia e o respeito com aquilo que é diferente, torna o indivíduo mais humano. E a personagem Bela, claramente mostra seu interesse na escola, mas ela é constantemente alvo de piadas acerca de sua aparência e, com isso, muitos colegas não têm interesse ou o desejo de se aproximar dela. Por causa desse fator, ela é isolada todos os dias na hora do intervalo, fazendo com que recorra para sua imaginação como método de brincadeira no recreio, pois ela é o único meio de fuga daquela realidade, permitindo que Bela idealize um mundo perfeito (castelo encantado) e que possua amigos (Catito, Melão e a Princesa Bibi).

Sabemos que a imaginação é um processo de humanização dos homens, que se inicia na infância, permitindo aos sujeitos se desprenderem das restrições impostas pelo contexto imediato e transformá-lo. Essa função psicológica é e foi importante para Bela, porém, se torna preocupante o fato da personagem não interagir com as outras crianças, pois sabemos que a brincadeira é um lugar de construção de culturas, fundado nas interações sociais entre as crianças, e não apenas requer muitas aprendizagens, como também, constitui um espaço de aprendizagem.

De acordo com Borba (2006), a brincadeira é um lugar de construção de culturas fundado nas interações sociais entre as crianças. É também suporte da sociabilidade. Para brincar juntas, necessitam construir e manter um espaço interativo de ações coordenadas, o que envolve a partilha de objetos, espaços, valores, conhecimentos, significados e a negociação de conflitos e disputas. Nesse contexto, as crianças estabelecem laços de sociabilidade e constroem sentimentos e atitudes de solidariedade e de amizade.

Com isso, trouxe como segunda personagem principal



da animação, a criança chamada Madú, que, ao observar Bela indo em todos os recreios para um lugar mais tranquilo, acaba se interessando para saber o que tem de tão especial. Assim, elas se tornam amigas, devido a gostos em comuns, como rir das piadas, a criatividade de imaginar um lugar mágico idealizado, entre outros. Portanto, fica evidente o quanto é necessário e importante que as crianças se envolvam com outras crianças, tornando a interação muito mais empolgante com as brincadeiras desenvolvidas por elas mesmas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação no Projeto Contação de Histórias reverberou de maneira especialmente positiva na formação das petianas e do professor orientador. Impactou aspectos da trajetória acadêmica e até da vida pessoal das estudantes, sobretudo, pela certeza do quanto a contação de histórias pode fazer a diferença na vida das crianças. O conjunto de atividades desenvolvidas também proporcionou diversas escutas formativas de professores, formas de contar e histórias, ampliando e enriquecendo experiências e construindo conhecimentos durante a formação profissional das estudantes.

A experiência foi desafiadora e repleta de aprendizagens, permitindo, inclusive, a mudança de percepções sobre a contação de histórias a partir de sua multiplicidade de formas de abordagem em sala de aula, promovendo a inovação na prática pedagógica e o conhecimento acerca da pluralidade de técnicas de contação, com foco na produção e na apresentação de animações em vídeos para contar histórias infantis.

Não obstante, o percurso apresentou algumas dificuldades, sobretudo, da ordem das tecnologias, como: instabilidade da internet e a conciliação com outras atribuições acadêmicas. Para as alunas, a contação de histórias prescinde de envolvi-

mento, amor e competência para realizar a mediação de uma história mágica e divertida. Também, a atualização das temáticas, a forma simples e criativa foram destaques no Projeto.

A produção da animação em vídeo da história “O planeta do cabelo voador” foi desafiadora, mas, ao mesmo tempo, propiciou a descoberta de maneiras diversas de se trabalhar a contação de histórias, seja de modo remoto ou presencial. Pudemos perceber o quanto o professor pode fazer novas descobertas ou desenvolver outros conhecimentos para além da grade curricular do curso e, melhor, enquanto exerce sua profissão.

Foi um grande desafio por inúmeros fatores: a falta de conhecimentos mais avançados sobre as técnicas de animação com *softwares*; as dificuldades do trabalho em grupo no formato a distância (remoto); e a adaptação na criação da história pelas limitações dos aplicativos gratuitos. Todavia, o resultado da criação de um produto audiovisual digital provocou um sentimento de gratidão pelos conhecimentos adquiridos e pelo companheirismo do grupo. Assim, a produção e a edição da animação de histórias foi algo desafiador, mas, aos poucos, com a ajuda das colegas, tudo foi ganhando um ar mais tranquilo e até divertido, tornando-se uma contribuição significativa para a vida acadêmica de todas as petianas envolvidas.

Percebemos que o desafio de construir as histórias que iriam ser contadas através do vídeo animação foi o fator mais marcante do processo, pois foi um momento de descobertas totalmente estimulante, agregando valor em nossa aprendizagem. As contribuições do Projeto se intercalam na necessidade da valorização da contação de história, que, muitas vezes, na sociedade, é tratada como uma ação como menos importante nas áreas do conhecimento, então, o Projeto facilita a reflexão sobre essa *práxis*.

Além disso, demonstra que nós educadores temos um leque de possibilidades para executar a partir das histórias e uma variedade de questões necessárias a serem pensadas, trabalhadas desde a Educação Infantil, como o preconceito, o racismo, diversidade e a inclusão, tudo através da ludicidade e da imaginação transbordada pela leitura/escuta das histórias.

Enfim, concluímos que o “Projeto Contação de Histórias” possibilitou o exercício da docência através de ferramentas que complementam e fazem a diferença na prática pedagógica. Durante o desenvolvimento das atividades de produzir e de apresentar o vídeo animação “O planeta do cabelo voador” pudemos pensar a contação de histórias em diversas perspectivas. Ao ter contato, com a técnica (animação de histórias) foi possível ampliar a diversidade de conhecimentos profissionais, além de se constituir como um divisor de águas em nossas vidas, como estudantes de Pedagogia.

## REFERÊNCIAS

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (BNDES). **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1994.

BORBA, Ângela Meyer. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. *In*: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Orgs.). **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2006. p. 33-45.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10/01/2003, p. 01. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 23 mar. 2022.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, jan./abr., 2019.

MAGALHÃES, Marcos. **Cartilha Anima Escola: técnicas de animação para professores e alunos**. 2. ed. Rio de Janeiro: IDEIA (Instituto de Desenvolvimento, Estudo e Integração pela Animação), 2015.

MELO, Acreciana de Sousa *et al.* A contação de história e seus contributos para a interação e desenvolvimento linguístico da criança. **Revista Olhares**, Guarulhos, v. 8, n. 3, p. 01-18, dez., 2020.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Tecnologias Educacionais. **Ilustração digital e animação**. 2010. 52 p. (Cadernos temáticos).

PAZ, Juliana Fonseca. **Contação de história como prática educativa para a inclusão escolar de crianças na Educação Infantil**. 2018. 86 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SILVA, Giovani José da; SOUZA, José Luiz de. Educar para a diversidade étnico-racial e cultural: desafios da educação inclusiva no Brasil. **Inter-Ação: Revista da Faculdade de Educação da UFG**, Goiânia, v. 33, n. 1, p. 169-192, jan./jun., 2008.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de história como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Educere et Educare: Revista de Educação**, Cascavel, v. 6, n. 12, p. 235-249, jul./dez., 2011.



# DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: COMO ENCANTAR AS CRIANÇAS?

*Alice Alves Machado*  
*Cláudia Maria Pinto Diniz*  
*Elenice Maria de Souza Ferreira*  
*Francelena dos Santos*  
*Suyanne Cunha Bittencourt*  
*Maria Lemos da Costa*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A contação de história é uma das estratégias desenvolvidas na prática docente e faz parte da rotina na Educação Infantil, contribuindo para o desenvolvimento de diferentes habilidades nas crianças. Para que esse momento ocorra de forma prazerosa e promova condições de aprendizagem é preciso planejar desde a preparação do ambiente à seleção e organização dos materiais que são necessários, e assim, tornar essa prática um espaço para desenvolver e estimular a criatividade e o imaginário infantil.

Na Educação Infantil é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar, se expressar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições dos espaços e dos personagens, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas interações com as

múltiplas linguagens, que a criança se constitui ativamente como sujeito em sua singularidades, histórico e social e pertencente a um grupo social (BRASIL, 2017). Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) essas experiências favorecem o desenvolvimento das habilidades de oralidade e compreensão das temáticas abordadas, além da construção da identidade da criança.

Com a contação de história é possível criar espaços para promover condições de ensino que visem trabalhar a diversidade na prática pedagógica dos professores e professoras. Na Educação Infantil, em especial, os conteúdos que envolvem essa temática precisam ser trabalhados de forma lúdica com propostas que façam parte do universo infantil.

Logo, a contação de história se torna uma estratégia metodológica importante, uma vez que proporciona a discussão da temática preconceito e diversidade de forma lúdica e prazerosa para a criança, proporcionando o contato com diferentes grupos sociais e culturais. Então, “[...] nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos” (BRASIL, 2017, p. 44).

Dessa forma, o professor deve compreender que na prática de contação de histórias, não está só trabalhando a leitura, mas também, a compreensão de mundo, de si e do outro, e pode trabalhar temáticas importantes que contribuam para a construção de uma sociedade baseada nos princípios de igualdade e de respeito às diferenças. Para o embasamento teórico, buscamos apoio nos seguintes autores: Albano (2018) e Gusmão (2000); além da leitura de documentos oficiais, a exemplo de: Brasil (1996, 2006, 2009, 2017), que também discutem a temática e possibilitam reflexões acerca do objeto em estudo.



Para melhor discutir a temática, este capítulo divide-se em três seções que dialogam entre si, nas quais a primeira apresenta a contação de histórias como uma poderosa estratégia metodológica de trabalhar o lúdico na prática pedagógica da Educação Infantil, com foco no processo de ensino e aprendizagem; na sequência, apresentamos as experiências desenvolvidas a partir do uso do guarda-chuva literário, como recurso desenvolvido de forma lúdica para a Educação Infantil. E finalizamos trazendo as contribuições resultantes das vivências durante a realização do Projeto.

## **DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Ao discutir sobre a diversidade étnico-racial e como se constituiu no Brasil por meio do processo de colonização, é importante compreendermos que é caracterizada pela união de diferentes povos em suas culturas em modos de produção de existência em uma determinada sociedade. E essa união enriquece uma sociedade com conhecimento, permitindo o acesso a culturas diferentes de modo que cada um vai construindo a sua identidade. Dessa forma, uma cultura não pode se sobrepor a outra, silenciar e/ou invalidar. É preciso respeitar e promover diálogo, são saberes e modos de vida diferentes, que revelam a identidade e as especificidades de cada povo, comunidade e sociedade.

Esses aspectos são abordados nos documentos legais, como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (BRASIL, 1996), no Art. 3º, que, ao tratar dos princípios da educação, traz a consideração com a diversidade étnico-racial, incluindo e explicitando que o cumprimento da educação, enquanto direito público, subjetivo e social, passa pelo respeito a diversidade étnico-racial, evidenciando a im-

portância e a necessidade da superação do racismo e das desigualdades raciais. Temática essa, que compreendemos ser necessária estar presente desde a Educação Infantil. Nessa perspectiva, é importante compreender que:

Cada fase da vida apresenta suas especificidades [...]. No período em que consideramos a educação infantil, isto é, em que a criança tem de zero a seis anos, é fundamental ficar atento ao tipo de afeto que recebe e aos modos como ela significa as relações estabelecidas com e por ela. [...] É com o outro, pelos gestos, pelas palavras, pelos toques e olhares que a criança construirá sua identidade e será capaz de rerepresentar o mundo atribuindo significados a tudo que a cerca. Seus conceitos e valores [...] começam a se constituir nesse período. (BRASIL, 2006, p. 31)

A construção desses conceitos, a compreensão sobre modos de vida, os jeitos de ser de cada um podem ser trabalhados com a contação de histórias, uma estratégia metodológica por meio da qual podemos usar vários recursos de ensino para criar condições de interação, estímulo à imaginação, ao desenvolvimento da oralidade e da escrita, bem como também, explorar diversos conhecimentos de mundo, despertando não somente o lúdico, mas desenvolvendo o pensamento crítico das crianças e o respeito a diversidade cultural.

Nessas discussões é importante trazer as contribuições da BNCC, que, nas competências gerais, aponta para a necessidade de:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais [...], compreendendo-se na diversidade humana [...], fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2017, p. 09-10).

Dessa forma, discutir a diversidade, implica na necessidade de trabalhar conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, vislumbrando desde a compreensão conceptual a construção de atitudes, de valores, de princípios que fortaleçam o respeito ao outro em seu modo de ser e agir. E uma das estratégias que podem ser desenvolvidas na prática docente é a contação de história, que permite promover reflexões que produzam aprendizagens de forma lúdica acerca da temática. Então,

Logo, se o educador utiliza, em seu planejamento didático-pedagógico, estratégias de contação de histórias como recurso que vislumbre, além do entretenimento lúdico, o desenvolvimento de dimensões importantes da criança em seu processo de aprendizagem e de evolução, terá em suas mãos uma ferramenta ímpar na constituição de sua prática educativa. (ALBANO, 2018, p. 73)

Nesse sentido, é necessário um planejamento sobre o que será trabalhado em sala de aula, a delimitação de objetivos claros e exequíveis que fomentem as reflexões necessárias para a produção de conhecimentos que envolvem o desenvolvimento da criança. No que concerne à contação de histórias na Educação Infantil é importante colocar como estratégia metodológica que integra a rotina das atividades. Assim, como forma de organização, é importante colocar uma imagem que representa o momento de contação de história, desse modo, as crianças já sabem qual será a atividade desenvolvida.

De acordo com as professoras que participaram do Projeto, a contação de história é uma atividade diária na Educação Infantil. No momento de execução dessa estratégia, as crianças são organizadas em círculos para que façam a introdução com uma música, enquanto eles vão se preparando

para o momento da contação de uma história, que sempre está articulada com os conteúdos a serem desenvolvidos.

Após esse momento, conforme as professoras, apresentam a história por meio do recurso que irão utilizar, como: livros, fantoches, palitoches, avental, painel, dentre outros, escolhidos de acordo com a história e com o que pretendem alcançar. Para as professoras, é importante possibilitar que as crianças tenham acesso aos recursos para que no momento da contação estejam concentradas na história e estimulem o imaginário infantil.

De acordo com as professoras, costumam utilizar materiais concretos que facilitam, de forma significativa, a compreensão das crianças sobre vários temas, dentre eles, aqui em destaque, o respeito à diversidade, de forma lúdica e sempre pautada nas brincadeiras e nas interações (BRASIL, 2009), tendo-as como sujeitos históricos e sociais. Após a contação, realizam rodas de conversas sobre a mesma, fazem questionamentos e colocações a respeito do que se passou durante a história contada. Nesse momento, as crianças são oportunizadas a expor suas impressões, suas interpretações e análises acerca da história.

Conforme as professoras, ao finalizar o momento de contação de história são postas atividades práticas, a fim de que as crianças sejam estimuladas a fazer uma dramatização, recontagem da história ou atividade escrita. Então, é nessa perspectiva que as crianças podem se desenvolver de forma autônoma e crítica, quando expõem o que pensam e são oportunizadas a criar e desenvolver a imaginação abre possibilidades de construir conhecimentos acerca dos conteúdos que estão sendo trabalhados. Isso implica que “[...] a instituição precisa conhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a riqueza/diversidade cultural das famílias e da comunidade” (BRASIL, 2017, p. 35).

Compreendemos que, por meio da contação de história, é possível desenvolver espaços em que as crianças sejam respeitadas em seus direitos de aprendizagem (conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se) e os campos de experiência (o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações), conforme traz a BNCC (BRASIL, 2017).

A contação de histórias pautada nesses direitos e nesses campos cria espaços de ampliar as aprendizagens das crianças em várias áreas de sua formação com as diferentes áreas de conhecimentos com as múltiplas linguagens. Nesse sentido, o tópico que segue traz a descrição de uma história que foi adaptada pelas professoras da Educação Infantil a fim de trabalhar o preconceito e o respeito à diversidade sociocultural, usando a estratégia da contação de história com o recurso guarda-chuva literário.

### **“MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”: EXPERIÊNCIAS A PARTIR DO GUARDA-CHUVA LITERÁRIO**

A contação de história utilizando o guarda-chuva literário favorece aos alunos a compreensão, desde a passagem temporal na história à sequência das ações dos personagens, uma vez que o professor apresenta e organiza os cenários no guarda-chuva e vai movimentando os personagens, conforme vai contando a história. Esse momento constitui um espaço de interação, de curiosidade, de estimulação do imaginário das crianças, o que favorece significativamente as aprendizagens.

A história contada com a utilização desse recurso foi uma adaptação do clássico: “Menina bonita do laço de fita”, da au-

toria de Ana Maria Machado. A adaptação proposta da história continuou abordando a temática do respeito à diversidade, proposta na história original, no entanto, abordamos as diferenças de várias meninas que vivem em um país diverso como o nosso, elencando as qualidades das pessoas, representando a diversidade étnico-racial com os respectivos modos de ser e produzir existência. Ao realizar essa adaptação, tínhamos o objetivo de levar as crianças a reconhecerem a diversidade cultural e que todos nós somos diferentes, com características únicas, que temos as nossas singularidades e especificidades que enriquecem a cultura de um país.

Assim, priorizamos debater a temática diversidade por meio da adaptação da história: “Menina bonita do laço de fita”, e dentre os diferentes recursos, optamos por desenvolver a história a partir do guarda-chuva literário, o qual oportuniza de forma lúdica, o trabalho em sala de aula com foco na pluralidade cultural, aspecto que deve ser tratado desde a Educação Infantil. Nessa perspectiva, é relevante trazer, conforme Gusmão (2000, p. 19), que:

[...] a pluralidade cultural de grupos étnicos, sociais ou culturais necessita ser pensada como matéria-prima da aprendizagem, porém nunca como conteúdo de dias especiais, datas comemorativas ou momentos determinados em sala de aula. Fazer isso é “congelar” a cultura, reificá-la, transformá-la em um recurso de folclorização e como tal acentuar as diferenças.

Diante disso, nós, educadores, precisamos compreender a importância dos momentos de contação de histórias para desenvolver em nossas crianças diferentes habilidades, para além da leitura e da escrita, da compreensão e interpretação, mas oportunizar conhecimentos acerca da diversidade do mundo em que vivemos, do respeito ao modo de vida de cada um. Nesse sentido, a contação de história permite que

contemplemos diversas temáticas em seus conteúdos, despertando nas crianças, não apenas o gosto pela leitura, mas, sobretudo, o conhecimento de mundo, diante das realidades que enfrentamos cotidianamente.

Para o desenvolvimento da contação de história utilizando-se do guarda-chuva literário e em conscientização ao mês da consciência negra, optamos pela história da “Menina bonita do laço de fita”. Inicialmente, foi necessário que fizéssemos uma adaptação da história, trazendo-a para o contexto da diversidade brasileira, tendo em vista que essa é resultado da miscigenação de diversos povos. Assim, buscamos contemplar na adaptação, as diversas características do povo brasileiro. Escolhemos os personagens que iriam compor a história, sendo eles: a índia, o coelho e a coelha, a ruiva, a menina, a mãe e a avó. O Quadro 01, que segue, traz o texto adaptado da história.

### Quadro 01: Adaptação da história: “Menina bonita do laço de fita”

Era uma vez um lindo país chamado Brasil, nele vivem pessoas muito diferentes, das mais variadas cores e culturas, como: os índios de cabelos pretos e pele avermelhada; pessoas de cor branca, amarela, cabelos e olhos claros; pessoas negras de pele escura e lustrosa.

Nesse país, também mora um coelho bem branquinho, com olhos vermelhos e focinho nervoso, sempre tremelicando. O coelho achava as pessoas desse lugar belíssimas e sonhava acordado: “- Ah, quando eu casar quero ter filhos parecidos com as pessoas daqui!”

Em um belo dia de sol, o coelho viu uma indiazinha que brincava de caçar. Ele se aproximou da menina e perguntou:

- Menina bonita dos cabelos pretos, qual é o teu segredo para ter a pele tão avermelhada? A menina não sabia, mas inventou:

- Ah, deve ser porque quando eu nasci Tupã me pintou com a tinta vermelha.

O coelho saiu correndo até achar tinta vermelha e tomou banho nela.

Ficou vermelhinho, todo contente. Mas, aí veio uma chuva e lavou toda a tinta e ele ficou branco outra vez.

No outro dia, o coelhinho encontrou uma menina dos olhos azuis como o mar e o cabelo tão ruivo que o enfeitiçou de tanta beleza. Ele se aproximou e foi logo perguntando:

- Menina bonita dos olhos azuis, qual o teu segredo para ter cabelos tão ruivinhos? A menina não sabia, mas inventou:

- Ah, eu acho que é porque eu gosto de tomar muito suco de tomate.

O coelho saiu dali e tomou tanto suco de tomate que não pôde dormir à noite, pois precisava levantar toda hora para ir ao banheiro fazer xixi. Mas, não ficou nada ruivinho.

Então, no outro dia, ele saiu para passear novamente e viu uma menina linda, linda com laço de fita, trancinhas no cabelo, a pele era escura e os olhos pareciam duas azeitonas pretas. O coelho achou a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a vida. Ele se aproximou e perguntou:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo para ser tão pretinha?

A menina não sabia e ... Já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela, que era linda e risonha, resolveu se meter e disse:

- Artes de uma avó preta que ela tinha.

Aí o coelho, que era bobinho, mas nem tanto, viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos.

O coelho entendeu que ele era branquinho porque a família dele era todinha assim. E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para se casar.

Não precisou procurar muito. Logo, encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça.

Foram namorando, casaram e tiveram uma ninhada de filhotes, pois coelho quando desanda a ter filhote não para mais! Tinha coelhos de todas as cores: branco, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha.

Já se sabe, afilhada da tal menina bonita, que morava na casa ao lado. E quando a coelhinha saía de laço colorido no pescoço sempre encontrava alguém que perguntava:

- Coelha bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?

E ela respondia:

- Conselhos da mãe da minha madrinha.

Fonte: Adaptado de Ana Maria Machado (2010)



Após a escrita para adaptação do clássico literário para contação de histórias, utilizando do guarda-chuva literário, foi a escolha dos personagens e de suas características, conforme escritas no texto adaptado. Para isso, utilizou-se de pesquisas no *Google* Imagens, a fim de escolher as cores e os adereços dos personagens, conforme suas características. Desse modo, utilizamos papel EVA, fitas e alguns outros adereços. A Figura 1, que segue, apresenta os personagens.

Figura 1: Confeção final de alguns dos personagens para o guarda-chuva



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras (2021)

A Figura 1 apresenta a caracterização das personagens, evidenciando a diversidade sociocultural presente no nosso país, de uma forma lúdica, porém, com uma análise reflexiva sobre conhecer-se e aceitar-se, e, principalmente, respeitar o outro como ele é. O guarda-chuva literário possibilita a criança acompanhar o desenvolvimento de toda a história, enquanto vai se movimentando com os personagens, vai instigando o imaginário infantil, a sequência dos fatos, as ações dos personagens, dentre outras aprendizagens necessárias à formação das crianças.

Essa estratégia possibilita que as crianças despertem a imaginação, a criatividade, o reconto da história e façam uma

análise junto a situações do cotidiano, podem até sugerir outros personagens em outros contextos, aspectos que contribuem para que a criança amplie o raciocínio no decorrer da contação da história, pautada nas interações e brincadeiras (BRASIL, 2009), nos direitos de aprendizagens e nos campos de experiências (BRASIL, 2017). E assim, ela vai criando espaços de reflexão sobre a importância e a necessidade de valorizar e respeitar a diversidade cultural em seus saberes e experiências, aceitando-se e respeitando o outro em seus modos de ser, independentemente da cor, da raça, da situação financeira, do credo religioso, a opção sexual e de tantos outros aspectos que constituem a diversidade de um país.

Nessa perspectiva, o planejamento foi fundamental, conforme orienta Albano (2018), ao ressaltar que a contação de história ultrapasse a dimensão de ser apenas mais um momento lúdico da rotina na Educação Infantil, mas que possibilite fazer análise, refletir, desenvolver o raciocínio, a criticidade, a autonomia sobre o contexto social e os sujeitos que nele estão inseridos.

Então, a partir das orientações durante o Projeto “Contação de Histórias” e de nossas vivências no cotidiano da prática, realizamos o planejamento e, em seguida, partimos para a execução do mesmo, após a seleção dos personagens, selecionamos um guarda-chuva na cor azul para dar ideia de céu, colocamos nuvens, arbustos e grama, verdes claros e escuros com pequenas flores. Para facilitar a inserção dos personagens durante a história, foram situados botões de pressão nas repartições do guarda-chuva em que as cenas iriam acontecer. Também, foram colocadas diversas fitas, para que se tornasse mais atrativo, divertido e alusivo à história.

Figura 2: Guarda-chuva produzido pelas professoras



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras (2021)

Essa é a imagem do guarda-chuva literário, usado como recurso didático na contação de história, conhecido por todas as crianças para proteger do sol e da chuva e, na sala de aula, ganha um outro sentido, outra finalidade, de um objeto simples a um objeto que estimula a atenção, a criatividade das crianças, de brincadeira e de aprendizagem, de contar e recontar a história. Conforme uma das professoras, se constitui em: “[...] *uma ferramenta muito importante na formação da identidade da criança, pois ela permite por meio da imaginação que a criança se identifique com as situações e desenvolva meios de lidar com seus sentimentos e emoções*”.

A contação de história, ainda segundo as professoras: “[...] *tem um grande potencial de levar a criança a aprender a conviver com o outro e suas diferenças construindo uma melhor compreensão do mundo que a cerca, dos valores e dos princípios para vivermos em sociedade*”. Então, a contação de história realizada por meio do recurso guarda-chuva literário atrai a atenção das crianças, possibilita na interação e nas brincadeiras, o contato com temáticas e conteúdo que permitem reflexões acerca de quem somos, quem são os outros, qual a nossa identidade e qual a identidade do outro. Esses aspectos estão contemplados pela BNCC no campo de experiência ‘o eu, o outro e o nós’, quando destaca que:

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e social. (BRASIL, 2017, p. 40)

Então, a contação de história não é apenas um momento da rotina da Educação Infantil, é um espaço de constituir-se, perceber-se, diferenciar-se e identificar-se, construindo seus modos de agir no meio social e respeitando o outro e assim, constitui em estratégia para trabalhar a diversidade e combater o preconceito étnico-racial. No momento da contação de história “[...] ficamos sentadas no chão com as crianças e vamos colocando os personagens de acordo com a sequência narrativa, e buscando a participação de todos. Na medida que o guarda-chuva vai virando o cenário vai mudando e explorando os campos de experiência e os direitos de aprendizagem”.

Nessa perspectiva, as experiências compartilhadas no ato de contar histórias contribuíram com o enriquecimento de estratégias metodológicas, fomentando as reflexões no sentido de que não basta apenas contar história, mas tem que saber contar, para quem contar e como contar, a fim de que a mesma alcance o seu objetivo: que é estimular o imaginário da criança, ampliar a sua percepção de mundo, de si e do outro, possibilitar espaços de interações e brincadeiras, explorar o meio ao seu redor, dentre outras dimensões que envolvem a formação integral da criança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o percurso no Projeto Contação de Histórias teve

importância para o exercício da docência. A troca de conhecimentos e de aprendizagens entre discentes e professores tornou-se de grande valia, as experiências vivenciadas no Projeto relacionam-se diretamente com a formação e o exercício da docência. O projeto trouxe valiosas contribuições para o exercício da docência, tendo em vista que, nós, profissionais da educação, estamos em constante processo de aprendizagem e aprimoramento de conhecimentos.

As experiências vivenciadas proporcionaram um ganho de novos conhecimentos, novas aprendizagens e novos saberes sobre o que é ser professor e, sobretudo, ser professor de Educação Infantil. Desde os módulos teóricos, voltados à atenção e o cuidado com os educandos, ao mesmo tempo que enfatizavam estratégias para o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem, as atividades propostas possibilitaram aprendizagens e reflexões desde a concepção de criança e infância ao modo como trabalhar na Educação Infantil.

As estratégias metodológicas de contação de histórias contribuíram de forma significativa para o trabalho docente das professoras atuantes na Educação Infantil, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como dos discentes do curso de Pedagogia/UFPI. Fomos oportunizados a vivências com variadas estratégias e inúmeras possibilidades de trabalhar a contação de história para trabalhar o respeito à diversidade, estimulando a socialização e o afeto no cotidiano escolar, a partir de diversos recursos de ensino e de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

ALBANO, Ronaldo Matos. **Interação educador-crianças na hora da leitura**: um estudo em creches públicas na cidade de João Pessoa - PB. 2018. 240 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

BRASIL. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CEB n. 05, de 17 de dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: CNE; CEB, 2009.

GUSMÃO, Neusa M. M. Desafios da diversidade na escola. **Revista Mediações**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 9-28, jul./dez., 2000.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo: Ática, 2010.

# A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR A PARTIR DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

*Maria do Socorro Leal Lopes*

*Alexandra Alves da Costa*

*Eugenia Nogueira Barros*

*Paloma Brito Pinheiro*

*Pedro Victor Góis Maciel*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A contação de histórias nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é uma estratégia que possibilita o ensino e a aprendizagem dos alunos, promove a socialização, o desenvolvimento e a interação, além de possibilitar a reflexão sobre temas relevantes para a construção de uma consciência crítica sobre aspectos, como: a historicidade da cultura afro-brasileira.

Este estudo tem como objetivo relatar uma prática vivenciada pelos autores no projeto de extensão, intitulado: “Uma viagem ao mundo do faz de conta: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil”, do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia - Universidade Federal do Piauí (UFPI), no ano de 2021, que teve como objetivo o fortalecimento do desenvolvimento da imaginação, da criatividade, do hábito de leitura, assim como o desenvol-

vimento cognitivo, afetivo e psicossocial das crianças, através da contação de história.

Os conteúdos explorados no ambiente escolar, especialmente na prática curricular desenvolvida em sala de aula, deixam a desejar quanto à necessidade de abordar a cultura afro-brasileira no ensino, de modo transdisciplinar, visando assegurar a valorização e o reconhecimento desses povos que tiveram historicamente suas culturas silenciadas.

Assim, os currículos escolares e os métodos de ensino precisam enfatizar a aquisição de habilidades de aprendizagem e unidade no ensino interdisciplinar, sem negligenciar a formação do espírito científico e as competências de pesquisas, utilizando a contação de histórias como forma de os professores instigarem os alunos a obterem um pensamento crítico acerca da realidade, promovendo a socialização e o desenvolvimento do processo de aprendizagens nos Anos Iniciais.

Nessa perspectiva, no intuito de promover uma reflexão crítica no aluno é que a contação de histórias, como estratégia pedagógica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, permite um olhar a partir da cultura afro-brasileira. Essa temática deve ser estudada para que o silêncio seja rompido com a finalidade de que, com o passar dos anos, aumente gradativamente, a busca de formar leitores críticos a partir da contação de histórias, na medida em que os professores procurem desenvolver o hábito da leitura nos alunos, buscando desenvolver uma formação cidadã, atuante na sociedade atual, lançando um olhar para a cultura afro-brasileira. A presente pesquisa surgiu a partir de pesquisas bibliográficas que discorrem, de forma relevante, sobre o tema mencionado.

Em vista da relevância deste estudo, esperamos que ele sirva de referência para outros pesquisadores que trabalham essa temática. Nesse sentido, por intermédio da presente pesquisa, será possível iniciar novos debates a respeito do tema,



além de contribuir com a sociedade e a comunidade acadêmica, visando ressaltar o quanto a contação de histórias possui uma didática que instiga os alunos a desenvolverem um pensamento crítico acerca da realidade, promovendo reflexões de temas cotidianos, dentre eles, o da cultura afro-brasileira.

Além da introdução, o estudo conta com um referencial teórico, que apresenta alguns conceitos sobre a contação de história e como ela pode ser compreendida como uma prática socioeducativa. Em seguida, apresentamos o percurso metodológico do estudo de abordagem qualitativa e do tipo explicativo. Na sequência, trazemos os relatos da prática vivenciada no Curso de Extensão realizado pelo PET/Pedagogia-UFPI, refletindo e interpretando os achados, e, finalmente, as considerações finais, apresentando as principais reflexões geradas a partir do estudo.

## **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

O ato de contar histórias não é algo inédito, é um hábito presente desde a Antiguidade, em rodas de conversas com amigos, no meio familiar, e também, como forma de passar conhecimentos de geração a geração. É sabido que os povos antigos já contavam suas histórias e faziam registros nas paredes de cavernas, como prova disso, encontramos ainda nos dias de hoje, as pinturas rupestres em sítios arqueológicos, que nos permitem perceber de que forma esses povos viviam, que medos e perigos eles enfrentavam e sua forma de viver.

Dessa forma, o ato de contar histórias vem cada vez mais tomando um lugar de destaque nas práticas de ensino em salas de aula de diferentes níveis e etapas. Assim, a contação de histórias está ganhando uma nova ressignificação, com técnicas elaboradas que combinam com cada objetivo e habilidade

que se deseja alcançar. Sobre a importância desta prática, Silva (2017, p. 19) afirma que “a contação de histórias é vista como uma atividade pedagógica que traz encantamento, prazer e imaginação, não podendo ser dissociada do trabalho com os conteúdos curriculares”.

O autor corrobora a ideia de que são perceptíveis os benefícios da prática da contação de histórias como recurso de ensino, vez que ela pode atuar como estratégia facilitadora para mediar a construção de conhecimentos sólidos e efetivos, oportunizando vivências de várias habilidades do sujeito em formação, dentre elas, a habilidade de leitura, imaginação, criatividade, compreensão, capacitação de recriar histórias, dentre outras. “As narrativas são uma importante fonte de prazer para a criança e contribuem para o seu desenvolvimento. Ao contar histórias às crianças aprendem a lidar com situações reais ou fantasias, permitindo assim a sua realidade” (COELHO, 2000a, p. 13).

Nessa perspectiva, o ritual de ler histórias de diferentes gêneros propicia ao educando um momento prazeroso de aprendizagem e desenvolvimento, podendo fazer com que ele reflita acerca de diversos aspectos de sua própria realidade, quando esses momentos são cercados de sentidos e significados. Dessa forma, Zilberman (1994, p. 22) ressalta que:

A literatura sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor.

Nesse sentido, em sala de aula, a contação de histórias pode resultar em amadurecimento psicológico, enfatizando ainda que, o desenvolvimento do hábito de ler, além de ampliar a compreensão de mundo que cada um carrega consigo, é possível desenvolver diversas metodologias, desde a utilização de objetos em rodas de conversas, personagens, livros, fantoches, imagens, dentre outros. Com isso, criam-se possibilidades de recriar histórias, aprofundar a compreensão leitora, a fim de fomentar as estratégias cognitivas, extrair e construir os sentidos veiculados nos textos.

É relevante que a escolha das histórias a serem exploradas em sala de aula tenham ligação direta com o objetivo que se deseja alcançar, vez que as histórias têm o poder de agir como um gatilho para refletir sobre diferentes assuntos, além de despertar sentimentos, emoções, imaginação e criticidade, bem como podem atuar como forma de aprimoramento da linguagem e ampliação do vocabulário. Em vista disso,

O desenvolvimento da leitura entre crianças resultará em um enriquecimento progressivo no campo dos valores morais, da cultura da linguagem e no campo racional. O hábito da leitura ajudará na formação da opinião e de um espírito crítico, principalmente a leitura de livros que formam o espírito crítico, enquanto a repetição de estereótipos empobrece. (GOÊS, 2010, p. 47)

Para que a contação de história não tenha um fim em si mesma, é necessário que o docente esteja preparado ao propor essa atividade, agindo como motivador, promovendo um momento de imersão na riqueza do universo imaginário das crianças, evitando que os mesmos fiquem dispersos, e assim, prenda a atenção dos alunos, de forma a fazer com eles tenham total aproveitamento desse momento.

Há também, a preocupação acerca das falas e das imagens contidas nos livros de histórias, vez que estas podem potencia-

lizar temas que se pretende desconstruir nos comportamentos infantis, tais como: preconceitos e visões de mundo deturpadas ou construídas aleatoriamente. Assim, de forma lúdica, é possível explorar e construir saberes e valores que vão além do momento da contação de histórias, visto que,

A literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um. (LAJOLO, 2001, p. 85)

Desse modo, a contação de história, utilizada como recurso metodológico, perpassa não somente o universo da aprendizagem da leitura e de ampliação do vocabulário, ou desenvolvimento da oralidade, mas, essa ferramenta permite trabalhar temas de forma interdisciplinar, abrindo um leque de possibilidades para serem trabalhadas em sala de aula, onde o educando pode atuar como sujeito ativo na construção de um conhecimento sólido e efetivo junto aos educandos.

## **A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS**

Ouvir e contar histórias é algo muito prazeroso, tendo em vista que essa prática permite que sejam explorados diversos recursos lúdicos, os quais podem levar a criança, muitas vezes, a mergulhar na mágica dos mundos imaginários, que são ricos de sentidos e significados. Porém, para que isso aconteça, o docente deve ter em mãos um diagnóstico prévio de onde ele irá atuar, formular objetivos, metas e conhecer quais habilidades e conhecimentos busca acessar durante a atividade. Sendo

assim, de acordo com a proposta do Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI):

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças. (BRASIL, 1998, p. 143)

Em vista disso, vemos que as contribuições dos momentos de uso da contação de histórias, como prática docente, se fazem cada vez mais necessárias em um ambiente onde se pretende construir conhecimentos, recriar conceitos e desenvolver o pensamento crítico, permitindo que o sujeito transforme sua própria realidade.

Para tanto, é preciso que o professor escolha textos que despertem a atenção dos ouvintes, provocando-os e estimulando a reflexão e relacionando-os com a vida cotidiana. A exemplo disso, há o gênero textual fábula, que utilizando personagens que permeiam o imaginário infantil, como animais e objetos que falam, instiga o pensamento crítico, ao tratar de vivências e comportamentos humanos. Essas histórias possuem um link direto com as vivências dos sujeitos, possibilitando que as propostas dos temas abordados perdurem para além da sala de aula. Sobre as fábulas, Coelho (1982, p. 77) assevera: “É das raras formas literárias cujas origens se perdem no tempo e que conseguiram resistir até os nossos dias,

vivas, sem perderem suas características essenciais: ser uma história de animais, que “prefiguram” os homens; divertir o leitor e ter uma moralidade”.

Assim como a fábula, existem vários textos que favorecem o trabalho do professor, enquanto contador de histórias, porém, o profissional docente deve dominar as técnicas da contação de história, de modo que possa alcançar o que foi planejado previamente como meta de desenvolvimento de habilidades na criança.

O mundo atual conta com infinitas formas de recursos visuais, principalmente nos meios digitais, e a escola como não é uma ilha isolada, também está inserida nesse contexto. Dessa forma, práticas como a contação de histórias devem se apresentar cada vez mais de formas interessantes e que proponham momentos de construção de sentidos para os alunos que estão em processo de aprendizagem. O ato de ouvir histórias é “viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada” (ABRAMOVICH, 1999, p. 24).

Dessa forma, utilizar a contação de histórias como ferramenta pedagógica, traz inúmeros benefícios para o processo de ensino e aprendizagem, dentre eles: facilita a socialização dos alunos, permitindo que eles encontrem um lugar de fala na sala de aula, estimula a formação de sujeitos críticos, autônomos e capazes de ressignificar a realidade da qual fazem parte, além de melhorar a leitura, a escrita e a compreensão leitora dentro de um ambiente permeado de práticas lúdicas, afetivas e que fomentam, em todos os sentidos, o desenvolvimento cognitivo.

## O PAPEL DO PROFESSOR NA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

A arte de contar histórias vai muito além da mera leitura de um livro ou da imitação daquilo que já existe, ela deve ultrapassar os limites do texto em si, precisa permitir ao ouvinte entrar no mundo da fantasia e do imaginário. Como isso será possível, se os professores, contadores de histórias, são adultos? Esse é um questionamento que deve instigar muitas reflexões acerca dos mecanismos envolvidos no universo infantil.

A contação de histórias é possível em todas as fases de desenvolvimento humano. Dessa forma, “o impulso de contar histórias deve ter nascido no homem no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros, certa experiência sua, que poderia ter significação para todos” (COELHO, 2000b, p. 13). A contação de histórias, como estímulo para a aprendizagem, nos remete aos conceitos de leitura propostos por Alves (2006, p. 61), quando afirma:

Penso que, de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer. As escolas produzem, anualmente, milhares de pessoas com habilidade de ler, mas que, vida afora, não vão ler um livro sequer. Acredito piamente no dito do evangelho: “No princípio está a Palavra...” É pela palavra que se entra no mundo humano.

O professor, no momento da contação, precisa mergulhar no imaginário das crianças e assumir a postura de mediador do processo de desenvolvimento infantil. Sendo assim, ele é instigado a desenvolver diferentes habilidades que vão além do racional, permitindo que as crianças adentrem no mundo

literário e despertem emoções, imagens e sensações ao longo do percurso da contação de histórias.

Os adultos, muitas vezes, são levados pela racionalização, querem repassar somente o que é real, baseados em suas experiências pessoais. Alguns que se dizem mais modernos, ainda afirmam a necessidade de não iludir as crianças, dando a entender que elas precisam conhecer a realidade dura da vida. Nesse sentido, onde fica a inocência, a imaginação e o deslumbre pelo ato de ler? A criança precisa viver situações próprias da sua faixa etária: brincar, correr, explorar o corpo e os movimentos por meio da leitura, para que possa crescer mais segura e confiante.

Ler para crianças requer também o desenvolvimento de habilidades por parte do professor, que pode se fantasiar de algum personagem, entonar a voz, utilizar a expressão corporal de maneira divertida, propiciar um ambiente acolhedor em que os alunos desenvolvam os seus cinco sentidos e se encantem pela leitura. Conforme Abramovich (1999, p. 20):

Para contar uma história é preciso saber como se faz, afinal podem se descobrir sons e palavras novas, e por isso é importante que se tenha uma metodologia específica. É preciso que quem conte, crie um clima de envolvimento, de encanto, e saiba dar pausas necessárias para que a imaginação da criança possa ir além e construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar os seus dragões, adentrar pela sua floresta, vestir a princesa com a roupa que está inventando, pensar na cara do rei... e tantas outras coisas mais [...].

Portanto, o papel do professor na arte de contar histórias perpassa por todas essas reflexões e ainda traz a compreensão de que a criança pode transitar entre o mundo das fadas, dos heróis, dos monstros, posicionar-se diante da luta entre o bem e o mal, através da literatura e viajar mesmo sem sair



do lugar. Uma história bem contada leva o ouvinte a sair um pouco do mundo real e realizar experiências nunca imaginadas. Se o professor, mesmo sendo um adulto, conseguir separar-se da racionalidade e despertar essas sensações, de fato, cumprirá seu papel.

## **PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA**

O percurso metodológico foi organizado de maneira que possibilitasse a visão das contribuições do contar história nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com um olhar a partir da cultura afro-brasileira. Para isso, recorreremos ao conceito de metodologia como o caminho do pensamento e a prática exercida para interpretar a realidade, na qual inclui as concepções teóricas de abordagem e o conjunto de técnicas que possibilitam a construção dessa realidade (MINAYO, 2002).

A partir desse conceito, trilhamos na perspectiva da pesquisa qualitativa, a qual não se preocupa em quantificar a dinâmica social da realidade, mas sim, em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, aprofundando-se no mundo dos significados das ações e das relações humanas. Na pesquisa de natureza qualitativa, busca-se responder questões particulares, trabalhando com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Trabalha-se com a vivência, com a experiência, com a compreensão e com o cotidiano, como resultados da ação humana objetivada (MINAYO, 2002).

Nesse aspecto, na perspectiva de compreender as contribuições do contar história, recorreremos a pesquisa explicativa, que se preocupa em identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos, permitindo aprofundar o conhecimento da realidade, explicando a razão e o porquê das coisas (GIL, 2008).

O estudo se desenvolveu por meio de uma pesquisa de cunho bibliográfico, sobre a contação de história como estratégia pedagógica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, buscamos produções sobre a temática, a partir de cadernos, livros, artigos científicos em base de dados digitais sobre a referida temática.

A pesquisa bibliográfica, segundo Severino (2013, p. 107), “é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados”.

A escolha da temática foi a partir do envolvimento dos autores com a oficina do curso que trabalhou a técnica Baú de História, durante a formação proporcionada pelo projeto de extensão: “Uma viagem ao mundo do faz de conta: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil”, do grupo PET/Pedagogia-UFPI, no ano de 2021. Para a contação de história envolvendo técnica de contação, de maneira lúdica, com a presença de personagens e objetos que faziam parte da história, utilizamos o livro: “O cabelo de Lêle” da autora Valéria Belém, e, ao término da contação, foram feitas inferências sobre a cultura africana e suas contribuições para a formação da cultura brasileira.

As reflexões acerca desse tema apresentaram-se como meios de desenvolver a formação para o respeito à diversidade e às particularidades do povo africano, oportunizando aos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais, o aprimoramento sensorial, por meio de histórias que provocam reflexões, emocionam e divertem. Com isso, visamos causar o encantamento nos alunos e assim, fomentar a habilidade da apreciação da leitura e o prazer de ouvir histórias.

## BAÚ DE HISTÓRIAS COMO MEDIADOR SOCIAL

É sabido que existem diferentes formas de contar histórias e todas elas devem levar os ouvintes a vivenciarem um mundo cheio de magia e de descobertas. As crianças amam surpresas, algo que desperte a curiosidade e esse é o objetivo do baú de histórias: reunir diversos objetos considerados valiosos e, a partir deles, desenvolver a contação de história.

Mas, o que poderá ter dentro desse baú? Itens que serão utilizados durante a contação de história. Podem ser livros, fantoches, teatrinho de dedoches, acessórios e objetos. Cada vez que o professor for começar uma história, tirará algo de dentro dele. Essa espera para saber o que sairá do baú já garante a atenção das crianças, antes mesmo da história começar, o que evidencia que esse clima de suspense é importante para a imaginação. De todos os itens, tem um muito importante, que não pode deixar de ser incluído no baú: o livro, pois é mais uma forma de incentivar a leitura das crianças. Afinal, se um livro está dentro de um baú mágico, repleto de coisas preciosas, quer dizer que ele é realmente muito importante.

A contação de histórias estimula o desenvolvimento intelectual e permite que a criança consiga ultrapassar os limites do mundo real, resolva de modo simbólico as situações presentes ou futuras, pois criam para si um mundo que compensa as pressões sofridas durante a vida.

Ler histórias para crianças [...], pode ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões [...]. É uma possibilidade de descobrir um mundo imenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos [...], através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas

personagens de cada história (cada uma seu modo). [...] e, assim esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas [...]. (ABRAMOVICH, 1999, p. 17)

É através da leitura que a criança dará os primeiros passos para construir seu mundo. Nessa perspectiva, a literatura infantil possui uma importante tarefa a cumprir na sociedade, pois serve como mediadora da transformação social e também, “como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola” (COELHO, 2000a, p. 15).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No campo da educação, para promover uma ética voltada para o respeito e o convívio harmônico com a diversidade, devemos partir de temáticas significativas, do ponto de vista ético, como o da utilização da arte de contar histórias.

Nesse sentido, a contação de histórias nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, além de ocasionar a compreensão acerca da cultura afro-brasileira, proporciona a socialização dentro e fora do ambiente escolar. Dessa forma, observamos o quanto é importante utilizar as estratégias pedagógicas nos Anos Iniciais para facilitar a aprendizagem dos alunos.

Assim, a contação de histórias aliada à prática pedagógica lúdica torna ainda mais rica a socialização no ambiente educacional, proporcionando o despertar da curiosidade e do pensamento crítico, a partir da comunicação. Por isso, os professores devem explorar metodologias que permitem a participação efetiva dos alunos, tornando-os mais independentes e compreensivos acerca do mundo em que vivem e de como construir sua autonomia com base na vivência das práticas de leituras de histórias infantis.

Nesse sentido, o professor deve sempre buscar alternativas metodológicas que possibilitem a compreensão dos alunos, promovendo uma sintonia na comunicação da mensagem do ensino, visto que o processo de ensino exige que o professor possa conhecer as especificidades desse campo e busque novas alternativas, assegurando a efetivação da aprendizagem dos alunos.

Diante dessa realidade, a aprendizagem e a prática dos alunos se alteram, entre metodologias alicerçadas na criatividade em sala de aula, que os desafiam ao desenvolvimento de ações diferenciadas, como saber pensar considerando os múltiplos recursos inovadores e adquirir competência crítica, reflexiva e criatividade para produzir novos conhecimentos.

Assim, os objetivos da pesquisa foram alcançados, haja vista que foi possível perceber o quanto a contação de histórias é importante nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental para despertar a capacidade criativa e o olhar dos alunos para a cultura afro-brasileira. Com os resultados deste estudo, esperamos contribuir para a melhoria da prática pedagógica, por meio da contação de histórias, despertando nos alunos a importância de valorizar e respeitar a cultura africana presente na sociedade e na sala de aula, oportunizando aos alunos, o contato com a linguagem oral como uma atividade social.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1999.

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. São Paulo: Loyola, 2006.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação**

**Infantil:** conhecimento de mundo. v. 3. Brasília: Coordenação Geral de Educação Infantil, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil:** teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2000a.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura:** arte, conhecimento e vida. Petrópolis: Fundação Petrópolis, 2000b.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil:** história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje. 2. ed. São Paulo: Quíron/Global, 1982.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura para crianças e jovens.** São Paulo: Paulinas, 2010.

LAJOLO, Marisa. **Literatura:** leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In:* MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 09-29.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Francisca Maria de Sousa Vale. **A importância da contação de histórias na Educação Infantil.** 2017. 40 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Centro de Educação. Universidade Federal da Paraíba, Coremas (PB),

2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4094/1/FMSVS19032018.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2022.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 9. ed. São Paulo: Global, 1994.





# **‘O PATINHO FEIO’ ALÉM DAS APARÊNCIAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO**

*Francisca das Chagas Cardoso do Nascimento Santos*

*Armennia Vitoria Araújo Santos*

*Francisca Marília Silva Mendes*

*Josete Craveiro de Araújo*

*Lidiana Moraes Soares*

*Tarciane Maria Moraes de Araújo*

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Este capítulo, intitulado “‘O patinho feio’ além das aparências: desafios e possibilidades para a inclusão do aluno surdo”, emergiu dos estudos no curso de formação para professores da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A proposta foi promovida pelo Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia - Universidade Federal do Piauí (UFPI) e insere-se no projeto de extensão, denominado: “Uma viagem ao mundo do faz de conta: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil”.

Durante o curso foram realizados estudos acerca da implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), focalizando os campos de experiências e os direitos de aprendizagem; temas relacionados ao contexto histórico e definição sobre contação de história; sobre as várias

técnicas que podem ser utilizadas nessa prática, dentre outros temas. Entre as várias técnicas estudadas, inserimo-nos no uso da Libras para realizar a parte prática do curso. Iniciamos a discussão, trazendo o conceito e uma breve trajetória da contação, desde os primórdios aos tempos atuais.

Cabe destacar que para subsidiar a escritura deste capítulo, sobre a temática abordada, recorremos a autores, como: Abramovich (1997), Kobayashi e Morinishi (2016), Coelho (1991), Santos (2020), Faria *et al.* (2017), entre outros. Considerando o exposto, convidamos você, leitor, para juntos visitarmos a nossa experiência neste projeto, cheio de ludicidade, desafios e aprendizagens no percurso da contação de histórias.

Nesse sentido, este estudo aborda um breve histórico sobre a contação de história e sobre o papel do aluno surdo e a importância da utilização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) na comunicação e no desenvolvimento da contação de história para esse aluno, como ferramenta de inclusão em seu percurso educacional. Trouxemos ainda, o desenvolvimento da parte prática, realizada no curso de contação de história. Na oportunidade, detalhamos as etapas realizadas com suas nuances e desafios vividos, até a finalização da técnica. Por fim, a conclusão, na qual apresentamos as constatações durante o desafio de apresentar a história em Libras que pudessem alcançar as necessidades, tanto de alunos surdos quanto de alunos ouvintes.

## **BREVE HISTÓRICO SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA**

A contação de histórias possibilita “[...] viver profundamente tudo aquilo que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar [...]. Pois é ouvir, sentir e exer-

gar com os olhos do imaginário” (ABRAMOVICH, 1997, p. 17). Essa compreensão acerca do que a contação de história promove a quem ouve é o que desejamos possibilitar para nossos alunos surdos e ouvintes por meio da contação de histórias em Libras. Porém, antes de apresentarmos sobre o trabalho realizado durante o curso e contação de histórias, vivenciado pelos professores cursistas e petianos, cabe refletirmos alguns aspectos relacionados à contação de histórias.

É importante destacar que o ato de contar histórias acompanha a humanidade desde os primórdios. Corresponde a uma arte utilizada desde a origem do homem até os tempos modernos e foi constituindo-se, antes mesmo do surgimento da escrita, em instrumento de transmissão de conhecimentos. Conforme Santos (2020), os homens das cavernas já narravam os acontecimentos do seu cotidiano, conforme demonstram as inscrições rupestres encontradas por historiadores e antropólogos.

No caso dos contos da literatura infantil ocidental, Kobayashi e Morinishi (2016), fundamentados em Coelho (1991), realçam que sua origem reside nas longínquas narrativas, cujas origens remontam a fontes heterogêneas que foram difundidas na Idade Média por meio da transmissão oral e, desse modo, a contação de história vem atravessando séculos. Para Kobayashi e Morinishi (2016, p. 222) a literatura continua “[...] viva pela vontade do homem em transmitir suas experiências, seus rituais, que transformou a palavra em algo mágico que pode postergar o que foi dito há milênios e, ainda hoje, pode ser ouvida, pode ser lida [...]”. Desse modo, compreendemos que a contação de histórias traz consigo processos de interação referentes às atividades históricas, sociais e culturais.

Conforme já referido, a contação de história é uma prática antiga por meio da qual as pessoas utilizavam da oralidade para narrar acontecimentos a comunidade, repassando seus

ensinamentos, valores, costumes, mitos e crenças de geração a geração, assim como usavam dessa prática para o entretenimento, a diversão e o lazer. É por esta razão que a contação de história configura um recurso importante para auxiliar na prática inclusiva nas escolas.

Santos (2020) deixa claro a contribuição que a contação de histórias tem na formação da criança, tanto em relação a si mesma quanto ao mundo a sua volta, conforme podemos observar no excerto a seguir, o qual afirma ser por meio das narrativas que:

[...] o homem preserva a memória; divulga o conhecimento; compartilha a cultura; exerce religiosidade e prestígio; promove entretenimento; expressa suas emoções e impressões. Muitas narrativas fundamentam-se em tradições populares de diversos povos, inclusive comunidades ágrafas. Contar uma história consiste em apresentar para um público específico uma narrativa que parte de certa leitura de mundo. (SANTOS, 2020, s./p.)

Aferimos acerca das reflexões do autor que, no contexto educacional, é salutar que sejam mantidas as práticas de contação de histórias pelas diversas contribuições que traz. Desde a preservação da memória até a ampliação de conhecimentos e preservação da cultura e os valores dos diferentes povos. Tudo isso, aliado a atividades que possibilitam ao professor trabalhar sentimentos, impressões e emoções com as crianças, sejam elas surdas ou com outras necessidades especiais, assim como os alunos ouvintes.

Por esta e muitas outras razões é que ao longo do tempo, a arte de contar histórias foi ganhando potencial pelo uso da literatura infantil no campo da educação exatamente “[...] por seu aspecto lúdico e maravilhoso, político e coletivo, tecidos em meio à plurissignificação e à estética dos recursos simbólicos nelas presentes” (SANTOS; MORAES, 2013, p. 89). Por

abraner esses aspectos, a contação de histórias foi ganhando recursos para além da oralidade que foi o palco, a música, figurinos e outros elementos que enriquecem a narrativa.

Desse modo, com os avanços tecnológicos, foi crescendo o leque de possibilidades, ou seja, a mesma história pode ser contada de variadas formas, com uma diversidade de enfoques e recursos audiovisuais. É perante esse entendimento que, a seguir, vamos refletir sobre a importância da utilização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) na comunicação e no desenvolvimento da contação de história como ferramenta de inclusão para o aluno surdo.

## **LIBRAS COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O ALUNO SURDO**

A contação de história é uma arte que deve ser valorizada e estimulada desde a base infantil. Com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 9.394/96 (BRASIL, 1996), seguida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997), pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998) e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 2010) ganha relevo as primeiras descobertas, curiosidades, interesses, habilidades e progressos que visem à formação integral do sujeito. Esse conjunto de leis, propostas e documentos eleva a contação de história, inserida como arte, à situação de recurso significativo. Desse modo, a contação de história, entre tantos outros, como a dança, o teatro, a música, a escrita enquadra-se no contexto das artes indispensáveis às práticas de produção, fruição e reflexão dos sujeitos que delas participem.

Recentemente, a BNCC nos aponta que um dos objetivos de aprendizagem no campo das experiências (Escuta, fala,

pensamento e imaginação) implica em “[...] criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos” (BRASIL, 2018, p. 43). Nesse âmbito, a contação de histórias corresponde a uma ferramenta muito importante no desenvolvimento das crianças em todas as etapas da Educação Infantil e nos demais níveis da Educação Básica.

Faria *et al.* (2017) contribuem com reflexões nessa área, destacando que a arte corresponde a uma manifestação subjetiva, estritamente humana, capaz de expressar pensamentos, emoções, comportamentos, historicidade e valores, atingindo também, a estética e a comunicação. Assim sendo, concordamos com as autoras, pois estas destacam sobre as diversas manifestações que são dadas e que podem ser sentidas pelas crianças, causando o amadurecimento de suas ideias, auxiliando-as a aprender sobre a importância do ato de ler para a edificação do desenvolvimento cognitivo e sua formação.

Quando as crianças ouvem histórias, podemos perceber a empolgação e as emoções que elas sentem ao acompanhar o enredo vivido pelos personagens. Elas expressam sentimentos, como a alegria, a tristeza, a raiva, o medo, o desconforto, entre outros. Tudo isso favorece o envolvimento do narrador e do espectador numa experiência que estimula o desenvolvimento da criatividade e da inteligência.

Ao longo dos anos, as pesquisas realizadas sobre o atendimento e a educação escolar para os alunos surdos têm mostrado que é possível criar condições apropriadas para sua aprendizagem e inclusão junto aos alunos ouvintes, a partir da presença efetiva da Libras em todas as ações planejadas pela escola e pelos educadores.

No entanto, para que a prática da educação inclusiva seja efetivada, é necessário que a escola disponha de condições mínimas para receber os alunos e ajudar na superação das

barreiras que impedem o seu desenvolvimento. A inclusão deve ultrapassar o mero discurso e, de fato, atender às necessidades educacionais especiais dos alunos. Na prática, as ações requerem suportes, como: professores intérpretes, educador surdo, tradutores e materiais adequados. Tudo isto configura auxílio na prática educacional escolar inclusiva para alunos com surdez. A escola, como uma das instituições responsáveis pelo processo educacional, deve trabalhar para o acolhimento de todos os alunos, respeitando suas diferenças econômicas, culturais e sociais, bem como suas origens, raça e cor.

Defendemos que, para auxiliar a prática inclusiva do professor em atividades com o aluno surdo, a contação de histórias é um excelente recurso, pois é por meio dela que o mundo da escrita sistematizada será apresentado às crianças, de maneira lúdica e significativa. Para tanto, é necessário que a escola analise e reflita sobre sua base curricular e, se necessário, ressignificá-la, que sejam inseridos novas formas e novas práticas, a fim de promover a aprendizagem dos alunos, sejam eles surdos ou ouvintes. Importa, nesse caso, possibilitar uma ação educativa que atue na eficácia da diversidade e no exercício em respeitar o direito de todos, ofertando espaço para a prática de inclusão social.

No que tange às necessidades das crianças surdas dentro da escola, há que destacarmos a importância da língua de sinais e da necessidade de que os alunos ouvintes e as demais pessoas do convívio escolar tenham conhecimento sobre a Libras, a fim de facilitar a comunicação. Esse cuidado é necessário ao considerarmos que muitas crianças surdas vêm de famílias ouvintes e, por essa razão, tentam adaptar a comunicação usando somente a linguagem oral, desconsiderando a condição da pessoa surda. Do mesmo modo vem acontecendo de professores ensinarem os conteúdos usando a mesma língua

dos alunos ouvintes, deixando que os alunos surdos percam uma sequência de informações importantes sobre o conteúdo ensinado.

Por essa razão, o processo de inclusão é primordial para o aluno surdo, trazendo para o meio escolar a Libras e preparando também o aluno ouvinte para seu uso. Muitos destes não têm o conhecimento e/ou nunca tiveram contato com a língua de sinais, o que pode dificultar a comunicação entre surdos e ouvintes. Para isso, promover atividades, tanto de ensino quanto atividades práticas por meio da Libras na sala de aula, configura um processo inclusivo, com significativos resultados no convívio e na interação social entre estas crianças.

Assim, o trabalho com a contação de histórias em Libras para as crianças deve considerar a postura do contador de histórias, pois esse é peça essencial para o processo inicial de encantamento com as histórias, os livros e, posteriormente, a leitura e a escrita. Quando bem trabalhada, a contação de histórias proporciona prazer e diversão, além de ampliar a capacidade de imaginação da criança, o desenvolvimento da oralidade, bem como da linguagem visual e da linguagem escrita.

A propósito, como mediador, o contador de histórias que vai trabalhar com alunos surdos pode usar alguns artifícios para prender a atenção das crianças, utilizando os recursos tecnológicos, conforme vimos durante o curso de formação promovido pelo PET/Pedagogia-UFPI. A exemplo, no decorrer de uma contação de histórias para alunos com surdez, pode ser utilizada a dramatização, os fantoches ou dedoches, origamis, figuras, entre outras técnicas. Esses elementos darão realce à narrativa, contribuindo com aprendizagens e tornando a história significativa no processo educativo das crianças, tanto surdas quanto ouvintes.

Nesse sentido, o tema em questão neste estudo, que é a contação de histórias para crianças surdas numa perspectiva



inclusiva, considera que o docente precisa adequar sua prática às necessidades dos alunos. Nisso, deve buscar desenvolver competências e habilidades para a realização das atividades, acreditando no potencial e desempenho dessas crianças, pois sabemos que embora a surdez dificulte a comunicação num contexto de maioria ouvinte, isso não impossibilita as pessoas surdas de se comunicar, conviver e interagir com outras pessoas.

## **HISTÓRIA DO ‘PATINHO FEIO’: O LIDO, O VIVIDO, O INTERPRETADO**

Defendemos que para uma história infantil ser contada e, particularmente, tendo como alvo crianças surdas, é importante que sua forma de contar e apresentar ocorra de modo a tornar-se significativa para a vida da criança. Faz-se necessário que esse contato com a história seja promovido de modo lúdico. Ao ouvirmos ou contarmos histórias, manifestamos as emoções das personagens, como: a alegria, a tristeza, a raiva, o pavor, o desconforto, a tranquilidade, a calma, entre outras. Isso possibilita que o educador utilize a contação de forma prazerosa, estimulando o imaginário e oportunizando às crianças, em processo de inclusão, a descoberta de outros modos de pensar, de agir e de ser.

Munidas dessa ideia, partimos em busca da história a ser apresentada no curso de contação do qual participamos, cujo objetivo consistia em pensar criativamente uma história para ser apresentada em Libras, de modo a atender crianças surdas e ouvintes. Era momento de utilizar todo o conhecimento aprendido no decorrer dos estudos durante o curso e foi por meio de encontro *online* que realizamos nossa primeira reunião para a definição de qual história seria e de que forma seria produzida e apresentada. A partir desse primeiro

encontro, vimos a necessidade de realizarmos também no modo presencial.

Os encontros presenciais ocorreram em três momentos. Os dois primeiros foram para estruturação e planejamento das estratégias de como faríamos as gravações. A primeira reunião ficou marcada por reflexões e diálogos entre professoras cursistas, petianos e coordenadoras do grupo, tratando sobre quais elementos eram necessários para que pudéssemos realizar uma contação de histórias para a faixa etária solicitada (da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental). Como essa contação deveria ser realizada? Não poderia ser de qualquer maneira, já sabíamos, mas qual? Qual história poderíamos adequar para apresentar em Libras? Como utilizar os recursos para a contação? Foram questões como essas que permearam os diálogos iniciais.

Também, nesse encontro foram divididas as tarefas entre os membros da equipe. A responsabilidade em apresentar a história com a língua de sinais ficou para a professora que possuía mais experiência com a Libras. As demais professoras e petianos ficariam com a narração e com o suporte técnico para a gravação. No segundo encontro, foram efetivados os treinos, conforme as atividades atribuídas a cada um. Esse momento aconteceu repleto de muitos desafios, erros e acertos. A princípio, treinávamos e gravávamos, mas vimos a necessidade de estruturar melhor as gravações e a participação dos membros do grupo. Foi então, que surgiu a ideia de que cada um se apresentasse em Libras antes de iniciar a história e, além disso, colocarmos um glossário com as principais palavras do conto para facilitar a compreensão da Libras para quem ainda não tem experiência com a língua. E, por fim, o terceiro encontro, foi a gravação final. A seguir, um pouco do vídeo produzido com a história do 'Patinho Feio', contada em Libras.

## O PATINHO FEIO

<p><b>Apresentação do Grupo:</b></p>	
<p><b>GLOSSÁRIO:</b></p>	
<p>Era um dia lindo de primavera e a agitação perto do lago marcava uma ocasião especial. num cantinho perto do arbusto a mamãe pata observava feliz o nascimento dos seus filhotinhos [...].</p>	

<p>4 lindos patinhos saíram da casca e por último surgiu um patinho diferente dos outros. Ele era muito feio. Que coisa como isso pode acontecer disse a mamãe pata.</p>	
<p>O patinho recém-nascido quis se aproximar dos outros patinhos, mas eles correram e foram se esconder perto da mamãe e ela abraçou o patinho rejeitado.</p>	
<p>O tempo passou quando mais o tempo passava mais diferente dos outros patinhos ele ficava. Que pato mais esquisito, nasceu com defeito disse os patinhos. Pobre patinho, todos zombavam dele e ele vivia triste já que ninguém gostava dele foi embora pra bem longe.</p>	
<p>O patinho foi em direção a floresta, andou, andou procurou um lugar pra descansar. Eu ainda vou achar um lugar que eu possa fazer muitos amigos. Quando acordou ouviu o barulho d'água e seguiu para ver se encontrava comida correu e encontrou um lago onde tinha patos diferentes que brincavam alegremente...</p>	

<p>Numa manhã ensolarada quando o patinho acordou encontrou uma família de patos:</p> <p>- Olá!!</p> <p>E o patinho feio perguntou:</p> <p>- Por que você está conversando comigo?</p> <p>- Você é um dos nossos.</p> <p>Você já se viu em no reflexo na água?</p> <p>E o patinho feio olhou-se no espelho d'água e ficou radiante. E logo entendeu por que era tão diferente. Ele era um cisne. Decidiu então se juntar aos outros cisnes. E assim, viveu feliz para sempre.</p>	
	

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como propósito discutir e refletir como a contação de histórias pode auxiliar no desenvolvimento e na interação de alunos surdos como contexto de prática inclusiva. Para auxiliar na reflexão, focalizamos a história do ‘Patinho Feio’, produzida em Libras, apresentada no final do curso de formação do projeto de contação de histórias, promovido pelo PET/Pedagogia-UFPI.

Essa produção nos faz perceber a preocupação que o professor deve ter ao elaborar suas práticas pedagógicas, sempre procurando formas criativas de ensinar, utilizando recursos visuais que auxiliem no processo de aprendizagem dos estudantes surdos. Nessa perspectiva, podemos citar a contação de

histórias em língua de sinais (Libras), como um recurso fundamental para a inclusão da criança surda, por ser uma forma mais atrativa e que auxilia no processo de alfabetização e no desenvolvimento do gosto pela literatura.

Constatamos, ainda, que trabalhar com a contação de história para as crianças surdas deve ser um ato planejado, sendo necessário pensar no modo como vai ser apresentado. O processo de inclusão no contexto escolar entre alunos com necessidades especiais ou não, deve ser planejado e intencional. Compreendemos também, que a Libras deve fazer parte da grade curricular das instituições educacionais, sendo imprescindível para o desenvolvimento dos alunos, pois favorecerá a inclusão, tanto no contexto escolar quanto em outros espaços.

Dessa forma, concluímos que é preciso, então, olhar para a literatura infantil utilizada na contação de histórias, de modo a atender os alunos com necessidades educacionais. E, utilizá-la como recurso para o desenvolvimento escolar, social e psicológico, tanto dos alunos surdos quanto dos ouvintes, uma vez que amplia a criatividade, a leitura de mundo, a linguagem e a imaginação.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília: MEC; SEF, 1997.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC; SEF, 1998.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indoeuropeias ao Brasil contemporâneo. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

FARIA, Ingrid Graciele de *et al.* A influência da contação de histórias na Educação Infantil. **Mediação**, Pires do Rio (GO), v. 12, n. 1, p. 30-48, jan.-dez., 2017.

KOBAYASHI, Maria do Carmo Monteiro; MORINISHI, Leticia Sayuri. Mukashi banashi: narrativas antigas japonesas e transmissão cultural. *In*: KISHIMOTO, Tizuko Morchida; SANTOS, Maria Walburga dos (Org.). **Jogos e brincadeiras**: tempos, espaços e diversidade (pesquisa em educação). São Paulo: Cortez, 2016. p. 217-238.

SANTOS, Fábio Cardoso dos; MORAES, Fabiano. **Alfabetizar letrando com a literatura infantil**. São Paulo: Cortez, 2013.

SANTOS, Rita de Cássia Alves Lopes dos. Reflexões sobre a arte de contar histórias. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, 4 fev. 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/5/reflexoes-sobre-a-arte-de-contar-historias>. Acesso em: 22 mar. 2022.





# RODAS DE HISTÓRIA COMO TÉCNICA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA CONTAR HISTÓRIAS E PROMOVER A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Geisa Cavalcante Castelo Branco*

*Francisca Marília Silva Mendes*

*Letícia Danielle Assunção Morais*

*José Renato Sales da Silva*

*Hilda Mara Lopes Araujo*

*Ronaldo Albano Matos*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este estudo surge a partir de um projeto de extensão intitulado: “Uma viagem ao mundo do faz de conta: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil, realizado pelo Programa de Educação Tutorial (PET)/ Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), e que teve como objetivo reconhecer a contação de histórias como ferramenta para estimular a criança a ter gosto pela leitura, aliando as ações socioeducativas realizadas em espaços escolares e não escolares. Ademais, fomentamos, por meio dessa ação, formar um leitor crítico, que desperte as habilidades comunicativas e expressivas da criança, através da contação de histórias. Desse modo, apresentamos, neste capítulo, algumas experiências e vivências de participantes do PET (petianos) durante a execução do Projeto em destaque.

No cenário educativo, a contação de histórias é uma ferramenta relevante que proporciona às crianças momentos prazerosos e de aprendizado. Essa junção viabiliza o aprimoramento e a inclusão social das crianças, a partir do contato com uma diversidade de leituras literárias, de uma forma lúdica e encantadora, promovendo assim, um maior envolvimento entre os pequenos, os livros e o mundo da leitura.

Partindo disso, faz-se necessário que os professores desenvolvam práticas criativas de contação de história em sala de aula, possibilitando que as crianças tenham experiências fascinantes com seus colegas, cooperando, dessa forma, para a formação de diversas habilidades, como o desenvolvimento da oralidade, da leitura, do senso-crítico, do pensamento, da ética, da moral e do emocional, de uma maneira interativa. Tudo isso de forma agradável.

Desse modo, é importante observar as práticas docentes em sala de aula, a fim de perceber se, realmente elas estão auxiliando efetivamente no aprendizado e no desenvolvimento dos alunos, visto que, muitas vezes, o professor não utiliza práticas inovadoras, o que inviabiliza esse encontro sublime e tão necessário das crianças com a leitura. Portanto, evidencia-se que é preciso dar oportunidade às crianças de vivenciarem ações, como a contação de história, para atrair o público infantil, de maneira a beneficiá-lo.

O educador, ao realizar a contação de histórias com sua turma, deve utilizar estratégias que sejam criativas e lúdicas, visando uma melhor participação das crianças durante a atividade que está sendo proposta. Nesse sentido, a técnica rodas de história se configura como um dispositivo para se efetivar a contação de história, visto que, durante essa prática, possibilitamos a participação das crianças de modo que, o educador abre espaços interativos e dialógicos com as crianças e assim, torna-se factível a construção de conhecimentos.

Outro aspecto considerável, é que as histórias trazem um conjunto de regras, conselhos e valores que contribuem para a formação das crianças. Assim, através dessa prática, podemos trabalhar com temáticas que fazem parte do cotidiano, de modo que se torna possível a relação do que é visto em sala de aula com o que ocorre no dia a dia das crianças.

Quanto à inclusão, é um tema fundamental dentro da nossa sociedade e na educação, em particular, pois busca promover a igualdade entre todos os aspectos da comunidade, garantindo que todos possam conhecer e ter os mesmos direitos, considerando as particularidades que singularizam o sujeito no mundo. Nessa perspectiva, o ensino escolar é um desses direitos que devem ser garantidos a todos, mas, infelizmente, sabe-se que o mesmo não é concebido por diversos fatores, sejam sociais, econômicos ou, até mesmo, políticos.

## CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA DO ESTUDO

Conforme referido nas considerações iniciais, as reflexões apresentadas neste capítulo decorrem da realização de um projeto formativo realizado no âmbito das ações que envolvem ensino, pesquisa e extensão realizadas pelo PET/Pedagogia-UFPI. A operacionalização do Projeto foi realizada por meio das plataformas digitais *Google Meet*, onde ocorriam as aulas, planejamentos e reuniões; *WhatsApp*, onde aconteciam as conversas e os compartilhamentos de materiais; e o *Youtube*, onde aconteceu a culminância de encerramento do Projeto.

Para a elucidação das ideias aqui apresentadas, utilizou-se dos procedimentos técnicos da pesquisa bibliográfica, tendo como referência, a leitura do documento oficial, Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) e a leitura de autores, como: Esteves (1998) e Abramovich (2009), a fim de

fundamentar a importância da contação de histórias; Severo (2019) e Cavalheiro (2012) para tratar sobre a técnica rodas de história; Freire (2008), Rodrigues (2000) e Carneiro (2012) para refletir sobre inclusão; e, por fim, Rinaldi (2002) para dar fundamento a história explorada, a título de exemplificação, neste estudo: *Bom dia, todas as cores*, de Ruth Rocha (2018).

O trabalho utilizou-se de experiências vividas por professoras e petianos em relação à apresentação da técnica rodas de história, a qual possibilitou conhecimentos mais aprofundados sobre como abordar assuntos relevantes com as crianças da Educação Infantil, citando a inclusão, que constituiu o tema da história apresentada no projeto.

Diante disso, essa discussão tem a relevância de auxiliar na formação de professores da Educação Infantil, de crianças em seu desenvolvimento de leitura, escrita, autonomia, participação, dentre outros; e também na formação dos petianos, os responsáveis pela organização e concretização do Projeto. Ademais, fornece meios e aprendizagens de como deve ser elaborado um projeto dessa grande escala de produção, com participação de professores de escolas municipais e alunos de graduação, junto com a colaboração da UFPI e da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREXC) - PET/Pedagogia-UFPI.

## **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Historicamente, a contação de história sempre foi muito utilizada por diversas gerações com finalidades diversas, e nos dias atuais, ela é utilizada no contexto educacional, com a intenção de educar ou orientar para uma determinada situação, como um meio de transmissão de ideias e reeducação, ensinando a cultura e assim obter a construção de uma identidade de determinado grupo. Assim, as histórias sempre es-

tão ligadas à vivência e a realidade das pessoas, de modo que as oriente na construção da identidade social e cultural local.

A prática de contar histórias na Educação Infantil proporciona a transmissão de conhecimentos, incentiva a imaginação e o real para as crianças. Com isso, ela é um grande aliado para o desenvolvimento dos pequenos, pois auxilia nas capacidades cognitivas, além de contribuir no desenvolvimento da oralidade, na escrita e no gosto pela leitura. Nesse sentido, quando a contação de histórias é utilizada como ferramenta auxiliar no desenvolvimento da criança no âmbito escolar, as possibilidades são ampliadas para o bom entendimento dos alunos sobre os assuntos ensinados em sala de aula.

Vale ressaltar que a contação de histórias além de favorecer o que foi dito anteriormente, pode ser relacionada com o cotidiano das crianças, visto que, as histórias contadas atravessam os muros da escola, gerando conhecimentos para a vida. E uma vez que muitas dessas crianças não têm contato com histórias e livros em casa, a escola é o lugar de aprendizagens significativas, sendo necessário, portanto, que o professor seja capacitado para fazer um uso adequado desse recurso para a melhoria do ensino das crianças.

De acordo com a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), as crianças têm assegurados direitos para o seu desenvolvimento e aprendizagem, sendo estes: conviver, brincar, explorar, participar, expressar-se e conhecer-se. Posto isso, o ato de contar histórias é uma atividade pedagógica que busca cumprir essas finalidades presentes no documento oficial.

Por ser uma ferramenta bastante rica para a concretização do desenvolvimento integral da criança, a contação de histórias engloba diversas áreas básicas do ser humano: saber pensar, se expressar, interpretar, sendo uma atividade bastante

prazerosa não só para as crianças mais novas, mas para todas as faixas etárias. De acordo com Esteves (1998, p. 125), “o prazer que a criança tem de ouvir e contar histórias é um claro indicador de que a fantasia e a imaginação são muito importantes para ela conhecer e compreender”. E para que o momento da história seja prazeroso, é necessário o professor utilize a linguagem adequada para cada criança, pois assim elas irão captar a história com mais riqueza de detalhes, além de escutar com mais atenção e, dessa forma, o professor alcançará os objetivos desejados. Segundo Abramovich (2009, p. 14):

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... [...].

Assim, quando a criança ouvir uma história, sua imaginação pode levar para qualquer outro lugar e tudo se torna possível. É esse poder que a contação de histórias tem no mundo infantil, de transportar para outros universos e ensinar a encarar a vida e as adversidades do mundo social, de várias outras formas.

Dessa forma, o professor deve saber mediar quando for contar as histórias, a fim de que as crianças fiquem com a atenção voltada para o enredo e não se distraiam. Além disso, para favorecer a aprendizagem das crianças, pode-se utilizar materiais e técnicas para tornar esse momento mais atrativo para os pequenos, contribuindo assim, para uma melhor compreensão.

Referindo-se ao socioemocional da criança, Abramovich (2009, p. 15) destaca que “contar histórias é uma arte... e tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela

é o uso simples e harmônico da voz”, desvelando mundos e possibilidades criadas pela imaginação.

No atual contexto, trabalhar o socioemocional de uma criança em sala de aula é prepará-la para compreender as dificuldades e ajudar nas relações sociais, possibilitando o crescimento de várias competências no aluno, de forma integral, cooperando assim, para que ele tenha capacidades para administrar diversas situações consigo e com o outro. Além disso, ainda no tocante à melhoria dos aspectos socioemocionais da criança, a contação de história previne doenças psíquicas, como a depressão e a ansiedade, que, muitas vezes, são desenvolvidas no ambiente familiar e também nas vinculações externas. Desse modo, por meio dos enredos das histórias infantis, podem ser trabalhados elementos que auxiliem na prevenção e no desenvolvimento da saúde mental desses pequenos (CARNEIRO; LOPES, 2020).

## **AS RODAS DE HISTÓRIA COMO TÉCNICA PARA CONTAR HISTÓRIAS**

Para incentivar a criança na leitura, uma metodologia bastante interessante é ler para elas, pois é uma atividade sedutora e que prende a atenção. Dessa forma, a roda de história é uma técnica riquíssima e desafiadora para os professores, se fazendo presente, sobretudo, na rotina da Educação Infantil.

Com as rodas de história, a criança consegue ampliar a imaginação, desenvolver o vocabulário e a capacidade de interpretar textos. Nesses momentos, as crianças escutam o professor contando histórias, observam e participam junto com ele. Essa técnica é prazerosa, interativa e trabalha todos os sentidos da criança, como, por exemplo: tato, audição, visão e através da imaginação, o paladar e o olfato, contribuindo para a interação entre professor- aluno.

Dessa forma é perceptível a necessidade de a criança ter um contato maior com a contação de histórias, não só de ouvir histórias, mas também, de contar e recontar. Além disso, Cavalheiro (2012, p. 12) expressa que: “contar histórias na Educação Infantil desperta a criança para associações entre vivências cotidianas e o mundo da fantasia”. Ao ouvir histórias, as crianças interagem ativamente, perguntam, criticam, elogiam, entre outras ações que ampliam a capacidade de comunicação e de posicionamento crítico diante do mundo”. Com isso, o professor exerce um papel fundamental de proporcionar às crianças a aprenderem a pensar e interpretar as histórias, pois sabe-se que elas valorizam esses momentos.

Ademais, aprimora a linguagem oral e escrita, pois o contato com a leitura, a escuta e a interação estimulam o desenvolvimento da linguagem. Outrossim, trabalham diversos gêneros textuais, ampliando o vocabulário e os conhecimentos gerais obtidos no uso da leitura e na contação, visto que a criança cria intimidade com os livros, tornando-os futuros leitores.

Ao escolher uma história para a sala de aula, o professor precisa pensar a realidade na qual as crianças se encontram, para que instigue as participações e as capacite no momento das comunicações orais. Em concordância, Bettelheim (2009, p. 20) elucida que, as histórias, de maneira geral, quando bem escolhidas e trabalhadas, “dirigem as crianças para a descoberta de sua identidade e comunicação e também sugerem experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter”, agente importante no processo de socialização.

Severo (2019, p. 08) também comenta que:

As rodas de história na Educação Infantil possibilitam a interação dos alunos tanto com o(a) professor(a) como com os demais alunos. Elas provocam a comunicação das crianças, uma vez que



as histórias contadas despertam a imaginação, motivando a atenção e a participação, e através delas as crianças tendem a falar sobre o assunto, demonstrar, argumentar, etc.

Portanto, a roda de história é um acesso a conhecimentos construídos e trazidos de forma coletiva e interativa entre as crianças e o professor na sala de aula. Para enriquecer e atrair ainda mais a atenção das crianças, o professor pode utilizar de materiais que instiguem ainda mais os pequeninos a gostarem da história e a prestarem atenção. Para tanto, é preciso ser criativo e desenvolver esses materiais em sala de aula, juntamente com as crianças, utilizando uma metodologia que a envolva como um todo, fazendo com que ela descubra o que há de mais envolvente e atraente através da contação, que ela tenha capacidade de associação do mundo imaginário e do real, elaborando conclusões de sua compreensão da história contada.

As rodas de história auxiliam na compreensão de mundo e de valores. Nesse sentido, Cavalleiro (2012, p. 13) afirma que:

Verificar comportamentos e o caráter dos personagens, faz com que os pequenos passem a entender valores, hábitos e atitudes. E o que é uma Contação de Histórias senão um jogo de palavras, de imitações, um jogo de faz de conta, uma história pode trazer um mundo de escolhas, tudo depende de quem as conta e como as conta.

Sabe-se que contar histórias requer muita atenção e envolvimento de todos os participantes, como forma de atrair a percepção das crianças no universo infantil e na realidade vivida. Dessa forma, é notório a importância que se tem dentro das histórias contadas, como a construção de valores e atitudes que ajudem na formação das crianças e na compreensão

que elas devem ter do mundo. A metodologia utilizada pelo professor auxilia no crescimento dos alunos e a contação é um desses métodos cruciais, pois não vai ser somente uma história contada para terminar a aula, mas cooperar para a ampliação do vocabulário, do socioemocional e uma amplitude de coisas que irão despertar o conhecimento e envolvimento dos pequenos.

## **O PROCESSO DE INCLUSÃO NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS ESCOLARES**

O processo de inclusão pressupõe a capacidade de conviver, entender e reconhecer o diferente. Sua proposta encampa um movimento político que busca defender o direito de todos, de maneira responsável, que evite a exclusão, seja ela da classe educacional, social, de gênero, preconceitos raciais, deficiência, dentre outros. De acordo com Freire (2008, p. 06), “para que a escola consiga desenvolver cidadãos com competências complexas, que lhes permitam participar na sociedade de que fazem parte, e que revelem atitudes de tolerância e respeito para com todos os outros cidadãos, ela não pode permanecer inalterada”.

Com isso, entende-se que direcionada ao ambiente escolar, a inclusão se faz necessária para tornar os alunos responsáveis pelos seus atos, desenvolvendo empatia e com um olhar mais respeitoso com os outros que diferem dele. Nesse sentido, a educação inclusiva determina e promove modificações em todo o sistema educativo da escola. Somando-se a isso, Rodrigues (2000, p. 09) ressalta que:

A visão dicotômica da diferença presente no modelo integrativo, de acordo com a qual existem dois tipos de alunos 1) aqueles que seguem o currículo uniforme e principal; e 2) os que tendo

deficiências ou dificuldades reconhecidas e estando integrados têm legitimidade para seguirem caminhos mais ou menos alternativos.

Portanto, a implementação da inclusão no espaço escolar é de extrema importância para que todos os alunos se sintam assegurados e envolvidos, independente das dificuldades e características específicas existentes. E para estudantes que têm obstáculos em seu progresso, que possam ter a seguridade de que não irão se prejudicar e sim, ter confiança de que a escola vai auxiliar nesse processo de aprendizagem, na qual todos vão autenticar sua individualidade, colaborando para um espaço de harmonia, cidadania e regularidade para todos.

Em relação ao professor, este possui um papel de auxiliar os alunos em sala de aula, de modo que inclua a todos, independentemente das suas especificidades. Seja deficiência física, mental, auditiva, visual, entre outras que já tenham sido identificadas, ou que não haja ainda um diagnóstico médico sobre o aluno, o professor vai predizer o que deve ser feito, a partir da observação, buscando uma forma assertiva de colaborar para a inclusão escolar desses alunos e, se necessário, orientar os pais para que encaminhe a um especialista, e quando souber o diagnóstico, implementar metodologias de ensino e aprendizagem adequadas a criança.

Os desafios mais recorrentes na inclusão são a falta de formação adequada para o professor, juntamente com a falta de colaboração dos demais funcionários e da escola, a ausência de apoio do governo, principalmente nas escolas públicas e a deficiência das escolas na adaptação acessível para os alunos. Dessa forma, percebe-se as reais necessidades e fragilidades que precisam ser melhoradas, para que se tenha uma efetiva inclusão escolar e com qualidade na educação de todas as crianças.

Outro aspecto necessário, é que todas as pessoas que têm contato com crianças que possuem algum tipo de deficiência, não podem esquecer que esses alunos são cidadãos de direitos, como os outros, pois é comum os professores terem posturas diferentes, que os limitam. Dessa forma, o estudante não desenvolve a autonomia dentro do ambiente escolar e também em casa. Com isso, é importante o educando ir ganhando autonomia, desenvolvendo capacidades para lidar com situações sozinho, tendo sempre orientações do professor.

Uma criança quando entra numa sala que existe a diversidade, ela desenvolve vários princípios de convivência, como: respeito, empatia, compreensão do outro, ternura, entende as diferenças acabando com os estigmas, discriminação e o preconceito, tendo uma leitura de mundo e valorizando todas as diferenças. Em concordância, Carneiro (2012, p. 93) reflete: “a criança pequena, ao adentrar em um espaço escolar em que as diferenças são bem-vindas, vai aprender de forma natural a valorizar o outro por aquilo que ele é, que é capaz de realizar”. Esse contato com outras crianças desenvolve a capacidade de entender a sociedade de verdade, além de aprender com as experiências das demais crianças de forma natural.

A escola precisa e deve ser um lugar inclusivo, que proporcione várias formas diferentes de aprendizados. Para Carneiro (2012, p. 93), “a construção de um ambiente inclusivo propicia condições para que todos os envolvidos no processo educacional possam dirigir a atenção sobre si mesmos e escutar o outro”. Portanto, esse envolvimento desenvolve uma interação que valoriza o outro e a entende que todos podem aprender juntos, cada um com sua condição e na adequação, se necessário, às particularidades de cada sujeito.

## A HISTÓRIA *BOM DIA, TODAS AS CORES*: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E INCLUSÃO EM SALA DE AULA

*Bom dia, todas as cores* foi a história contada pelo grupo responsável pela técnica da roda de história do projeto já supracitado. Tem como autora Ruth Rocha (2018), mas teve adaptações feitas pelas professoras Adriana e Ana Lídia, participantes do projeto, para a presente contação de histórias.

Inicialmente, descreve-se a história como um mecanismo voltado para a inclusão, visto que é retratada a narrativa em que um camaleão, ao longo do conto, vivia recebendo críticas ao usar a sua cor favorita, o rosa. Três animais colocam sua opinião sobre a cor que ele usava, até que em determinado momento, percebeu que o verdadeiro sentido e importância era o que ele preferia e não o ponto de vista do outro, já que se sentia melhor de rosa.

Essa história nos faz ter um olhar mais sensível aos acontecimentos diários no ambiente escolar e nos auxilia a como intervir nessas situações. No enredo, o camaleão depois de muito aceitar as opiniões alheias, percebe que o importante é ele se sentir feliz. E é isso que deve ser passado às crianças. Em concordância, Rinaldi (2002, p. 77) ressalta que:

[...] O ambiente escolar deve ser um lugar que acolha o indivíduo e o grupo, que propicie a ação e reflexão. Uma escola ou creche é antes de tudo, um sistema de relações em que as crianças e os adultos não são apenas formalmente apresentados e organizados, que são uma forma de nossa cultura, mas também a possibilidade de criar uma cultura. [...] É essencial criar uma escola ou creche em que todos os integrantes sintam-se acolhidos, um lugar que abra espaço às relações.

Dessa forma, percebemos que a escola deve ser um local de acolhimento às crianças em suas diversidades, sempre bus-

cando deixa-las à vontade para expressar seus sentimentos e suas emoções. Assim, elas irão ter a alfabetização da letra e os conhecimentos sociais e cidadãos, que dizem respeito às individualidades de cada sujeito. Posto isso, é fundamental que o docente escolha bem a história que vai ser contada para trabalhar o preconceito, além de cooperar para o estímulo à leitura, desenvolvendo o hábito de buscar conhecer o novo.

Cada história contada é um novo conhecimento sendo despertado na mente das crianças, proporcionando encantamento, alegria, sorrisos, suspense, medo, dentre várias outras emoções que podem trazer. E tudo isso é um processo de clareza no entendimento do contexto escolar na qual está inserido e fora dela, pois é através dessas narrações que os pequeninos vão ter princípios na forma de agir nas situações que lhes forem expostas dentro e fora do espaço escolar, tendo assim potencialidades para agir de forma segura e concreta.

Em síntese, esse enredo possibilita uma reflexão a respeito da diversidade humana, ensinando que cada pessoa tem suas próprias escolhas, preferências e personalidades. Dessa forma, essa história traz uma ideia bem interessante, pois auxilia as crianças a compreenderem as diferenças sem criticar, valorizando a diversidade e, conseqüentemente, ajudando na diminuição do preconceito, do racismo, da exclusão e de outras questões necessárias de serem superadas, a fim de que vivencemos um processo de inclusão social na escola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base no conteúdo exposto, nota-se a importância do interesse dessa pesquisa, que buscou ressaltar a importância da contação de história no desenvolvimento infantil aliada à técnica rodas de história. Além disso, foi possível perceber que, assuntos muitas vezes evitados no ambiente escolar, po-

dem ser ensinados de forma lúdica aos pequenos.

Ademais, foi notável durante a leitura, a necessidade de trabalharmos aspectos, como a inclusão em sala de aula, de modo a promover a formação de cidadãos que possuam entendimento sobre a ‘normalidade’ e o respeito às diferenças constitutivas da sociedade. Esse convívio com diferentes realidades desenvolve na criança uma mente consciente e sem alienações, assegurando noções de respeito, empatia, cuidado, cidadania etc.

Na história *Bom dia, todas as cores*, é evidente verificar que ela engloba vários conceitos discutidos neste texto: contação de história, roda de história e inclusão. Dessa forma, torna-se viável seu uso com características semelhantes, exercendo uma ligação tanto com o lúdico quanto com o entendimento sobre a realidade, a melhoria da convivência social, além da inclusão, que é fundamental ser ensinada e trabalhada, de todas as formas, na Educação Infantil.

Desse modo, torna-se imperioso que na prática escolar seja lançado mão de todas as alternativas possíveis, com o intuito de promover uma aprendizagem significativa e inclusiva, tendo em vista todas as possibilidades imprescindíveis para a formação de cidadãos empáticos, humanos, competentes e não só na escola, mas na sua vida.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2009.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Edu-

cação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

CARNEIRO, Maria Daniele Lungas; LOPES, Cícera Alves Nunes. Desenvolvimento das competências socioemocionais em sala de aula. **Id on Line: Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, vol. 14, n. 53, p. 01-14, dez., 2020.

CARNEIRO, Relma Urel Carbone. Educação Inclusiva na Educação Infantil. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista. v. 8, n. 12, p. 81-95, jan.-jun., 2012.

CAVALHEIRO, Tanise Peres Pereira Madeira. **Vem pra roda:** contando Histórias na Educação Infantil. 2012. 44 f. Monografia (Especialização em Pedagogia da Arte) - Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ESTEVES, Lídia Máximo Pereira. **Da teoria à prática:** educação ambiental com as crianças pequenas ou o fio da história. Porto: Porto Editora, 1998.

FREIRE, Sofia. Um olhar sobre a inclusão. **Revista da Educação**, v. XVI, n. 1, p. 05-20, 2008.

RINALDI, Carolina. Reggio Emilia: a imagem da criança e o ambiente em que ela vive como princípio fundamental. *In*: GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn (Orgs.). **Bambini:** a abordagem italiana à Educação Infantil. Porto Alegre: Art-med, 2002. p. 75-80.

ROCHA, Ruth. **Bom dia, todas as cores.** Ilustrações: Madalena Elek. São Paulo: Richmond, 2018.



RODRIGUES, David António. O paradigma da educação inclusiva: reflexões sobre uma agenda possível. **Revista Inclusão**, v. 1, p. 07-13, 2000.

SEVERO, Maria Helena Santos. **Rodas de história**: estratégias utilizadas por uma professora de Educação Infantil II. 2019. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Unidade Acadêmica de Garanhuns. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Garanhuns, 2019.



# AS ÁREAS DE CONHECIMENTO E AS COMPETÊNCIAS DA BNCC PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: RELAÇÃO COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O ORIGAMI

*Tâmia Letícia Hashiguchi*  
*Maria José Almeida Mascarenhas*  
*Ligeovânia de Moura Andrade*  
*Lahélia Mariano da Silva*  
*AntoniaTayana Clemente Viana*  
*Wirla Risany Lima Carvalho*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este capítulo visa, principalmente, relacionar o Origami como ferramenta pedagógica desenvolvida na Contação de Histórias aos preceitos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) no tocante aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Nesse intuito, especificamente, temos como objetivo também discorrer sobre o que a BNCC apresenta para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com enfoque nas áreas de conhecimento, nas competências específicas de área, componentes curriculares e suas competências.

Nesse íterim, apresentamos a técnica de Origami e as possibilidades de aplicação pedagógica com a contação de his-

tórias, sobretudo, em contextos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, além de relacioná-las com os preceitos previstos na BNCC.

## O ORIGAMI E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O origami e a contação de histórias são recursos que podem ser utilizados na prática pedagógica durante o processo de ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental, assim como em outras etapas da Educação Básica.

O origami é uma técnica de dobradura de papel, formulando ou materializando representações de objetos ou formas, como: animais, plantas, casas, seres humanos, entre outras. Classificado como recurso interdisciplinar, auxilia no desenvolvimento da criança, pois trabalha tanto com os aspectos motores – coordenação mãos-olhos e fina – quanto os envolvidos com a criatividade, a ludicidade, a imaginação, a concentração, a ativação da memória, o desenvolvimento de paciência, entre outros (MASCARENHAS, 2021; PEREIRA, 2008; ROSSI; TEIXEIRA, 2013; SILVA *et al.*, 2010).

Portanto, vemos o origami, junto à contação de histórias, como excelentes meios de desenvolver conhecimentos e habilidades das crianças no percurso do seu desenvolvimento, seja no âmbito escolar ou extraescolar, servindo-lhe como meio pedagógico, tanto na Educação Infantil e podemos inferir que também nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Ademais, serve como modo de divertimento em outros espaços da sociedade (MASCARENHAS, 2021).

Como o foco da contação de histórias também se delinea dentro do universo da linguagem, o origami pode vir em complementação com esta, sendo técnica e espaço de diversos conhecimentos que despertam a vontade pela aprendizagem e pela significância do papel da escola nessa formação e fase.

Gomes (2003) ressalta a importância da interação entre o contador de histórias e as crianças, promovendo um envolvimento com a leitura e a disposição para tal. Nesse sentido, o origami pode ser uma estratégia que promove mais ainda essa conexão, pelo encantamento e pela beleza que traz com os objetos/formas criados para o momento da contação e de acordo com a história escolhida. Nesse contexto, podemos inferir que o processo de recontar, desenvolvido com as crianças, pode ser privilegiado também com a junção de origami e a contação de história.

Como são muitos os pontos positivos dessa união, que acabam reverberando no processo de ensino-aprendizagem de maneira significativa, podemos considerar que esses aspectos positivos sejam estendidos aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, não apenas a Educação Infantil, portanto, faz-se necessário conhecermos e analisarmos as áreas de conhecimento – além das competências – da BNCC para o Ensino Fundamental, buscando ver os encaixes do origami como recurso pedagógico a ser desenvolvido.

## **AS ÁREAS DE CONHECIMENTO E AS COMPETÊNCIAS DA BNCC PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**

A BNCC pode ser definida como “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais” (BRASIL, 2018, p. 07), desenvolvido com base no que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996) (BRASIL, 1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (BRASIL, 1997), as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2013) e o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2014).

O documento da BNCC faz previsão da etapa do Ensino Fundamental, em seus Anos Iniciais e Finais, com partes específicas, em que desenvolve as áreas do conhecimento e suas competências, além de componentes curriculares e suas competências. Em cada etapa são apresentadas as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades (BRASIL, 2018).

Inicialmente, gostaríamos de destacar que no Ensino Fundamental são considerados Anos Iniciais do 1º ao 5º ano e Anos Finais do 6º ao 9º ano, nesta etapa são atendidos alunos na faixa etária de 6 a 14 anos de idade. Nesse contexto, um grande desafio elencado é o fato dessa faixa etária passar por intensas transformações, dificultando as previsões de um currículo que promova todos os aspectos dessas mudanças: físicas, cognitivas, afetivas, sociais, emocionais, entre outras (BRASIL, 2018).

A seguir, adentramos mais especificamente em cada uma das áreas de conhecimento e dos componentes curriculares previstos na BNCC.

## **AS ÁREAS DE CONHECIMENTO E OS COMPONENTES CURRICULARES PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

De acordo com a BNCC, estão previstas cinco áreas de conhecimento para o Ensino Fundamental, embasadas pelo Parecer da CNE/CEB nº 11/2010 (BRASIL, 2010).

Essas áreas devem favorecer “[...] a comunicação entre os conhecimentos e saberes dos diferentes componentes curriculares” (BRASIL, 2018, p. 27), com a intencionalidade de intersecção entre estes.

As cinco áreas do conhecimento previstas são: Línguas, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas

e Ensino Religioso. Cada uma destas tem competências específicas e devem ser desenvolvidas ao longo dos nove anos do Ensino Fundamental. No documento está explícito que nas áreas que têm mais de um componente curricular são previstas competências mais específicas ainda, como no caso de Linguagens e Ciências Humanas. Estas englobam Língua Portuguesa, Arte, Educação Física, Língua Inglesa, Geografia e História (BRASIL, 2018).

Todo o contexto explicativo da BNCC defende que as competências específicas são orientadas a se articularem de forma vertical e horizontal. Horizontalmente entre as áreas do conhecimento e verticalmente entre os Anos Iniciais e Finais (BRASIL, 2018).

Sobre essa perspectiva, a BNCC também prevê uma articulação do Ensino Fundamental com as experiências vivenciadas na Educação Infantil, no sentido de proporcionar uma “progressiva sistematização” e “novas formas de relação” do conhecimento com o mundo, despertando nos alunos novas possibilidades em relação aos fenômenos e suas hipóteses, podendo lê-las, reformulá-las, testá-las, refutá-las ou promover qualquer ação que possa produzir conhecimentos. Principalmente, tendo como premissa que as crianças também devem ter seus interesses manifestados e suas vivências consideradas em todo esse processo de construção de conhecimento (BRASIL, 2018).

Quanto à área de Linguagens, se coaduna com a ideia de que as atividades humanas dos sujeitos sociais são realizadas nas práticas sociais e mediadas utilizando-se de diversas linguagens. Dentre estas, podemos destacar: a verbal, a corporal, a visual, a sonora e a digital. Todas elas em estreita relação com conhecimentos, atitudes e valores (culturais, morais e éticos). Por isso, compõem esta área os componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte e Educação Física, com acréscimo da

Língua Inglesa, no caso do Ensino Fundamental Anos Finais (BRASIL, 2018).

Diante disso, vale ressaltar que o foco da ação pedagógica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é o processo de alfabetização dos alunos, enquanto nos Anos Finais a perspectiva é de ampliação das conquistas realizadas em termos da Área de Linguagens, principalmente, um aprofundamento das práticas voltadas ao artístico, o corporal e o linguístico, pois compõem a vida social (BRASIL, 2018).

A área de Matemática apresenta para essa etapa do ensino, a proposta de uma articulação dos seus diversos campos: aritmética, álgebra, geometria, estatística e probabilidade; desenvolvendo um olhar crítico para a resolução de problemas, sabendo interpretá-los, além de conseguir estabelecer uma relação entre as observações empíricas do mundo real e das representações (como tabelas, figuras e esquemas) trabalhadas também pelos conceitos e propriedades da área (BRASIL, 2018).

Nesse contexto, aplica-se a ideia de letramento matemático, a partir do princípio de que competências e habilidades como a do raciocínio, da representação, da comunicação e da argumentação matemática são desenvolvidas em prol de uma leitura de mundo, na qual a Matemática seja identificada com todas as suas relações necessárias. Além disso, deve ocorrer de forma prazerosa, trazendo significados e sentidos para a aplicação na resolução de problemas reais e cotidianos (BRASIL, 2018).

A área de Ciências da Natureza, como apresentada na BNCC, ressalta uma articulação de diversos campos de saberes, sempre com o olhar sobre a realidade de maneira investigativa, em que seja assegurado “[...] o acesso à diversidade de conhecimentos científicos produzidos ao longo da história, bem como a aproximação gradativa aos principais processos,



práticas e procedimentos da investigação científica” (BRASIL, 2018, p. 321).

A área de Ciências Humanas traz como destaque a contextualização, demarcada pelas noções de tempo e de espaço e seus conceitos fundamentais. Ainda sobre isso, ressaltamos que a cognição e o contexto são sempre desenvolvidos de forma concomitante e relacionada, com o objetivo de produzir ou incentivar um raciocínio espaço-temporal, imbricado em fenômenos naturais e históricos. Além do espaço e do tempo, as Ciências Humanas também trabalham com a categoria básica movimento (BRASIL, 2018).

Desenvolvem, sobremaneira, a valorização de uma “[...] crítica sistemática à ação humana, às relações sociais e de poder e, especialmente, à produção de conhecimentos e saberes, frutos de diferentes circunstâncias históricas e espaços geográficos” (BRASIL, 2018, p. 353) Assim como, incentivam uma formação ética; a valorização de direitos humanos; o respeito ao ambiente e à própria coletividade; os valores sociais, como a solidariedade, a participação e o protagonismo; e a diminuição das desigualdades, visando o bem-estar social e comum.

Por fim, a área de Ensino Religioso intenciona a promoção de aprendizagem sobre conhecimentos religiosos, culturais e estéticos, diversificados em nosso país, desenvolvendo a compreensão sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, com foco na promoção e na proteção de direitos humanos. Sobre essa perspectiva, incentiva o diálogo inter-religioso e o respeito entre as concepções religiosas e o pluralismo existente. Por fim, um incentivo ao desenvolvimento de sentidos pessoais e escolhas, tomando como base princípios éticos, valores e o próprio ideal de cidadania (BRASIL, 2018).

Observamos que as cinco áreas de conhecimento são bem interessantes, a partir de tudo o que foi apresentado nesta subseção, no entanto, ainda precisamos explorar um

pouco mais, as competências de cada área, a fim de que possamos relacioná-las – em termos de prática pedagógica que se utiliza da contação de história e da técnica de origami – objeto deste estudo.

## **AS COMPETÊNCIAS DA BNCC PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

A BNCC destaca em seu texto, sobretudo, como fundamento pedagógico, o foco no desenvolvimento de competências. Esse conceito de competência está estritamente relacionado com a visão de habilidade, assim como de capacidade, de expectativa de aprendizagem ou ao que os alunos devem aprender. Essa concepção é fruto de um contexto histórico trazido em algumas décadas do século XX e já do XXI, nas construções dos currículos municipais e estaduais do Brasil, influenciados pelos cenários internacionais e instituições como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (BRASIL, 2018).

Ainda sobre essa visão de competência, a BNCC enfatiza que é o que os alunos devem “saber” e “saber fazer”, englobando conhecimentos, habilidades, atitudes e valores no primeiro aspecto e a utilização de tudo isso em prol da resolução de problemas ou demandas cotidianas, visando o exercício da cidadania e a atuação protagonista no mundo do trabalho – compondo o segundo aspecto. Ademais, o compromisso maior dessa proposta pedagógica seria o de uma educação integral, voltada à formação e ao desenvolvimento humano global (BRASIL, 2018).

No documento da BNCC, as competências para o Ensino Fundamental são apresentadas de forma separada, em cada área de conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências da

Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso. Por serem numerosas, sendo entre seis e oito competências para cada área, vamos apresentar, na seção seguinte – em formato de citação direta –, já explorando cada bloco com as suas devidas possibilidades de desenvolvimento com o origami.

## **POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO PEDAGÓGICA DO ORIGAMI NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Como dito anteriormente, apresentaremos em bloco as competências de cada área e vamos destacando algumas possibilidades de prática pedagógica com o origami e a utilização específica da contação de histórias, quando lhe convier.

Para a área de Linguagens, temos as competências a seguir:

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do

mundo contemporâneo.

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (BRASIL, 2018, p. 65)

Diante dessas competências apresentadas, podemos vislumbrar um desenvolvimento mais elaborado com o origami nessa área de conhecimento, pela própria essência das linguagens estarem ligadas à contação de histórias, como técnica principal a ser desenvolvida.

Thiessen (1997) apresenta a história, tanto a conhecida quanto a inventada, como elemento de desenvolvimento para a fase da infância. Destaca também, o poder das histórias em auxílio de descobertas de ambientes, objetos e sentimentos ainda a conhecer. Da mesma maneira, enfatiza a importância do desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da imaginação no processo de ensino-aprendizagem que a contação de histórias proporciona.

Ao observarmos o que sugere cada competência da área da Linguagens, inferimos que a contação de histórias, utilizando o origami se encaixa muito bem em todas elas, até na sexta e última quando aborda as tecnologias digitais.

Essas competências podem ser contempladas desde o momento da escolha da história – antiga ou elaborada para o momento –, da elaboração das personagens com a riqueza de

detalhes nas vivências que contemplem seus aspectos biopsicossociais, culturais e espirituais, com enredos que promovam discussões nas dimensões históricas, políticas, sociais e culturais, com ênfase no respeito aos direitos humanos.

Pensando também, durante esse processo de criação inicial, todos os aspectos da área de Linguagens envolvidos no roteiro a seguir, nas falas, nos conhecimentos que cada momento da história poderá contemplar pós contação, os recontos, entre outros. Por exemplo, pode-se propor, em outros momentos, que os próprios alunos participem da construção de histórias, desde o processo inicial, com a mediação do professor em todas as etapas.

Depois de toda essa elaboração inicial, de um planejamento essencial em torno da contação de história, vamos pensar especificamente no recurso técnico origami. A escolha dos materiais a serem utilizados para os cenários, as cores, os papéis específicos para se atingir esse fim, como serão as personagens, a execução da técnica e, por fim, a atuação final na história.

Diante dessa proposta, todas as etapas do processo ainda podem ser registradas via tecnologias digitais e transformar-se em vídeos tutoriais de construção de contação de história, de aplicação da técnica e de como fazer as dobraduras, além da finalização com a própria contação em si. Esses diversos vídeos podem ser utilizados posteriormente, sempre que necessários, alcançando outras escolas e crianças, abrangendo de forma local, regional, nacional e internacional, por meio da divulgação pelas mídias sociais vigentes.

Observamos, por fim, que esses recursos, em conjunto, são grandes ferramentas que podem desenvolver as competências previstas para a área de Linguagens.

Para a área de Matemática, temos a seguir:

1. Reconhecer que a Matemática é uma ciência humana, fruto das necessidades e preocupações de diferentes culturas, em diferentes momentos históricos, e é uma ciência viva, que contribui para solucionar problemas científicos e tecnológicos e para alicerçar descobertas e construções, inclusive com impactos no mundo do trabalho.
2. Desenvolver o raciocínio lógico, o espírito de investigação e a capacidade de produzir argumentos convincentes, recorrendo aos conhecimentos matemáticos para compreender e atuar no mundo.
3. Compreender as relações entre conceitos e procedimentos dos diferentes campos da Matemática (Aritmética, Álgebra, Geometria, Estatística e Probabilidade) e de outras áreas do conhecimento, sentindo segurança quanto à própria capacidade de construir e aplicar conhecimentos matemáticos, desenvolvendo a autoestima e a perseverança na busca de soluções.
4. Fazer observações sistemáticas de aspectos quantitativos e qualitativos presentes nas práticas sociais e culturais, de modo a investigar, organizar, representar e comunicar informações relevantes, para interpretá-las e avaliá-las crítica e eticamente, produzindo argumentos convincentes.
5. Utilizar processos e ferramentas matemáticas, inclusive tecnologias digitais disponíveis, para modelar e resolver problemas cotidianos, sociais e de outras áreas de conhecimento, validando estratégias e resultados.
6. Enfrentar situações-problema em múltiplos contextos, incluindo-se situações imaginadas, não diretamente relacionadas com o aspecto prático-utilitário, expressar suas respostas e sintetizar conclusões, utilizando diferentes registros e linguagens (gráficos, tabelas, esquemas, além de texto escrito na língua materna e outras linguagens para descrever algoritmos, como fluxogramas, e dados).
7. Desenvolver e/ou discutir projetos que abordem, sobretudo, questões de urgência social, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários, valorizando a diversidade de opiniões de indivíduos e de grupos sociais, sem preconceitos de qualquer natureza.

8. Interagir com seus pares de forma cooperativa, trabalhando coletivamente no planejamento e desenvolvimento de pesquisas para responder a questionamentos e na busca de soluções para problemas, de modo a identificar aspectos consensuais ou não na discussão de uma determinada questão, respeitando o modo de pensar dos colegas e aprendendo com eles. (BRASIL, 2018, p. 267)

Diante dessas competências apresentadas, podemos inferir que o origami também pode ser utilizado para fomentar alguns conceitos da Matemática, principalmente, relativos à geometria, conhecimento das formas, quando do manuseio com os papéis e a transformação destes em objetos, formas, personagens, entre outras coisas propostas para o momento da aula (OLIVEIRA, 2004).

A memorização dos passos e o raciocínio lógico também podem ser desenvolvidos com essa técnica, pois a criança vai sendo forçada a memorizar algumas etapas e a pensar na consequência desses passos da dobradura para a formação da forma final almejada (OLIVEIRA, 2004).

No momento em que estamos trabalhando a Matemática com a dobradura dos papéis, estamos fazendo a ressignificação dessa ciência em nossas vidas, desenvolvendo o conceito e a motivação por essa área. Assim, a criança consegue compreender que em tudo está a Matemática, basta que olhemos com atenção para tudo o que existe.

A contação de história junto com o origami podem ser recursos utilizados como ferramentas geradoras de problemas matemáticos, para que as crianças possam inferir soluções nessa área de conhecimento, desenvolvendo assim, a abstração necessária para os conhecimentos da Matemática.

Por fim, observamos que a utilização da contação de história e do origami, quando não diretamente, podem ser utilizados como meio indireto de conexão para o desenvolvimento

de conhecimentos da área da Matemática.

Para a área de Ciências da Natureza, temos a seguir:

1. Compreender as Ciências da Natureza como empreendimento humano, e o conhecimento científico como provisório, cultural e histórico.
2. Compreender conceitos fundamentais e estruturas explicativas das Ciências da Natureza, bem como dominar processos, práticas e procedimentos da investigação científica, de modo a sentir segurança no debate de questões científicas, tecnológicas, socioambientais e do mundo do trabalho, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
3. Analisar, compreender e explicar características, fenômenos e processos relativos ao mundo natural, social e tecnológico (incluindo o digital), como também as relações que se estabelecem entre eles, exercitando a curiosidade para fazer perguntas, buscar respostas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das Ciências da Natureza.
4. Avaliar aplicações e implicações políticas, socioambientais e culturais da ciência e de suas tecnologias para propor alternativas aos desafios do mundo contemporâneo, incluindo aqueles relativos ao mundo do trabalho.
5. Construir argumentos com base em dados, evidências e informações confiáveis e negociar e defender ideias e pontos de vista que promovam a consciência socioambiental e o respeito a si próprio e ao outro, acolhendo e valorizando a diversidade de indivíduos e de grupos sociais, sempre conceitos de qualquer natureza.
6. Utilizar diferentes linguagens e tecnologias digitais de informação e comunicação para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas das Ciências da Natureza de forma crítica, significativa, reflexiva e ética.
7. Conhecer, apreciar e cuidar de si, do seu corpo e bem-estar, compreendendo-se na diversidade humana, fazendo-se respeitar



e respeitando o outro, recorrendo aos conhecimentos das Ciências da Natureza e às suas tecnologias.

8. Agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, recorrendo aos conhecimentos das Ciências da Natureza para tomar decisões frente a questões científico-tecnológicas e socioambientais e a respeito da saúde individual e coletiva, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, 2018, p. 324)

Diante dessas competências apresentadas, podemos inferir que a contação de história e o origami podem auxiliar na compreensão de alguns aspectos das Ciências Naturais, agindo de forma mais direta ou indireta, quando pensarmos, sobretudo em:

a) Elaborar histórias e personagens com enredos que resaltem os debates, os conhecimentos e as reflexões apresentadas pelas Ciências Naturais;

b) Utilizar-se dessas técnicas para desenvolver conhecimentos frente às questões científicas e socioambientais, principalmente, relativas à saúde individual e coletiva.

A própria questão relacionada ao cuidado ambiental em torno da utilização de papéis reciclados, promovendo reflexões e atitudes presentes e futuras de cuidado ao nosso planeta, agindo e fomentando o protagonismo infantil nesse processo.

Para a área de Ciências Humanas, temos a seguir:

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.

2. Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.

3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.
4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
5. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.
6. Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
7. Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão. (BRASIL, 2018, p. 357)

Diante dessas competências apresentadas, podemos inferir que todas as observações das outras áreas também se encaixam nas Ciências Humanas, que podem utilizar a contação de história e o origami como recurso pedagógico.

Nessa área, os destaques ficam por conta do capricho nas elaborações das histórias e contextos para trabalhar cada aspecto dos conhecimentos das disciplinas envolvidas. Assim como nas outras áreas de conhecimento, a riqueza de detalhes e as aproximações com as disciplinas trarão a motivação para as crianças e a significância de cada conteúdo.

O foco é enfatizar sempre as relações com seus aspectos biopsicossociais, culturais e espirituais, com enredos que promovam discussões nas dimensões históricas, políticas, sociais e culturais, com ênfase no respeito aos direitos humanos e à cidadania.

Para a área de Ensino Religioso, temos a seguintes competências:

1. Conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos.
2. Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios.
3. Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida.
4. Conviver com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver.
5. Analisar as relações entre as tradições religiosas e os campos da cultura, da política, da economia, da saúde, da ciência, da tecnologia e do meio ambiente.
6. Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz. (BRASIL, 2018, p. 437)

Diante dessas competências apresentadas, podemos relacioná-las também, com a contação de histórias e com o origami, transformando-os em recursos de muitas reflexões acerca dos conhecimentos desenvolvidos pelo Ensino Religioso.

Utilizar-se de elaborações de histórias e personagens diversos, em suas várias crenças e com suas especificidades podem auxiliar no desenvolvimento do respeito às várias religiões, sentimentos de tolerância e aceitação do outro. A contação de histórias e o origami podem ampliar a visão de mun-

do das crianças sobre vários aspectos relacionados a essa área de conhecimento, podendo desenvolvê-la de forma direta ou indireta, quando traz problematizações para debater, explicar e vivenciar esses conhecimentos.

Igualmente às outras áreas de conhecimento, essa área também se beneficia da utilização desses recursos pedagógicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo demonstrou que a contação de histórias e o origami são recursos pedagógicos muito importantes, como escolha da mediação docente, para atingir alguns fins previstos nas competências das áreas de conhecimento da BNCC para o Ensino Fundamental.

Outra inferência foi a certeza e a necessidade acerca de um planejamento bem feito e eficiente durante as suas utilizações como técnicas de ensino e recursos de aprendizagem, firmando, desse modo, um compromisso de pensar muito em todas as etapas, desde a elaboração da história, roteiros, personagens, cenários e contextos sob a orientação das competências a serem atingidas pelas crianças.

Nesse contexto, há uma responsabilização maior do professor, no intuito de manter a qualidade dos processos de ensino e aprendizagem com toda a aplicação dessa técnica, evitando improvisos quando de sua aplicação. Além do que, há toda uma preparação material e tecnológica também envolvida, antes, durante e após contação de história com o origami.

Por fim, queremos ressaltar a riqueza e a satisfação que foi desenvolver uma edição do projeto de extensão Contação de Histórias, no âmbito das atividades do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia, do Centro de Ciências da Educação (CCE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI),

utilizando-se do origami como recurso, pois ampliou nossas percepções de uso deste e da aplicação na prática pedagógica em sala de aula com crianças, seja da Educação Infantil, seja do Ensino Fundamental.

O desenvolvimento do Projeto, com este foco dado por nossa equipe, para a contação de histórias e o origami, promoveu também, a percepção necessária para o desenvolvimento deste capítulo, intencionando registrar essa experiência como válida e plausível para execução futura no contexto de ensino da Educação Básica, por qualquer professor que se disponha a esse compromisso.

Enfim, consideramos de muita valia e aplicação da proposta realizada neste estudo, desde a implementação do Projeto de Contação de Histórias pelo PET, até aqui, na culminância com a escrita deste capítulo. Esperamos que outros professores do Ensino Fundamental possam se motivar pela proposta e executá-la em suas salas de aula.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília: MEC; SEF, 1997.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. **Diário Oficial da União**, Brasília, 15 de dezembro de 2010, Seção 1, p. 34. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007\\_10.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf). Acesso em: 23

mar. 2022.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013.

BRASIL. **Lei Federal 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 25 jun. 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm). Acesso em: 17 fev. 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

GOMES, Adriano Lopes. **A voz que vem de longe: o contador de histórias na formação do leitor**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2003.

MASCARENHAS, Maria José Almeida. Origami: encanto e aprendizagem na Educação Infantil. *In: ENCONTRO INTEGRADO DE PESQUISA E FORMAÇÃO (ENIPEF), III.; ENCONTRO DO NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE FORMAÇÃO, AVALIAÇÃO, GESTÃO E CURRÍCULO (ENPENUFAGEC), IV.*, Edição *on-line*. **Anais...** Teresina, 2021.

OLIVEIRA, Fátima Ferreira de. **Origami: Matemática e Sentimento**. Slides [Material didático ou instrucional]. p. 01-30, 2004. Disponível em: [https://www2.ibb.unesp.br/Museu\\_Escola/Ensino\\_Fundamental/Origami/Artigos/apresentacao\\_geometria.pdf](https://www2.ibb.unesp.br/Museu_Escola/Ensino_Fundamental/Origami/Artigos/apresentacao_geometria.pdf). Acesso em: 08 mar. 2022.

PEREIRA, Evelyn Marcos Gomes. **Origami na coordenação motora de crianças do 1º segmento do 1º grau**. 2008. 44 f.

Monografia (Especialização em Arteterapia em Educação e Saúde) - Instituto A Vez do Mestre. Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2008.

ROSSI, Dorival Campos; TEIXEIRA, Samanta Aline. Origami científico: a linguagem das dobraduras no *design* contemporâneo. **Revista FAAC**, Bauru, v. 2, n. 2, p. 165-178, out., 2012/ mar., 2013.

SILVA, Jose Almeida da *et al.* O origami como um estímulo a criatividade das crianças das séries iniciais. *In: X JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (JEPEX)*, X., Recife. **Anais...** Recife: UFRPE, 2010. p. 01-03. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2010/Arte/artigos/origami\\_criativid.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Arte/artigos/origami_criativid.pdf). Acesso em: 08 mar. 2022.

THIESSEN, Maria Lúcia. **Uma nova experiência na Pastoral da Criança**. Curitiba: CNBB, 1997.





# A CANTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE CONTAR HISTÓRIAS: MUSICALIDADE E APRENDIZAGEM LÚDICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Francisca Marília Silva Mendes*  
*Geisa Cavalcante Castelo Branco*  
*Letícia Danielle Assunção Moraes*  
*Ronni Cássio da Silva Araújo*  
*Hilda Mara Lopes Araújo*  
*Ronaldo Albano Matos*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A proposta apresentada neste capítulo origina-se do projeto de extensão: “Uma viagem ao mundo do faz de conta: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil”, desenvolvido pelo Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI). O referido Projeto tem como objetivo reconhecer a contação de histórias como ferramenta para estimular a criança ao gosto pela leitura, aliando ações socioeducativas e lúdicas que serão realizadas em espaços escolares e não escolares. Além disso, busca formar um leitor crítico e despertar o desenvolvimento comunicativo e expressivo da criança através da contação.

Por meio das experiências vividas a partir dessa proposta formativa, o presente estudo busca relatar como esse projeto

ocorreu usando a técnica cantação de histórias. Somando-se a isso, visa mostrar, na prática, como ele abrange a contação de história, a importância de desenvolver o hábito de contar histórias em sala de aula para o aprendizado e o desenvolvimento dos alunos e também estimular o gosto pela leitura e o interesse pelas obras literárias.

Sendo assim, o PET/Pedagogia-UFPI, comprometido com três vertentes principais da formação, ensino, pesquisa e extensão, visa o aprimoramento do estudante de graduação presencial no ambiente universitário. No PET, o graduando recebe orientação acadêmica de professores-tutores e, juntos, desenvolvem trabalhos científicos para aliar teoria e prática na formação inicial dos estudantes de graduação, bem como interagir com a comunidade externa.

A técnica da cantação tem um papel de auxiliar, tornar mais dinâmica e lúdica o momento de contar histórias para as crianças, de uma forma musicalizada. Essa adaptação, proporciona a ampliação dos benefícios para o desenvolvimento da criança, além das contribuições que a contação oferece de expandir as possibilidades a partir do uso da cantação que auxilia no psíquico, no socioemocional e na concentração dos pequenos. Também, as histórias cantadas ativam a função das linguagens artísticas, contribuindo para o desenvolvimento da oralidade, para as experiências de convivência social e para a ampliação da criticidade, destacando a metodologia atrativa que alegra muito as crianças.

Assim, a cantação trabalha temas relevantes para a criança, como, por exemplo, o meio ambiente, propiciando a consciência e o respeito pelo meio em que vivem. Além disso, instrui os pequenos, a respeito da importância de preservar, cuidar, envolvendo práticas cotidianas, atitudes, comportamentos que impactam diretamente na relação ser humano e natureza. Assim, possibilita o contato com experiências e

práticas com a natureza e, conseqüentemente, as crianças terão um olhar mais sensível para essa questão fundamental na sustentação da vida no planeta. Atividades dessa natureza, objetivam desenvolver, junto às crianças, comportamentos e ações que preservem e modifiquem atitudes em relação ao meio e, fora do ambiente escolar, elas possam ensinar aos demais, criando assim, uma cultura de preservação da vida ambiental.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo caracteriza-se como de abordagem qualitativa, quanto ao seu percurso teórico metodológico. Esse procedimento, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 70) pode “descrever a complexidade de determinado fenômeno, problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”.

Conforme referido, a presente pesquisa resultou de um projeto de extensão vinculado ao PET/Pedagogia-UFPI. A proposta foi desenvolvida através das plataformas digitais (*Google Meet, WhatsApp, Youtube*), as quais possibilitaram que o processo de contação de histórias fosse realizado com aulas teóricas, a fim de embasar sua importância na Educação Infantil; em seguida, divisões de grupos, a partir das técnicas utilizadas; e, para finalizar, ocorreu uma culminância em que todos apresentaram histórias infantis, utilizando os conhecimentos absorvidos durante todo o curso.

Utilizou-se, neste trabalho, alguns autores para fundamentá-lo, a exemplo de Mateus *et al.* (2013), Meireles (1979) e Silva (2013) para embasar sobre a importância da contação de histórias no desenvolvimento do hábito de leitura; Mársico (1982), Reys (2013) e Silva (2013) e para apoiar a reflexão sobre a cantação como técnica para contar histórias; e Souza *et*

*al.* (2011) para referenciar o cuidado com o meio ambiente e o ensino dentro da sala de aula.

Ademais, este estudo utilizou-se de experiências vividas por professoras da rede pública e estudantes da graduação acerca da cantação como técnica para contar histórias, ressaltando as possibilidades que a música oferece aos pequenos da Educação Infantil. Além disso, contribuiu para a formação dos petianos, que ficaram responsáveis pela organização do Projeto e à frente de cada grupo, juntamente com os professores orientadores.

## **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O DESENVOLVIMENTO DO HÁBITO DE LEITURA**

A todo momento da história vimos a prática da contação de história, sendo um costume bem antigo, que veio se transformando ao longo do tempo. Atualmente, é evidente que há muitos estudos e pesquisas relacionadas à contação de história, com isso, a cada nova descoberta e benefícios, as pessoas são movidas a usá-la no dia a dia, tendo em vista seus atributos. Na educação, a contação ganha credibilidade como um auxílio no desenvolvimento infantil, além de ganhar destaque por sua contribuição para o desenvolvimento de capacidades e hábitos de leitura nas crianças e assim, desde cedo, a criação de futuros leitores.

A formação de leitores foi sendo ressignificada por diversos educadores, pois foi percebida a fragilidade que a literatura se encontrava, dado que uma grande parcela de crianças, jovens e os futuros adultos não tinham ou usavam esse hábito literário de ler um livro, mas somente uma pequena parte tinha esse costume. Dessa forma, a contação de história e o contato com o livro nas escolas auxiliam no crescimento desse percentual de cidadãos que ainda não utilizam a lite-

ratura no seu cotidiano. Segundo Mateus *et al.* (2013, p. 55), a contação de história “instiga a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, contribui na formação da personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo”, logo ela garante múltiplas vantagens para os alunos.

Considera-se ainda, o fato de que a contação de histórias para as crianças está sendo desestimulada cada dia mais, pois o avanço da tecnologia tem contribuído para o distanciamento e o contato direto com os livros, seja pelo fato de que muitos pais não possuem o hábito da leitura, por motivos diversos, ou ainda, por terem uma vida corrida por conta do trabalho e assim não estimulam seus filhos também a desfrutarem da leitura como uma importante ferramenta no cotidiano, trazendo uma perda no impulso da formação de futuros leitores. Dessa forma, a escola se torna a única responsável por propiciar esse contato direto com os livros e o ambiente da leitura, sabendo que a contação vai auxiliar no progresso da criança, pois quando uma história é bem contada, aumenta as chances de desenvolvimento de um vocabulário mais rico, contribuindo para que os pequeninos desenvolvam a capacidade de articular melhor suas ideias.

Conforme Meireles (1979, p. 42), “o gosto de ouvir é como o gosto de ler, para quem gosta de ouvir histórias provavelmente gostará de lê-las”. Diante disso, a escola como um espaço de procedência na educação e na diversificação do ensino, propõe uma variedade de experiências através da contação de histórias, com a finalidade de estimular as crianças a ampliarem seus conhecimentos, aproximando-as da leitura e assimilando as vivências da sua rotina. Ademais, têm o papel de trazer a contação como um meio facilitador de conhecimentos e entendimento do que está sendo ensinado em sala de aula, ampliando o contato direto dos próprios alunos com o professor e os colegas, podendo ter troca de pensamentos,

interatividade, expressões e sentimentos. Desse modo, essa experiência possibilita a aquisição de habilidades para agir socialmente, além de facilitar o processo de ensino e aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo.

Somando-se a isso, a contação de histórias é um componente importante no processo de estímulo da criança na linguagem e no conhecimento dos termos utilizados no ambiente em que vive, pois com o uso da voz alta nessas narrativas, os pequeninos vão sendo incentivados a trabalhar a psique e o desenvolvimento linguístico na comunicação, através daquelas palavras ouvidas. Além disso, a criança também pode contar essas histórias em sala de aula para seus colegas, trazendo reflexões, possibilidades de expressão e posições de seus pontos de vista.

A contação de história e a leitura são meios de mediar conhecimentos. Dessa forma, é necessário enfatizar a relevância do envolvimento das crianças com obras diversificadas e com diferentes gêneros e repertório literários, pois promove aprendizagens variadas e múltiplas, ampliando a capacidade da criança de interagir em diversos meios e com pessoas. Então, com essas ações educativas as crianças criam um conjunto de experiências e pensamentos que são construídos a partir da leitura e da contação de história. Na educação, o contato com os livros e a participação em momentos de leitura é muito importante por ser possível observar o quanto o ler forma um ser humano que realmente possui afinidade com esse hábito, o qual deve fazer parte do cotidiano, não como obrigatoriedade e necessidade, mas como uma prática prazerosa e de lazer, de forma lúdica.

## A CANTAÇÃO COMO TÉCNICA PARA CONTAR HISTÓRIAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A cantação ainda é pouco discutida pelos pesquisadores e especialistas em educação e linguagem, embora ela seja um método que pode ser usado em sala de aula para contar histórias. A cantação de história é importante pois abrange duas formas de metodologias em uma só e, essa junção traz possibilidades mais amplas e significativas para a ação educativa de proporcionar a ludicidade, junto com a percepção sonora musical. De acordo com Reys (2013, p. 69), “as histórias sonorizadas representam ainda um meio de articular as linguagens artísticas em uma proposta curricular integrada”. Então, além de contribuir para a educação da criança, a cantação de histórias desperta a função artística musical na criança.

A técnica utilizada pelo professor ou mediador da cantação de histórias é um aspecto muito importante, pois sua voz, dicção e tom utilizado são fatores importantes para as crianças entenderem a história cantada. Sabe-se que cada história requer diferentes habilidades que os docentes precisam ficar atentos, como, por exemplo, as articulações verbais e não verbais. Isso contribui para que as crianças compreendam melhor as narrativas e também, compreendam o que está sendo falado e não levar ao desinteresse e a desistência de acompanhar a história.

A cantação, como uma técnica para contar histórias, auxilia no entendimento da criança sobre as histórias de forma lúdica, na socialização, na capacidade de expressão e de percepção dos tipos de barulhos sonoros. A música quando é cantada para a criança, chama sua atenção, desperta o interesse e motiva a participar da história. Desse modo, é uma técnica bastante rica para a ampliação das relações interpes-

soais entre os pequenos e o meio social.

Segundo Silva (2013, p. 10), “a música é um instrumento indispensável no processo de ensino aprendizagem na Educação Infantil e cabe à escola desenvolver um trabalho voltado para este aspecto”. Dessa forma, a música é uma importante metodologia para a mediação de ensino-aprendizagem das crianças, pois torna o ambiente escolar mais alegre, diversificado, fazendo com que a criança se envolva por completo e estimule na aprendizagem. Além disso, a escola tem um papel importante de estimulação de aprendizagens múltiplas, podendo oferecer materiais que facilitem o ensino em sala de aula.

Sabe-se que a música vem de tempos antigos e tem um significado bastante relevante na vida do ser humano, por apresentar variadas formas de envolvimento, ganhando assim, espaços que auxiliam no progresso em sala de aula ou outros ambientes em que circula. Diante disso, é possível observar o quanto ela pode passar diferentes emoções, entendimentos e experiências, não somente pelo uso da voz, mas também, pelo uso de instrumentos musicais que possibilitam que o ensino seja mais lúdico e de fácil compreensão.

Com isso, o uso da música na Educação Infantil fortalece a psique da criança e ajuda na concentração. Os sons trazem possibilidades desde muito cedo às crianças, pois antes do nascimento elas já podem ter tido contato com essa experiência. A música tem a capacidade de acalmar e divertir os pequeninos. Ademais, promove o entendimento de que a musicalidade é essencial, incentivando comportamentos e ações em volta do processo de ensino e aprendizagem.

Em concordância, Mársico (1982, p. 148) assevera que uma das “tarefas primordiais da escola é assegurar a igualdade de chances, para que toda criança possa ter acesso a música e possa educar-se musicalmente, qualquer que seja



o ambiente sociocultural de que provenha”. Diante disso, entende-se que o ambiente escolar tem o papel de mostrar essas possibilidades que o contato com a música oferece aos alunos, sobretudo na Educação Infantil.

Outrossim, a canção como uma atividade estimuladora do conhecimento, propicia aos alunos desfrutar de entendimentos trazidos a partir de sua cultura e que, portanto, precisam ser considerados pelos professores, sendo um incentivo de aceitação daquilo que a criança já conhece, visto que, se o professor não considerar ou for ausente quanto ao que a criança traz, ele pode desestimular na educação com a música. Dessa forma, atividades pedagógicas mediadas pela música auxiliam na comunicação com os colegas, no aprendizado das sílabas cantadas, no desenvolvimento da fala e, conseqüentemente, facilitam a alfabetização da criança.

Portanto, a canção como técnica para contar histórias proporciona o desenvolvimento socioemocional, de forma natural, trazendo uma série de resultados positivos para a socialização e a aprendizagem infantil. Também auxilia no processo da coordenação motora fina e equilíbrio, pois o professor pode trabalhar essa técnica com pulos, palmas, coreografias e instrumentos. Além disso, amplia o vocabulário, a dicção e, até mesmo, o ensino de outros idiomas.

### **O MEIO AMBIENTE E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UMA POSSIBILIDADE DE ARTICULAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA**

A relação entre o meio ambiente e a contação de histórias na Educação Infantil constitui uma abordagem significativa para promover a conscientização ecológica desde os primeiros anos de vida. Considerando que as crianças estão em constante contato com novos conhecimentos e experiências, é essencial

aproveitar essa fase para introduzir o tema dos cuidados com a natureza, de maneira lúdica e envolvente. Nesse contexto, a contação de histórias emerge como uma ferramenta pedagógica poderosa, capaz de transmitir valores e responsabilidades ambientais de forma acessível e atrativa para os pequenos. Partindo disso, nesta seção, exploramos a importância de se trabalhar, com as crianças, a educação ambiental. Além disso, exploramos a contação de história com o exemplo da história “Mamãe Natureza”, que, a partir da técnica cantação de história permite que os educadores não só ensinem sobre os elementos essenciais da natureza, mas também, cultivem uma consciência ecológica desde cedo, preparando as crianças para serem agentes ativos na proteção do meio ambiente.

Na Educação Infantil as crianças passam a ter contato com um mundo de aprendizagens novas. Diante disso, um tema bastante relevante para se trabalhar em sala de aula é o cuidado com a natureza. Somando-se a isso, a contação de histórias, por ser uma ferramenta rica para o ensino e aprendizagem das crianças, pode trazer consigo ensino de valores e de responsabilidades sobre como cuidar do meio ambiente, de maneira lúdica e consciente.

Sabe-se que trabalhar o meio ambiente não é só o espaço da natureza em si, mas o contexto social, de maneira geral, incluindo todos os elementos construídos, pois em todos os lugares que os seres humanos habitam, fazem modificações no ambiente. No entanto, é necessário saber utilizar esse meio, como um lugar que deve ser bem cuidado, a fim de que seja possível fazer um bom uso de seus diversos recursos, sem prejudicá-lo. Essa tarefa, é claro, requer esforço, dedicação e, principalmente, conhecimento para que esse cuidado aconteça.

Pode-se iniciar esse conhecimento sobre a educação ambiental na escola com o desenvolvimento de atividades que levem as crianças a refletir sobre o meio ambiente e o seu uso

adequado e cuidados necessários para manter uma relação saudável entre o homem e a natureza, com o propósito de conscientizar as crianças sobre a necessária relação de bem-estar com o meio em que vivem.

Essa atividade de contação requer diversos envolvimento, desde a atuação da escola até a maneira de agir dos professores, a fim de contribuir para o aprendizado dos alunos sobre a educação ambiental. A contação de histórias propicia o envolvimento das crianças com abordagens a respeito do meio ambiente, possibilitando que elas tenham posicionamentos, atitudes, reflexões, pensamentos e conversem entre si, sobre estas questões, que vão além de concepções sobre a resolução da problemática, mas que integram os pensamentos e os valores das crianças, que podem modificar suas ações e servir de exemplo para outras pessoas.

Dessa forma, o professor tem nas mãos o papel transformador na vida das crianças e, conseqüentemente, auxiliar e ensinar a eles os grandes benefícios e a importância de falar sobre a educação ambiental, pois essa é uma questão necessária para a transformação da sociedade. Desde muito novos, é fundamental que as crianças entendam o compromisso que têm com o mundo humanizado e com sua história, podendo exercer sua criticidade em relação à qualidade ambiental do espaço em que estão inseridas.

Com o ensinamento em sala de aula sobre meio ambiente, os alunos, ao se depararem com situações no cotidiano, poderão se posicionar e intervir com um pensamento mais crítico e por meio de ações que ajudem nas mudanças de atitudes das pessoas. E para que esse conhecimento não seja somente teórico, são necessárias práticas que intervenham no aprendizado concreto das crianças em relação às questões socioambientais, havendo uma participação ativa dos alunos como grandes intermediários na sociedade.

É preciso demonstrar significado para as crianças do saber pensar sobre o mundo natural. De acordo com Medeiros *et al.* (2011, p. 06), “a educação ambiental na infância desperta na criança a consciência de preservação e de cidadania. A criança passa a entender, desde cedo, que precisa cuidar, preservar e que o futuro depende do equilíbrio entre homem e natureza e do uso racional dos recursos naturais”.

Desse modo, entende-se a relevância de incluir no currículo das escolas de Educação Infantil o ensino sobre meio ambiente, pois é notório que é uma das formas de conscientizar e de preservar, desde cedo, o cuidado com a natureza e, conseqüentemente, o cuidado com os seres humanos. Além disso, é importante o professor desenvolver atividades que utilizem materiais recicláveis, pois auxilia os alunos a terem contato e informações sobre aquele material utilizado, conhecendo seus benefícios e malefícios, quando utilizados de maneira irregular no meio ambiente, destacando ainda, a importância dos devidos conhecimentos para a atuação cidadã na preservação do meio ambiente e uso de modo conveniente como agentes protetores.

### **A HISTÓRIA “MAMÃE NATUREZA”: UMA EXEMPLIFICAÇÃO SOBRE CUIDADOS COM O MEIO AMBIENTE E O ENSINO EM SALA DE AULA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

A história “Mamãe natureza” está disponível no canal no *YouTube* chamado Varal de Histórias<sup>1</sup> e tem como objetivo mostrar às crianças, de um jeito lúdico, a criação do sol, do ar, da água e da terra. Esse recurso foi apresentado pelo grupo responsável pela técnica cantação de história, do Projeto

---

1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vvEhVTPIPY>. Acesso em: 22 set. 2022.

citado anteriormente, composto pelas universitárias Letícia e Glaucielle, com a ajuda da professora Rosângela.

Além de falar sobre a criação dos elementos da natureza, a presente história visa ressaltar a importância de cada um para o planeta terra, são elementos básicos para a existência e desenvolvimento das pessoas. Dessa forma, para auxiliar os pequenos em relação ao contato maior com a natureza e entenderem o quão importante é ter esse cuidado, pode-se desenvolver projetos na escola que estimulem esse cuidado com o meio ambiente.

Diante disso, “Mamãe natureza” é uma história que possibilita aos professores se aprofundarem na temática, podendo ensinar e perguntar como cuidar do meio ambiente. Somando-se a isso, é ainda mais notório nos dias atuais, a necessidade desses ensinamentos, os quais possibilitam que as crianças, além de aprender, também transfiram aos pais essa conscientização, como uma reeducação da família para os cuidados com a natureza e o entendimento do quanto o meio ambiente é importante na vida dos seres humanos.

Além disso, pode-se destacar a importância da educação ambiental na compreensão das crianças sobre a preservação do meio ambiente, pois através dessas abordagens em sala de aula, enfatiza-se o pensamento crítico sobre as complicações que a poluição pode trazer para o ser humano e a natureza. Com isso, a história “Mamãe natureza” visa ensinar o cuidado com o ambiente e a pensar na sociedade de forma geral, para que assim, todos possam estar seguros, evitando problemas ambientais, além de viver em um lugar aconchegante e limpo.

É perceptível a relação que a criança tem com a natureza, incluindo o céu, o sol, a lua, as estrelas, as plantas, os pássaros, os animais, entre outros. E isso encanta os pequenos, despertando a curiosidade em querer entender suas relações com esses elementos. As crianças são bem curiosas, procurando sem-

pre saber os motivos de acontecimentos normais da natureza, por isso, essa curiosidade deve ser aproveitada como recurso para a aprendizagem.

Em suma, essa história tem grande ênfase na abordagem da temática e contribui pedagogicamente, por detalhar e explicar esses aspectos que ocorrem naturalmente, de uma forma lúdica e agradável, especialmente os quatro elementos da natureza.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da reflexão desenvolvida neste estudo, é evidente a relevância da introdução da cantação na Educação Infantil, como uma rica aliada para a contação de histórias, além de ter uma grande influência na vida das crianças no seu desenvolvimento crítico e psíquico, visto que, através dessa técnica, é possível ensinar as crianças de uma forma mais divertida e agradável. Ao adotar a contação de história, os educadores têm a oportunidade de abordar uma variedade de temas, facilitando o entendimento e promovendo a aprendizagem das crianças. Dessa forma, a contação de história emerge como uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento integral das crianças.

Assim, por meio do desenvolvimento do Projeto que deu origem a este trabalho, foi possível destacar que, dentro da sala de aula, é possível utilizar a contação de histórias com a cantação para trabalhar assuntos diversos, a exemplo do cuidado com o meio ambiente. Cabe, portanto, ao professor usar a criatividade em sala de aula, criando novas possibilidades de experiências, utilizando o lúdico como auxílio na sua prática pedagógica no contexto da Educação Infantil.

## REFERÊNCIAS

MATEUS, Ana do Nascimento Biluca *et al.* A importância da contação de história como prática educativa na Educação Infantil. **Pedagogia em ação**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 54-69, 2013.

MÁRSICO, Leda Osório. **A criança e a música**: um estudo de como se processa o desenvolvimento musical da criança. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

MEDEIROS, Aurélia Barbosa de *et al.* A importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais. **Revista Faculdade de Montes Belos**, São Luís de Montes Belos (GO), v. 4, n. 1, p. 01-17, set., 2011.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

REYS, Maria Cristiane Deltregia. **Era uma vez...** Entre sons, músicas e histórias. **Música na Educação Básica**, Natal, v. 3, n. 3, p. 68-83, 2013. Disponível em: <https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/39>. Acesso em: 4 abr. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, Francisca Lima da. **A importância da música na Educação Infantil**. 2013. 62 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Centro de Educação. Universidade Federal da Paraíba, Itaporanga, 2013.





# PERFIL CIENTÍFICO DOS/AS ORGANIZADORES/AS E AUTORES/AS

## AS/OS ORGANIZADORAS/ES

### **Hilda Mara Lopes Araujo**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI)/Instituto Latinoamericano e Caribenho (IPLAC). Licenciada em Estudos Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e em Pedagogia - Magistério pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atualmente é Professora Associada II da UFPI, lotada no Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino do Centro de Ciências da Educação (DMTE/CCE). Docente do quadro permanente do Mestrado Profissional em Ensino de Física (UFPI). Foi, entre 2018 e 2019, subcoordenadora do Mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física, do Centro de Ciências da Natureza (CCN/UFPI). Foi Subcoordenadora Institucional do Programa de Consolidação das Licenciaturas (PRODOCÊNCIA), em 2007. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em formação inicial de professores, currículo e prática pedagógica. Pesquisadora e Vice-líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação, Avaliação, Gestão e Currículo (NUFAGEC), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFPI). Organizadora (em parceria), coau-

tora de livros nas áreas de Educação. É tutora do Programa de Educação Tutorial/PET, do curso de Licenciatura em Pedagogia/UFPI, desde 2012. Recebeu o Prêmio Professor Rubens Murillo Marques, pela Fundação Carlos Chagas, em 2020, pelo projeto ‘Tempo de Alfabetizar com textos: contribuições para a aprendizagem da leitura e da escrita’, vinculado ao PET-Pedagogia/UFPI.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2683252173503876>

E-mail: [lopeschildamara655@gmail.com](mailto:lopeschildamara655@gmail.com)

### **Francisco Renato Lima**

Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Letras - Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especializações diversas, envolvendo, de modo interdisciplinar, as áreas de Educação, Linguística, Cognição, Linguagens, Saúde, Tecnologias, Docência, Currículo e Ensino. Licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA) e em Letras - Português/Inglês pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo (IESM). Professor Substituto na UFPI, lotado no Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE). Professor Formador no curso de Licenciatura em Computação do Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD/UFPI). Membro da Comissão Científica da área de Alfabetização e Letramento da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). Organizador (em parceria e individual), coautor e autor de livros nas áreas de Educação e de Linguagem. Experiências como professor de Leitura e Produção de Texto na Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio) na rede pública e privada. Membro colaborador do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia - UFPI, desde 2019, ministrando cursos, palestras e coorientando atividades de pesquisa. Foi coordenador adjunto do Projeto de Extensão: ‘Escrita científica e

normalização de trabalhos acadêmicos - ABNT<sup>3</sup>, vinculado ao PET - Pedagogia/UFPI.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3152885404404790>

E-mails: [fcorenatolima@hotmail.com](mailto:fcorenatolima@hotmail.com)

### **Ronaldo Albano Matos**

Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Saúde Pública pela Faculdade Internacional de Curitiba (FACINTER). Graduado em Licenciatura Plena em Psicologia (UFPB) e Graduação em Formação em Psicologia (UFPB). Professor Adjunto da Universidade Federal do Piauí (UFPI), atuando no Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD), lotado no Curso de Pedagogia, na área de Fundamentos Psicológicos da Educação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2409498320546901>

E-mail: [ronaldoalbano@ufpi.edu.br](mailto:ronaldoalbano@ufpi.edu.br)

### **Francisca Marília Silva Mendes**

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia - UFPI. Membro do Núcleo de Estudos sobre Formação, Avaliação, Gestão e Currículo (NUFAGEC/UFPI).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8806117093086568>

E-mail: [franciscamarilia29@gmail.com](mailto:franciscamarilia29@gmail.com)

### **Armennia Vitória Araújo Santos**

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia - UFPI. Membro do Núcleo de Estudos sobre Formação, Avaliação, Gestão e Currículo (NUFAGEC/UFPI).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3383930696812971>

E-mail: [armennia25@gmail.com](mailto:armennia25@gmail.com)

### **José Renato Sales da Silva**

Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia - UFPI. Membro do Núcleo de Estudos sobre Formação, Avaliação, Gestão e Currículo (NUFAGEC/UFPI).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4979413903809592>

E-mail: [jrsales7821@gmail.com](mailto:jrsales7821@gmail.com)

## **OS AUTORES E AS AUTORAS**

### **Alexandra Alves da Costa**

Graduada em Pedagogia pela Faculdade Piauiense (FAP) e em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Especialista em Ensino da Docência no Ensino Superior pela Faculdade de Tecnologia Intensiva (FATECI). Professora da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) de Luís Correia (PI).

E-mail: [alepicianana44@hotmail.com](mailto:alepicianana44@hotmail.com)

### **Alice Alves Machado**

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Pós-graduanda em Neuropsicopedagogia Institucional pela Faculdade Focus. Egressa do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia - UFPI. Egressa do Programa de Iniciação Científica Voluntária (ICV/PROPesq - UFPI). Membro do Núcleo de Estudos sobre Formação, Avaliação, Gestão e Currículo (NUFAGEC/UFPI). Tem experiência docente na Educação Infantil.

E-mail: [alvesalvesmachado@gmail.com](mailto:alvesalvesmachado@gmail.com)

### **Antonia Tayana Clemente Viana**

Graduada em Pedagogia pela Faculdade Maurício de Nassau de Teresina (UNINASSAU). Especialista em Docência, Gestão e Supervisão Escolar pela Faculdade do Médio Parnaíba

(FAMEP). Professora com experiência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em redes públicas de ensino.

E-mail: tyanaclemente01@gmail.com

**Brenda Irene de Sousa Costa**

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

E-mail: brenda.sousahh@gmail.com

**Cláudia Maria Pinto Diniz**

Professora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) de Teresina (PI).

E-mail: cmariadiniz@hotmail.com

**Cristiane Cunha Carvalho**

Professora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) de José de Freitas (PI).

E-mail: cristiane.cunhacarvalho.@gmail.com

**Elenice Maria de Souza Ferreira**

Professora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) de Teresina (PI).

E-mail: nicesferreira13@gmail.com

**Eugenia Nogueira Barros**

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) de Luís Correia (PI).

E-mail: eugeniaphb@hotmail.com

**Fábio Soares da Costa**

Pós-doutor em Educação pela Escola de Humanidades (PP-GEdu) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande

do Sul (PUCRS). Doutor em Educação (PPGEdu/PUCRS). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Supervisão Escolar pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Licenciado em Educação Física (UFPI). Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Questões Sociais na Escola (PUCRS). Coordenador do Grupo de Estudos de Pesquisas OBCORPO - Observatório do Corpo: mídia, educação e movimento. Professor Adjunto do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE) do Centro de Ciências da Educação (CCE)/UFPI.  
E-mail: fabiocosta@ufpi.edu.br

### **Francelena dos Santos**

Graduada em Ciências Sociais e em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Educação Especial pelo Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU), em Língua Brasileira de Sinais (Libras) (UFPI) e em Neuropsicopedagogia Clínica pela Faculdade Futura (ICETEC). Atualmente é Professora da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) de Luís Correia (PI).

E-mail: francelanasantos@gmail.com

### **Francisca das Chagas Cardoso do Nascimento Santos**

Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Candido Mendes (UCAM). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Atualmente é Professora Efetiva da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) do município de Teresina (PI) e da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Piauí (SE-DUC-PI). Membro do Núcleo de Pesquisa sobre Formação e Profissionalização em Pedagogia (NUPPED/UFPI). Atuou como formadora do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Recebeu o Prêmio Professor Rubens Mu-

rillo Marques, pela Fundação Carlos Chagas (FCC), em 2020, pela participação no projeto ‘Tempo de alfabetizar com textos: contribuições para a aprendizagem da leitura e da escrita’, vinculado ao PET/Pedagogia - UFPI.

E-mail: cfranciscadaschagas@gmail.com

### **Gabriel Nunes Lopes Ferreira**

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com Doutorado Sanduíche na Université Laval (Québec/ Canadá). Mestre em Educação (UFC). Especialista em Arte-Educação para o Ensino de Música pela Faculdade Padre Dourado (FACPED). Licenciado em Música (UFC). Professor Adjunto do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE) do Centro de Ciências da Educação (CCE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor orientador do subprojeto Música do Programa Residência Pedagógica (2022-2024) da UFPI e representante do Piauí junto à Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM).

E-mail: gabrielnlf@ufpi.edu.br

### **Gabriel de Oliveira Lima**

Especialista em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional; e em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Bacharel em Direito pela Faculdade Estácio de Teresina. Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Egresso do Programa de Educação Tutorial (PET) - Pedagogia/UFPI. Egresso do Programa de Iniciação Científica Voluntária (ICV/PROPesq - UFPI). Membro do Núcleo de Estudos sobre Formação, Avaliação, Gestão e Currículo (NUFAGEC/UFPI). Premiado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPI, com menção honrosa pela apresentação de trabalho científico na área: Humanidade e Educação, no XII Seminário de Extensão e Cultura (2022).

E-mail: gabriel.o.lima24@gmail.com

**Geisa Cavalcante Castelo Branco**

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Egressa do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia - UFPI.

E-mail: geisaccastelo0507@gmail.com

**Iracema Alves de Holanda**

Professora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) de José de Freitas (PI).

E-mail: ira-holanda@hotmail.com

**Josete Craveiro de Araújo**

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) de Teresina (PI).

E-mail: p.a.josete@gmail.com

**Juliana do Nascimento Santos**

Professora da Educação Básica.

E-mail: julnsantos@gmail.com

**Keila Rejane Costa Reis Alves**

Professora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC).

E-mail: keilarejanereis@gmail.com

**Lahélia Mariano da Silva**

Professora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) de Teresina (PI).

E-mail: lahelia2009@gmail.com



### **Letícia Danielle Assunção Morais**

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Egressa do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia - UFPI. Membro do Núcleo de Estudos sobre Formação, Avaliação, Gestão e Currículo (NUFAGEC/UFPI).

E-mail: leticiadaniellemorais@gmail.com

### **Lidiana Moraes Soares**

Graduada em Pedagogia pela Faculdade Piauiense (FAP).

E-mail: lid-moraes@hotmail.com

### **Ligeovânia de Moura Andrade**

Professora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) de Teresina (PI).

E-mail: ligiandrade2017@gmail.com

### **Liziane Kelly do Nascimento Soares Santiago**

Graduada em Letras - Espanhol pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Atualmente é Professora na Unidade Escolar Governador Pedro Freitas, em José de Freitas (PI).

E-mail: likellysantiago@gmail.com

### **Maria do Socorro Leal Lopes**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestra em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Planejamento Educacional (UFPI) e em Supervisão Escolar (UFPI). Licenciada em Pedagogia (UFPI). Professora Associada da Universidade Federal do Piauí, atuando no Curso de Pedagogia do Centro de Ciências da Educação (CCE) e no Programa de Mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física, do Centro de Ciências da Natureza (CCN/UFPI). Professora Colaboradora do Mestrado em Saúde e Comunidade, do Centro de Ciências da Saúde (CCS/UFPI). Membro (vice-líder) do Núcleo de

Estudo, Pesquisa e Extensão Sobre Formação de Professor e Práticas Educativas (NEFORPE).

E-mail: mslealopes@ufpi.edu.br

### **Maria José Almeida Mascarenhas**

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Professora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) de Teresina (PI).

E-mail: mazemascarenhas66@gmail.com

### **Maria Lemos da Costa**

Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Monte Negro (FAM). Licenciada em Normal Superior pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e em Pedagogia pela Faculdade Latino-Americana de Educação (FLATED). Professora Adjunta do Centro de Ciências da Educação do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (CCE/DMTE/UFPI). Membro do Núcleo de Pesquisa sobre Formação e Profissionalização em Pedagogia (NUPPED/UFPI). Atuou como formadora do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), de 2014 a 2017. Membro colaboradora do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia - UFPI. Recebeu o Prêmio Professor Rubens Murillo Marques, pela Fundação Carlos Chagas (FCC), em 2020, pela participação no projeto ‘Tempo de Alfabetizar com textos: contribuições para a aprendizagem da leitura e da escrita’, vinculado ao PET/Pedagogia - UFPI.

E-mail: marialc08@yahoo.com.br

### **Matheus do Nascimento Silva**

Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Egresso do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia - UFPI.

E-mail: matheusilva92@outlook.com

**Mikaely Havena Paulino de Figueredo**

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

E-mail: mikaelydefigueredo@gmail.com

**Paloma Brito Pinheiro**

Professora da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) de Luís Correia (PI).

E-mail: palomapinheiro@hotmail.com

**Pedro Victor Góis Maciel**

Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (PPGED/UFPI). Licenciado em Pedagogia (UFPI) e Bacharel em Enfermagem pela Faculdade de Tecnologia e Educação Superior Profissional (FATESP). Membro do Núcleo de Pesquisa em Educação, Formação Docente, Ensino e Práticas Educativa (NUPEFORDEPE/UFPI). Egresso do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia - UFPI.

E-mail: macielpedro@ufpi.edu.br

**Robisreyla Barros Oliveira**

Professora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) de José de Freitas (PI).

E-mail: reylabarro@yahoo.com.br

**Ronni Cássio da Silva Araújo**

Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia - UFPI. Membro do Núcleo de Estudos sobre Formação, Avaliação, Gestão e Currículo (NUFAGEC/UFPI).

E-mail: ronnicassio.pedagogo@gmail.com

**Sara Alves Monteiro Pinto**

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

E-mail: sara.nd.1946@gmail.com

**Suyanne Cunha Bittencourt**

Graduada em Pedagogia e em Letras - Libras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Gestão, Coordenação e Supervisão Escolar pela Faculdade Cristo Rei (FAC-CREI).

E-mail: suyannebittencourt@gmail.com

**Talita de Sousa Rodrigues**

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Egressa do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia e do Programa Institucional de Bolsa de Inicialização à docência (PIBID). Membro do Núcleo de Estudos sobre Formação, Avaliação, Gestão e Currículo (NUFAGEC/UFPI). Atua como professora da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

E-mail: talitarodrigues.tr@outlook.com

**Tâmia Letícia Hashiguchi**

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Egressa do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia - UFPI.

E-mail: letimi36@gmail.com

**Tarciane Maria Moraes de Araújo**

Professora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) de Teresina (PI).

E-mail: tarci\_moraes@hotmail.com

**Tatiana de Jesus Sodré**

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

E-mail: thatyanasodre46@gmail.com

**Wirla Risany Lima Carvalho**

Doutora e Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Psicopedagogia Clínica e Institucional (UFC). Bacharel em Ciências Contábeis (UFC). Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Kurios (FAK). Professora Adjunta do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE), do Centro de Ciências da Educação (CCE), da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Pesquisadora nos grupos de pesquisa: FORMAR/UFPI; NUPPEGE/UFPI e GPAP/UFC. Sócia da Associação Francófona de Pesquisa Científica em Educação - Seção Brasileira (AFIRSE).

E-mail: profawirlacarvalho@ufpi.edu.br

As(os) organizadoras(es), Hilda Mara Lopes Araujo, Francisco Renato Lima, Ronaldo Albano Matos, Francisca Marília Silva Mendes, Armennia Vitória Araújo Santos e José Renato Sales da Silva, também são autoras(es).





ESTA OBRA FOI COMPOSTA EM MINION E IMPRESSA PARA A  
EDITORA CANCIONEIRO EM SETEMBRO DE 2024.